



UM CABRA CHAMADO JEREMIAS

escrito por
Antonio Martines Brentan

DADOS BIBLIOGRÁFICOS DO AUTOR:

Dezembro 2016 - O Tempo não apagou
Fevereiro 2018 - Veredas da Alma
Julho 2019 - Estranho Valores
Junho 2020 - A Vida, A Morte, e o Amor
Janeiro 2021 - Perdão e Recompensa
Janeiro 2022 - Caminho das Pedras
Janeiro 2022 - Onde se Esconde a Felicidade
Janeiro 2023 – Um Amor de Verdade
Janeiro 2023 – Conhecimento, nosso maior Tesouro
Janeiro 2023 – A força do amor
Janeiro 2024 – Romances no Agreste
Janeiro 2024 – De Volta ao Passado
Janeiro 2024 – Regeneração/ Uma Longa Página
da História de Oscar Julião
Janeiro 2024 – Um Estranho Amor de Mãe
Janeiro 2024 – Tempos Melhores Virão
Janeiro 2024 – Recomeçar, para ser feliz
Fevereiro 2024 – A frágil justiça dos homens
Março 2024 – Um lugar chamado Caprinos
Julho 2024 – Guiados pelas mãos do destino
Abril 2025 – Filhos, esses nossos desconhecidos
Abril 2025 – Coletânea de Prefácios e Introduções
Junho 2025 – O Caminho da Verdade
Agosto 2025 – Cortinas Sobre a Mente e o Passado
Setembro 2025 – Ira e o Índio Ari
Outubro 2025 – Vidas Cruzadas
Dezembro 2025 – Somos Apenas o que somos

UM CABRA CHAMADO JEREMIAS

escrito por

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião Pontal - MG

Janeiro de 2026

Primeira edição | Janeiro de 2026

Copyright © 2026 *by*

Antonio Martines Brentan

Dados para contato com o autor: Antonio Martines Brentan
Av. São Sebastião, 564 - CEP 38292-000 - São Sebastião Pontal - MG

Copyright © [Todos os Direitos Reservados 2026] Essa obra possui Direitos Autorais reservados ao autor. É expressamente proibida toda e qualquer reprodução [cópia] republicação, transmissão, modificação, adaptação ou qualquer forma de utilização das imagens, textos, documentos, arquivos e fotos, no todo ou em parte, sem autorização prévia [por escrito] do autor ou toda e qualquer utilização considerada abusiva ou indevida deste material será penalizada e sofrerá as sanções previstas em Lei.

Diagramação e composição: Marcos Ferreira

Revisão gramatical: Autor

Capa e composição: Marcos Ferreira

Revisão do Projeto: Zara Lúcia

. . .

Disponível online

<https://www.antoniomartinesbrentan.com.br>

UM CABRA CHAMADO JEREMIAS

escrito por

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião Pontal - MG

Janeiro de 2026

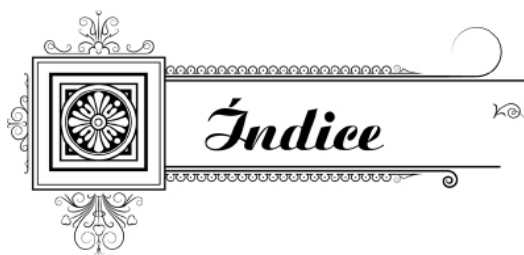
**Dados Internacionais de Catalogação
na Publicação (CIP)**

B839c Brentan, Antonio Martines.

Um cabra chamado Jeremias / Antonio
Martines Brentan. - São Sebastião do Pontal,
MG : Edição do Autor, 2026. 254 p.

1. Literatura brasileira. 2. Romance.
3. Espiritualidade. 4. Vida no sertão.
- I. Título.

CDD B869.3



Índice

Dedicatória.....	9
Prefácio.....	11
Introdução	17
As Asperezas da Vida	23
Primeira Viagem de Reconhecimento.....	33
Todo Problema, Requer Solução	41
Fazendo Amigos, e Obtendo Ajuda.....	47
Azar de Um, Sorte de Outro.....	53
As Regras de Sr. Conceição.....	61
Oportunidade de Mudar	67
Novos Vizinhos.....	73
A Premonição de Jeremias	81
A Modéstia é Uma Virtude	89
O Milagre da Produção.....	97

O Frágil Produtor Rural	103
O Rico Pobre	111
A Solução é Criar Porcos.....	119
O Golpe da Mandioca	125
Controle de Produção.....	131
O Flagelo da Seca.....	139
Os Estragos do Temporal	149
Menino ou Menina?.....	159
Cada Um. Acredita no Que Quiser	165
O Nascimento de Bárbara.....	171
Nada Como, o Perdão Recíproco.....	179
Sete Cabeças, Pensam Melhor Que Uma.....	185
A União Faz a Força	193
Vitória Para os Colonos.....	201
Um Passeio Interessante.....	209
Natal em Comunidade.....	219
Os Preparativos Para o Dia de Natal	227
As Boas Intuições Devem Ser Reveladas.....	231
Conversas em Família	239
Epílogo	245



Dedicatória

DEDICO O PRESENTE ROMANCE, ao casal muito especial, Sr. Rodolfo Nogueira e Dona Elza Nogueira, (ela, in memória), que tivemos a felicidade de conhecer, e conviver por alguns anos. Quando deixaram sua residência na cidade de Votuporanga – SP, e vieram residir no Sítio Quatro Netos, de sua propriedade, aqui em São Sebastião do Pontal – MG. Não obstante o trabalho que realizaram, durante três décadas, nas searas espíritas, na cidade de Álvares Florence – SP, como trabalhadores incansáveis,

apesar da idade, participaram ativamente, durante o tempo que aqui permaneceram, dos singelos trabalhos que realizamos em nossa Casa Espírita Alan Kardec. A eles seremos eternamente agradecidos, não só pelo que fizeram, principalmente pelos exemplos que aqui deixaram, de pessoas simples e humildes, mas extremamente fortes, devido a fé inabalável em Deus, e na espiritualidade, de que eram, e continuam sendo portadores.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 01/12/2025.



Prefácio

A LEI DO PROGRESSO, É UMA constatação tão óbvia, que não se justifica querer demonstrá-la. Ela está presente em nossas vidas, em todos os aspectos, para não percebermos, seria necessário se não dispuséssemos dos órgãos dos sentidos, principalmente da visão. O mundo material por força das Leis do Trabalho e Progresso, está em constantes alterações. Essas modificações, aos poucos vão influenciando nossos hábitos, comportamentos, valores, conhecimentos, crenças, nossa própria inteligência, entre

outros. O nível de evolução de um mundo habitado, está diretamente em consonância com o nível evolutivo de sua população. Obstante não percebermos de imediato, todas essas mutações se processam lentamente em nossas vidas.

Deveríamos ser muito gratos que sejam assim, é justamente através dessas alterações e modificações que evoluímos, uns mais rapidamente, outros menos, mas todos indistintamente evoluímos. Dizer que a cada dia nos tornamos melhores, não ousaríamos, muito embora essa é a razão para que tudo isso aconteça. A Lei do Progresso nos oferece, todos os meios para que nos tornemos seres melhores a cada dia, nos disponibilizando um manancial de informações, que foram se acumulando ao longo das civilizações sucessivas. Apesar de nossa racionalidade, somos seres imperfeitos, falíveis, tendenciosos, desobedientes, inseridos num mundo de provas e expiações, onde o bem e o mal, sempre estiveram presentes, convivendo em desarmonia, um ao lado do outro, tentando aniquilarem-se reciprocamente. O progresso da humanidade é lento, perceptível somente quando o analisamos a longo prazo. Não

obstante surgirem a todo momento, conquistas e descobertas, a evolução moral e espiritual da sociedade, apesar dos esforços de entidades espirituais, e de missionários prepostos abnegados, se realiza muito lentamente.

Mas uma coisa é certa, o mundo de hoje é melhor que o do passado, e o do futuro será melhor que o do presente, essa é a Lei que rege todos os mundos habitados. Muitos podem até discordar, à medida que formos evoluindo, vamos compreendendo. Nossa evolução pessoal está diretamente relacionada, com nossa compreensão, ela se dá através de nosso desenvolvimento intelectual, moral e de justiça. Lembrando que somos seres perfectíveis, um dia no porvir alcançaremos perfeição relativa. Perfeição absoluta é atributo exclusivo do Criador.

Faz-se oportuno esclarecer um detalhe, que muitos ainda confundem e não compreendem, quando atribuem a JESUS CRISTO, a condição de DEUS. Sem prejuízo da relevância da missão, que Jesus Cristo realizou para orientar a humanidade. Para melhor compreensão, é necessário entender que são Seres distintos.

Nos Evangelhos essa distinção está bem explícita, em Mateus, 7.11 e 5.48, em Lucas 11.13, em Marcos 10.17.23, Quando Jesus deixa bem claro que Sua bondade é relativa, bondade suprema é atributo exclusivo do Pai (Deus)

Em João 7.16-18, João 12.44-49, e João 12.49-50. Quando questionado sobre as coisas que falava e ensinava, Jesus deixa bem claro, que todas as coisas que falava eram em nome do Pai (Deus)

Em Mateus 6.9-13, Na Oração do Pai Nosso, Ele faz entender que nosso Pai, inclusive Dele, é (Deus), que está no céu.

Em Lucas 23.46, Quando Jesus estava na cruz, no momento de Sua morte, teria clamado ao Pai (Deus), em Tuas mãos entrego Meu espírito.

Outro equívoco que se comete quando dizem: “Santa Maria, mãe de Deus”, e não “Santa Maria, mãe de Jesus”, são detalhes aparente sem importância, mas que sem dúvida dificulta o entendimento e confundem as pessoas.

Importante que se entenda que DEUS, é o Ser supremo, Criador de todas as coisas, existiu desde sempre, e existirá para sempre. Não foi criado, e sim

Criador por excelência. Perfeição suprema e absoluta em todos os atributos.

JESUS CRISTO, Espírito de escol, que participou e acompanhou a formação física do planeta Terra, todo seu processo de civilização, encarnou aqui em missão, a serviço do Pai (Deus), para orientar a humanidade terrena, das verdades Divinas, e assumiu a condição de líder espiritual, ou governador e protetor espiritual do planeta Terra.

Essas informações são de caráter subjetivo, ou seja, a pessoa acredita se quiser, já dissemos em algum momento, que a pessoa para se convencer, faz-se necessário investigar por si mesmo, estamos apenas revelando nosso modesto entendimento, essa interpretação contribuiu para elucidar antigas incompreensões, ou equívocos, solucionando nossas dúvidas.

Estamos sempre mencionando as Leis Divinas, ou Leis Morais, quando adquirimos noção sobre cada uma delas, perceberemos que estão presentes na vida de todos, quando começamos observá-las, reconhecemos a grandiosidade e a importância, do manancial de informações disponibilizado a huma-

nidade, para compreender o que entendemos por indispensável, se não nos esforçamos para conhecer o elementar, como conseguiremos imaginar o transcendental?

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 08/12/2025.



Introdução

O LUGAR ONDE NASCEMOS E somos criados, depois o lugar que escolhemos para viver, por opção, ou pelas circunstâncias, parece ser obra do acaso, nossa visão é um tanto míope, para compreendermos além. Se retrocedermos nosso passado espiritual, compreenderemos que esses detalhes, são mais complexos do que se imagina, reencarnamos com propósitos específicos, além de promover nossa evolução espiritual, expiar e resgatar dívidas pretéritas, sem percebermos somos conduzidos por forças desconhecidas,

exatamente para junto daqueles que somos credores ou devedores, para facilitar os ajustes, principalmente quando somos ligados, por compromissos de relação.

Nem sempre somos resignados e perseverantes o bastante, para cumprirmos com o que assumimos, em nossa programação de ajustes, isso significa que nossas pendências, poderão não ter sido devidamente solucionadas, como podem ter sido ainda mais agravadas, nesses casos, permanecerão registradas, em prazo de espera, até outra oportunidade. Quando entendermos que todo mal que causamos a outrem, serão passíveis de resgates, que ficaremos comprometidos, procuraremos evitar contrai-los, sempre que surgirem em nosso caminho empecilhos, seja de qualquer natureza, deveremos solucioná-los da melhor forma possível. Temos que ter em mente, que a justiça de Deus, é justa e infalível. Quando a infringimos, ficamos em dívida com a lei, sem entender, essas dívidas permanecem gravadas em nossa consciência, e nos fazem sofrer, até que sejam reparadas, sem imaginar por que estamos sofrendo.

Parece difícil acreditar que seja assim, e muitos poucos acreditam, por essa razão nossa evolução é lenta, e nossas existências são sofridas. “Conheça a verdade, a verdade o libertará”. (João 8.32). Deus em todos os tempos, preocupou-se com os sofrimentos da humanidade, e tem procurado orientar-nos, através de Suas revelações. Sua primeira revelação foi através de Moisés, que pode ser sintetizada nos dez mandamentos (O Decálogo). A segunda através de Nosso Senhor Jesus Cristos, explícitos nos quatro Evangelhos, e em Atos dos Apóstolos (O Novo Testamento). A terceira pelo Consolador prometido, através do Espírito de Verdade, e uma plêiade de Espíritos Superiores, na codificação da Doutrina Espírita, (O Pentateuco). Diria que essas três revelações, formam um todo, que se complementam, em nenhum momento se contradizem, cada uma delas fora revelada a seu tempo, todas em conformidade com Suas Leis. Não obstante terem sido reveladas de forma diferente, de acordo com nível de entendimento da humanidade, nas respectivas épocas. Poucos conhecem esses ensinamentos, e um contingen-

te ainda menor tem a preocupação em observar e praticá-los regularmente.

Na Oração “Salve Rainha”, diz que vivemos em um vale de lágrimas. Nosso mundo já passou pela fase de mundo primitivo, quando foram criados os alicerces das civilizações. No momento estamos vivemos em um mundo de provas e expiações, onde a maldade ainda está presente. Estamos aproximando da fase de Regeneração, onde não haverá mais espaço para maldade humana. Porque todos os mundos habitados, estão destinados a evolução, em João, Apocalipse 21.4 diz: Deus enxugará de seus olhos toda lágrima. Não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor, pois já as primeiras coisas são passadas.

A história que pretendemos discorrer, não apresenta nenhum acontecimento, ou fato extraordinário, porque os componentes são pessoas simples e sofridas, que aceitam as dificuldades da vida naturalmente, sem se rebelarem, estão satisfeitas com o mínimo. Dizer que essas pessoas, da forma como vivem, nada, ou muito pouco evoluirão, particularmente preferimos não tecer nenhum julgamento conclusivo. Entendemos que só o fato, de viverem em paz com os semelhantes,

sem prejudicar ninguém, ajudar quando se tem condições, consideramos um grande progresso. Como dissemos, nossa visão é um tanto míope, para penetrarmos a situação espiritual de cada ser. Por essa razão Jesus aconselhou que não julgássemos. Principalmente quando proferiu essas palavras, no Sermão da Montanha: “Os últimos serão os primeiros, e os primeiros serão os últimos” (Mateus 20.16)

Nossa intenção é despertar a nós mesmos, e ao leitor para essa reflexão: “Tudo que estamos fazendo, a maneira como estamos agindo, a vida que escolhemos viver, estão contribuindo ou prejudicando o nosso futuro espiritual”. De uma coisa temos certeza: “A questão é mais complexa do que imaginamos”.

Como dissemos no prefácio, o mundo de hoje é melhor que o do passado, e o do futuro será melhor que o do presente, essa é a Lei que rege todos os mundos habitados.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 15/12/2025.





As Asperezas da Vida

E STÁVAMOS NA DÉCADA DOS anos trinta do século passado, em pleno agreste do sertão nordestino, mais especificamente no Estado de Pernambuco, em uma região distante, isolada e completamente desabitada. Nesse local fora encontrado alguns poucos vestígios, de que um grupo de pessoas, a muito tempo atrás passaram por lá, deixando como provas, uma pequena clareira, sinais de queima de madeiras, um fogão improvisado sobre pedras. Deduzimos que perceberam que ali, não conseguiriam sobrevi-

ver, talvez devido a quantidade de pessoas do grupo, debandaram para outras paragens, em busca de uma região mais favorável, para conseguir alimentos de subsistência, que consistiam em retirar da natureza, o que fauna e a flora silvestres pródigas, pudessem oferecer, sem se dar ao trabalho de plantar e colher. Diríamos que era um grupo de nômades, que andavam pelos sertões, procurando por um lugar onde pudessem se refugiar e se estabelecer.

Jeremias e Odete eram apenas um casal de marido e mulher, ele com vinte e cinco anos, ela com menos de vinte, ainda não tinham filhos, apesar de estarem juntos a mais de dois anos, que na condição de fugitivos, foram forçados, encararem as asperezas da caatinga, e o calor do sol causticante, para não morrerem, pelo fato de ambos sob o efeito do álcool, terem desacatado a esposa do Coronel Salustiano, um homem considerado prepotente e violento, dono daquelas terras, onde moravam e trabalhavam, era uma espécie de aldeia, onde moravam várias famílias. Que ao lado de sua esposa Dona Santinha, que de santa, tinha apenas o nome. Mantinham sob regime de semiescravidão, as famí-

lias que ali residiam, praticamente cativas, porque estavam impedidas de deixarem aquela comunidade, enquanto estivessem na condição de devedores do Coronel. E essa era a situação de todos ali, pelo fato de serem obrigados comprarem suas cotas de alimentos, no único empório ali existente, de propriedade do Coronel, mediante retenção de seus salários, para pagamento de uma dívida, que aumentava, à medida que o tempo passava, portando, impossível de ser liquidada. Pelo fato do valor de seus salários, serem inferiores aos de suas despesas elementares.

O fato teria acontecido quando Dona Santinha, teria ido a casa que o casal morava, em uma manhã de domingo, único dia da semana que tinham para descanso, convocá-los para trabalhar na fábrica de farinhas, eles teriam se negado atendê-la, pois ainda estavam sob o efeito, da bebedeira que realizaram durante à noite, visivelmente percebida, Dona Santinha os teriam censurados com palavras duras, humilhantes e ofensivas, classificando-os de bêbados vagabundos. Jeremias instigado pela esposa, ameaçou espancá-la com o cabo de

uma vassoura, se não se retirasse imediatamente. Dona Santinha voltou para casa, ofendida em sua dignidade de patroa, os denunciaram ao marido, dizendo que havia sido agredida pelo casal, Coronel Salustiano em represália, mandou prende-los em uma espécie de calabouço, existente no porão, no subsolo da casa grande, onde moravam, sem água e comida, dizendo que somente na segunda-feira, decidiria o que faria com eles.

Tiveram o restante daquele dia, para se recuperarem da bebedeira, quando anoiteceu, Jeremias e Odete conseguiram fugir, por um buraco que fizeram, em uma das paredes, foram às escondidas até a casa em que moravam, pegaram algumas roupas, alguns condimentos e mantimentos, alguns utensílios de cozinha, duas cabaças com água, sua foice e seu facão. Pelo sim, pelo não, sorrateiramente, sem serem percebidos pelos cachorros da fazenda, conseguiram fugir assim que escureceu de vez, evadiram rapidamente do local, penetraram caatinga adentro, para distanciarem o mais rápido possível, para não serem recapturados. Sabiam que assim que descobrissem, seriam perseguidos, Coro-

nel possuía capangas e cachorros farejadores, caso fossem encontrados, seriam executados ali mesmo, no meio do mato, e ficaria tudo por isso mesmo, esse era o sistema usado pelo Coronel Salustiano.

Faz-se oportuno dizer que à essa época, grupos de cangaceiros pululavam aqueles caminhos, montados em seus cavalos. Jeremias deliberou que andariam somente pelos matos, caso fossem pelos caminhos e encontrassem um bando de cangaceiros, estariam igualmente condenados, esse também era o sistema usado pelos cangaceiros, era uma maneira estranha de se divertirem. Ao passarem próximos a um roçado de mandiocas, pediu a esposa que o esperasse, enquanto ele fora até lá, retirou as raízes de dois pés, e um feixe de ramas, e algumas favas secas de feijão catador. Odete quis saber para que levar aquela quantidade de ramas, ele disse apenas: – Para plantar.

Dessa forma foram ganhando distância, paravam para descansar e se alimentar, em lugar onde houvesse água, depois enchiam suas cabaças, e retomavam a caminhada, agora mais tranquilos, caminhavam em passos mais cadenciados, e cada

vez mais, penetravam sertão adentro. Depois de andarem alguns dias, seus alimentos começaram escassear. Foi quando chegaram nessa região, onde encontraram vestígios, que a muito tempo atrás, por ali havia passado um grupo de pessoas, deixando como provas, uma clareira bem capinada, sinal de fogueira, e um fogão construído com pedras, próximo a uma várzea, muito verde e exuberante, se comparado as outras paisagens dos espigões, nesse lugar existia uma vala seca, por onde passava um córrego, que corria somente em épocas de chuvas, depois permanecia seco, pelo restante do estio, naquela época estava seco, mas Jeremias concluiu, se cavassem seu leito trincado pelo sol, a certa profundidade haveriam de encontrar água. Cansados e estropiados pela fadiga da longa caminhada, resolveram construírem nessa clareira uma cabana, com paus do cerrado e folhas de palmeiras, e ficarem nesse local por algum tempo.

Feita a cabana com esses recursos da natureza, paus do cerrado, e folhas de palmeiras, principalmente o buriti, o babaçu, amarradas com cipó, que existiam em abundância. Foram a procura de água,

Jeremias com seu facão, fez uma espécie de pá, de madeira resistente, sulcava a terra do leito do córrego com sua foice, em seguida retirava a terra com a pá de madeira, Odete sempre ao seu lado ajudando, ora com a foice, ora com a pá, não demorou muito haviam perfurado mais de um metro de profundidade, encontraram umidade, que ia dissolvendo a terra dos barrancos, assoreando o buraco conforme aprofundava. Com ajuda da esposa, foram em busca de pedras, passaram calçar os barrancos com as pedras, e continuaram cavando, aprofundando ainda mais, logo a água brotou forte do fundo da terra, acumulando no fundo do buraco cavado, o problema da falta de água havia sido resolvido.

Jeremias e Odete eram pessoas grosseiras e rudes, que se alimentavam de qualquer vivente que pudessem capturar, como bichos do mato, aves do céu, ou viventes das águas, que por lá quase não existiam, devido a ausências de rios perenes. Os dois muito pouco se falavam, raramente ainda tomavam banho, mesmo quando dispunham de água para isso, dormiam um ao lado do outro, sobre o chão batido sem nenhum problema, mas resolveram construir em sua

nova moradia, duas camas de embiras, elevadas do chão, sobre forquilhas, devido a presença de cobras e outros insetos peçonhentos, de hábitos noturnos, que circulavam pelo chão da cabana. A natureza pródiga do lugar, não teria dificuldades para garantir suas sobrevivências, bastava terem disposição para procurar. A abundância de palmeiras e árvores frutíferas nessa área, era uma das fontes de alimentos, fornecendo frutos e palmitos.

Com a presença de água na cacimba, e a incerteza de quando as chuvas chegariam, Jeremias deliberou cavar a terra seca e dura da clareira, para plantar as mudas de mandioca, que havia trazido com sacrifício, antes que elas se perdessem, bastava molhá-las todos os dias, para que brotassem, se tudo corresse bem, no prazo de seis meses, teriam mais uma fonte de alimento. Conforme imaginaram, todas as manhãs encontravam acumulado no fundo da cacimba, água suficiente para encher as cabaças, para o consumo, e regar as mudas de mandioca, e as covas de feijão que haviam plantado. Em curto espaço de tempo, sua plantação começara germinar.

É quase inacreditável, que duas pessoas consigam sobreviver, com aqueles poucos e limitados recursos. Diria que aquele casal, além de jovens e saudáveis, estavam acostumados viverem com o pouco, a própria natureza os ensinara, que para se viver não necessitamos de muito, apenas o essencial. Na vastidão daquelas terras, se procurassem encontrariam prodígios, árvores e plantas rasteiras, que mesmo sem a presença de chuvas, conseguiam produzir seus frutos, Deus em Sua imensa bondade e sabedoria, as fez assim, não com a finalidade de alimentar ao homem, mas a vasta criação de seres que criou, para povoar e compor a natureza que idealizou. E miríades de animais e aves, encontravam na natureza, mesmo ressequida pela longa estiagem, seus alimentos de cada dia. Um detalhe que devemos observar, assim como os vegetais, todos os animais indistintamente, laboram para suas sobrevivências, inclusive têm a preocupação em estocar alimentos, na eventualidade de não poderem conseguir, a exemplo da formiga e da abelha, nos dias frios ou chuvosos, se nutrem dos alimentos estocados.

Não conseguimos entender, por que o ser humano portador de tantos atributos, às vezes encontram tantas dificuldades para obter o seu sustento, ou as coisas que desejam possuir, e se apropriam ilicitamente do produto do esforço de seu semelhante, e até são capazes de presenciar um filho incapaz, definhar-se fustigado pela fome, sem fazer nada para solucionar a situação.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 02/12/2025.



Primeira Viagem de Reconhecimento

E SSE NÃO ERA O CASO DE JEREMIAS e Odete. Não obstante as dificuldades que estavam enfrentando, poderíamos dizer que estavam mais satisfeitos e felizes, de quando moravam na aldeia do Coronel Salustiano. O homem animal racional, prescinde de liberdade, e lá eles não a tinham, viviam sob o jugo dos patrões, tratados como se fossem propriedades deles. Moraram e trabalharam lá durante dois anos, e saíram praticamente com a roupa do corpo, assim como quando lá chegaram, dois anos praticamente perdidos.

O isolamento não é próprio do ser humano, apesar de estarem agora em um lugar desconhecido, certamente se saíssem caminhando em alguma direção, haveriam de encontrar um povoado, onde pudessem levar seus produtos, vende-los, e com o dinheiro adquirir o que necessitavam, por exemplo, uma caixa de fósforos. Na cabana de Jeremias e Odete, existia uma fogueira que tinha de ser abastecida continuamente, se perdessem aquela chama, certamente não seria fácil obtê-la de volta. O sal para temperar os alimentos, e tantas outras pequenas coisas, aparentemente simples, que um homem comum, sabe que existe, mas não consegue produzir.

Depois de dois meses ali morando, no mais completo isolamento, Jeremias convidou a esposa para saírem em determinada direção, caminhariam em linha reta, na esperança de encontrar uma alma humana, ou quem sabe um povoado, levavam alguns trabalhos feito manualmente, para quem sabe trocá-los por alguns quilos de sal, ou algumas caixas de fósforos. Deliberaram que andariam o dia todo, se não encontrassem nada, pousariam, e fariam o

caminho de volta no dia seguinte. Para isso levavam água e comida.

Levantaram antes que o sol aparecesse, munidos com seus apetrechos, puseram-se a caminho do desconhecido, depois de andarem algumas horas, chegaram em uma fazenda, onde moravam muitas pessoas. Era tudo o que queriam, obter informações. Foram em direção a uma casa que ficava um pouco afastadas das demais. Era uma casa de pau a pique, cercada por árvores frondosas, com o latir dos cachorros o morador saiu para recebê-los, e foi logo cumprimentando. Jeremias foi logo se explicando:

— Estamos à procura de um vilarejo, onde exista ao menos um empório de secos e molhados, o amigo poderia nos informar se conhece algum?

— É somente isso que desejam?

— No momento é o que estamos procurando.

— Aqui na fazenda existe um desses, pertence ao proprietário da fazenda, Sr. Conceição, vocês são novos nessa região?

— Nos mudamos a dois meses, moramos em um lugar bem isolado, não conhecemos ninguém por aqui.

— Vocês já almoçaram?

— Ainda não, mas trouxemos nossa comida.

— Então se achem, almocem, depois vou com vocês até a venda.

— Podemos almoçar debaixo dessas árvores?

— Podem, mas se quiserem entrar, poderão sentar-se à mesa para almoçar.

— Obrigado, aqui está muito bom. À propósito qual vosso nome?

— Me chamo, Miguel Arcanjo.

— Meu nome é Jeremias, minha mulher chama-se Odete.

Sr. Miguel se retirou para que ficassem bem à vontade, não ofereceu água, porque viu que cada um, trazia sua cabaça. Assim que terminaram de almoçar, chamaram pelo dono da casa, assim que ele chegou, Odete perguntou: – O Senhor tem esposa?

— Tenho, mas infelizmente ela está doente, a alguns dias está deitada na cama, e não consegue se levantar.

— É que gostaria conhecê-la e dar a ela um presente.

— Pode ir até lá, está no quarto, deitada sobre a cama.

Odete pegou uma cesta, feita com folhas de buriti, e foi até lá. Chegou à porta do quarto expiou, perguntou: – Posso entrar?

— Pode, quem é você?

— Sou Odete, estamos de passagem, queria dar a Senhora essa cesta de palha, foi eu mesma que fiz.

— Muito obrigado, é uma bonita cesta. Como é seu nome?

— Odete, agora vou indo, meu marido está me esperando, vamos até o empório.

Odete saiu rapidamente, nem perguntou o nome da mulher, nem o que estava sentindo, assim que chegou, os três saíram caminhando, em direção ao local onde ficava o armazém de Sr. Conceição. Lá chegando Jeremias foi apresentado ao comerciante, pelo Sr. Miguel, e foi logo dizendo:

— Estamos precisando de algumas poucas coisas, como não temos dinheiro, trouxemos essas mercadorias para trocar.

Imediatamente com ajuda da esposa, colocaram sobre o balcão dezenas de produtos de artesanatos,

feitos com folha de buriti, com cipó do mato, e capim do brejo. Sr. Conceição perguntou: – O que vou fazer com isso tudo?

Jeremias respondeu timidamente: – Poderá vender aos seus fregueses, precisamos apenas de dois quilos de sal, um maço de caixas de fósforos.

— Mas vossa mercadoria vale mais que apenas isso. Vamos fazer assim, vocês vão me dizendo o que precisam, quando achar que atingiu o preço de vossa mercadoria eu aviso.

Então Jeremias e Odete foram pedindo: – Sal, fósforos, arroz, farinha, feijão, açúcar, banha de porco.

Como o vendeiro continuava pegando as mercadorias, sem dizer nada, continuaram pedindo: – Cachaça, fumo de corda, barra de sabão, café, jabá.

Então Jeremias fez um sinal para Odete, para que não pedisse mais nada, Sr. Conceição perguntou: – Isso é tudo que precisam?

Jeremias muito acanhado, disse: – Tem só mais uma coisa, se achar que pode, gostaria levar uma enxada.

O vendeiro fez um cálculo mentalmente, e disse: – Se assim estiver bom para vocês, vou dar como

brinde mais um litro de cachaça, e um saco de pano, vai servir para levar as compras.

— Muito obrigado Sr. Conceição, estamos muito satisfeitos.

Quem olhasse para Jeremias e Odete, perceberiam que estavam muito felizes. Sr. Conceição perguntou: – Vocês moram aqui por perto?

— Não Senhor, moramos longe, chegaremos em casa, somente à noite. Isso se não abrirmos o litro da cachaça pelo caminho.

Odete disse: – Isso é que não, somente quando chegarmos em casa.

Sr. Conceição depois de colocar tudo dentro do saco de pano, disse: – Acho que sua esposa está certa, deixem para abrir o litro de cachaça quando chegar em vossa casa, mas tomem apenas um goli-nho, assim os dois litros darão para muitos dias.

Se despediram como se fossem dele, um parente muito próximo, Jeremias disse: – Qualquer dia voltamos, estamos muito satisfeitos em conhecê-lo.

Jeremias procurou e não viu mais Sr. Miguel, colocou o saco sobre os ombros, acompanhado por Odete, que levava em suas mãos, as duas cabaças,

e a matula do almoço, que estava vazia. Pegaram o caminho de volta, apesar do sol quente, teriam que andar mais rapidamente, caso escurecesse, seria difícil encontrar a cabana onde moravam, perdida na vastidão daqueles gerais.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 03/12/2025.



Todo Problema, Requer Solução

AS COMPRAS QUE FIZERAM deveriam pesar no mínimo dez quilos, depois de uma légua de caminhada, em passo acelerado, sob sol escaldante, deveriam estar pesando vinte quilos, Jeremias era jovem e forte, mas não resistiu quando passou próximo a uma árvore frondosa, desceu o fardo, depois atirou-se no chão fresco. Odete que estava dezenas de metros atrás, arcada com o peso das cabaças, foi chegando, entregou uma cabaça para o marido, tomou um gole de água, e se deitou na sombra. Ambos estavam muito cansados

e suados, como dissemos, eles quase não conversavam, mas Jeremias perguntou: – Você estava falando sério, quando disse que abriríamos o litro de cachaça, somente quando chegássemos em casa?

— Estava sim, e fechou a cara para o marido.

Ele pegou o litro no saco, e ficou rolando com ele entre as mãos, admirando a beleza daquele vasilhame bem torneado, e o líquido branquinho, precioso, se movendo em seu interior, depois falou: – Sabe que gostei do Sr. Conceição, achei que não aceitaria comprar nossas cestas, da próxima vez temos que levar coisas diferentes.

— É verdade, já pensou se chegarmos lá, e o coitado não ter vendido nenhuma delas, não vai querer comprar novamente.

— Por isso temos que levar, coisas diferentes, que as pessoas interessem comprar. Vamos andando que falta muito para chegar.

Jeremias levantou-se, tomou mais um gole de água, colocou o saco de volta sobre os ombros, e continuou caminhando. O mesmo fez Odete, acompanhar as passadas de Jeremias não era fácil, às vezes tinha que correr para alcançá-lo.

O céu estava turvando quando perceberam que estavam chegando, daí para frente, mesmo na escuridão não perderiam o rumo da cabana, ela estava lá bem na baixada. Assim que chegaram, Odete disse ao marido: – Vou cozinhar arroz com jabá, quando estiver pronto, abrimos o litro de cachaça, vamos fazer como disse Sr. Conceição, tomamos apenas um golinho, para durar muitos dias.

No dia seguinte pela manhã, a primeira coisa que Jeremias fez, foi encabar sua enxada nova, depois com uma pedra apropriada, passou esfregar freneticamente em seu corte, na tentativa de afiá-la, na próxima vez que fosse ao empório de Sr. Conceição, não poderia esquecer de comprar uma lima, aí sim conseguiria acertar o corte da enxada. Em sua visão, um homem da roça, sem uma enxada, é praticamente como se nada fosse. Então ficou triste, e foi se queixar a esposa, que estava ocupada no interior da cabana. Parou e ficou olhando a esposa, ela perguntou: – O que aconteceu Jeremias?

— Esquecemos de comprar o principal, as sementes que tanto necessitamos. Agora com minha enxada, poderia fazer um roçado nessa várzea, terí-

amos em pouco tempo, melancia, abóbora, quiabo, beringela, melão, pepino, tomate, e tantas outras coisas. Se tivesse dinheiro, seria capaz de voltar lá sozinho, para comprar as sementes.

Odete ficou pensativa, depois disse: – Você se lembra daquele broche de ouro, que ganhei de minha mãe, quando sai de casa, para morar com você, talvez se entregasse ao Sr. Conceição como garantia, até conseguirmos o dinheiro para pagar as sementes, então ele nos devolveria, ele me pareceu ser boa pessoa.

— Você seria capaz de entregar-me seu broche de estimação, para conseguir as sementes?

— Seria sim, mas diz a ele, que ficaria com ele, até pagarmos as sementes. Depois devolveria, como você sabe, é de estimação.

— Então vou na segunda-feira, logo bem cedo, ao anoitecer estarei de volta com as sementes.

Naquele mesmo dia Jeremias começou capinar a várzea, o solo era escuro, indicando ser muito fértil, assim que o mato capinado fosse secando, seria amontoado em leiras, e entre as leiras, plantaria as sementes. Enquanto capinava ia

pensando, era uma pena morarem em lugar tão isolado, poderia muito bem repartir sua produção com os amigos, mas àquela distância, seria impossível levar uma melancia para o amigo Sr. Miguel Arcanjo, que conhecera, e tinha a esposa acamada.

Assim se passou aquela semana, no domingo à noite, Dona Odete entregou ao marido o broche, que segundo informações, seria de ouro, o fato de Dona Odete ter por ele muita estimação, não era por ser de ouro, mas pelo que representava para ela, a única lembrança material que tinha da mãe, que desde que saiu de casa, nunca mais a teria visto, e nem sabia se um dia voltaria vê-la.

Dona Odete fez ao marido as seguintes recomendações: – Dê uma passadinha na casa de Sr. Miguel, para saber se a esposa melhorou. Observe se Sr. Conceição, conseguiu vender alguma das cestas que deixamos com ele. Não esqueça de dizer, que vou querer meu broche de volta, assim que pagarmos pelas sementes. Procure chegar em casa, antes do anoitecer.

Jeremias disse a ela: – O principal você não falou, para não esquecer de comprar as sementes.

— Não falei, por que você vai até lá, justamente para fazer isso.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 04/12/2025.



Fazendo Amigos, e Obtendo Ajuda

NA SEGUNDA-FEIRA BEM CEDO, Jeremias apropriou-se de uma cabaça com água, uma matula com comida, tomou uma xícara de café, certificou-se que estava levando o broche, se pôs a caminho, andar rápido era sua característica, sozinho tornava-se ainda mais rápido. Antes do meio-dia chegava à casa de Sr. Miguel Arcanjo, lá encontrara somente os cachorros, que latiram, mas logo balançaram suas caudas, reconhecendo Jeremias. Foi até ao empório de Sr. Conceição, o cumprimentou como se dele fosse um

parente próximo, primeiro procurou saber notícias de Sr. Miguel e da esposa. Sr. Conceição disse a ele:

— Sr. Miguel precisou levar a esposa até a cidade de São Bento do Una, se é que a coitada conseguiu chegar lá com vida, em minha opinião não levaria, por ter passado da hora.

— Ela estava assim tão mal?

— Há mais de um mês.

— Qual era o problema dela?

— Ninguém aqui sabe dizer, coisas de mulher.

Jeremias percorreu os olhos pelo empório, não viu as cestas, perguntou: – Não estou vendo as cestas que nos comprou.

— Vendi todas, veio até aqui um caixeiro viajante, se interessou por elas, acabei ganhando alguns trocados. Segundo ele, sua mulher tem uma pequena loja, onde vende esses produtos.

— Quer dizer se trazermos mais cestas, o Senhor troca com mercadorias?

— Podem trazer, mas em menor quantidade, no máximo vinte.

— Vim até aqui para comprar sementes, aquele dia acabamos nos esquecendo delas, como conti-

nuamos sem dinheiro, trouxe esse broche de ouro, para deixar em garantia, até arrumarmos o dinheiro para pagar as sementes.

— Não é necessário, leve as sementes, depois me pague com cestas. Se minha mulher ver esse broche, não vai permitir que devolva, ela é obcecada por joias. Quanto mais tem, mais deseja ter. Já possui um tesouro em joias, comprei até um cofre, para ela guardar todas.

— Então é melhor que seja assim, esse broche foi um presente da mãe, Odete estima a ele, mais que a mim.

— Quais sementes pretende levar?

— Um pouco de cada qualidade.

— Entre aqui para ajudar-me.

De posse de alguns pequenos sacos de papel, Sr. Conceição ia retirando com uma pequena medida, de recipientes que ficavam hermeticamente fechados, as minúsculas sementes, das poucas variedades de plantas que possuía, e colocando nos saquinhos de papel, para decepção de Jeremias, que protestou, dizendo: – O Senhor só tem esses poucos tipos de sementes?

— Dá-se por satisfeito, eu ter essas aí, sementes são caras, as pessoas quase não compram, esse tipo de sementes, elas possuem as sementes que costumam utilizar. Eu vendo mais é semente de milho, feijão, arroz. Mesmo assim, as pessoas quase não compram, quando colhem guarda as sementes para serem plantadas na próxima safra.

— Seria possível levar uma lima de amolar, comprei a enxada e me esqueci de levar a lima.

— Pode sim. Aqui na fazenda mora um Senhor, que cultiva uma pequena horta, seu nome é Sr. Felício, sua casa é a terceira à direita, talvez tenha alguma semente que procura.

— Vou passar em sua casa quando for embora, gostaria de levar sementes de pepino e jiló. Quantas cestas serão necessárias, para pagar a compra das sementes e da lima?

— Apenas cinco cestas, como disse, sementes são caras.

— Então já vou indo, vou passar à casa do Sr. Felício, logo voltarei com Odete, para visitarmos a esposa de Sr. Miguel, fique com Deus.

— Do jeito que estava Dona Alice, quando saiu daqui, não acredito que volte, mas para Deus nada é impossível.

Depois de alguns minutos, Sr. Jeremias batia palmas à frente da terceira casa, saiu um Senhor sexagenário, perguntando o que desejava, Jeremias o cumprimentou, fez um relato da conversa que teve com o dono do empório, e o motivo de estar batendo a sua porta. Sr. Felício o convidou para conhecer sua pequena horta, no fundo do quintal, em menos de cem metros quadrados, Sr. Felício cultivava diversas variedades de verduras e legumes, uma verdadeira fartura. Tirava água de um poço, com uma corda e um balde, para aguar as hortaliças. Além de ganhar algumas sementes, levou também algumas mudas para plantar. Fez mais um amigo, e recebeu inspiração para fazer também sua pequena horta.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 06/12/2025.





Azar de um, Sorte de Outro

JEREMIAS ESTAVA FELIZ VIVENDO naquele lugar com Odete, a única coisa que o entristecia, era a falta de não ter com quem conversar, sempre morou em comunidades pequenas, sempre teve amigos, viver daquele jeito isolado, distante de tudo, os dias eram longos e entediantes. Ele sentia Dona Odete, que gostava conversar e frequentar as casas das amigas, conversando coisas sem importância. Como dissemos ela e o marido, conversavam pouco, só mesmo o necessário, mas passar um dia inteiro sozinha, sem sua

presença, era ainda pior. Não obstante aquela viagem ser cansativa, não pretendia mais ficar sozinha, o acompanharia.

Jeremias chegou ao anoitecer, Odete quis ver o que havia trazido, depois lembrou-se e perguntou sobre a saúde da esposa de Sr. Miguel, Jeremias com a voz embargada, lhe narrou o drama de Sr. Miguel e Dona Alice, segundo Sr. Conceição, o caso era grave, e não acreditava que voltaria com vida. Odete ficou comovida com o que ouviu, disse que iria rezar todas as noites, para que nada de mal lhe acontecesse, tinha fé que ainda haveria de revê-la.

Só muito depois lembrou-se do broche, perguntou ao marido se havia explicado ao Sr. Conceição, que o pegariam de volta, assim que quitassem a compra das sementes. Então Jeremias retirou o broche do bolso e devolveu a ela. Em seguida contou em detalhe, a conversa que teve com Sr. Conceição, que se recusou ficar com a joia, devido a esposa, antes que ela perguntasse, explicou que Sr. Conceição tinha vendido todas as cestas, para uma só pessoa, que as comprou para serem revendidas em uma loja, em uma cidade que ele não

sabia dizer o nome. Todas aquelas informações, aparentemente sem importâncias, para Odete representavam muito. A única coisa que a entristeceu foi saber, que a esposa de Sr. Miguel, não estava bem. Doença de mulher, isso ela desconhecia, nunca tinha ouvido falar nessa doença. Uma mulher ainda jovem, pouco mais adulta que ela. Que assim como eles, ainda não tinham filhos.

Como a área do roçado estava capinada, o mato aleirado, Jeremias não perdeu tempo, no dia seguinte semeou parte das sementes, e plantou as mudas de batata doce, e abacaxis que havia ganhado de Sr. Felício. Agora era regar todos os dias, e esperar que germinassem. E os dias foram se passando, e as sementes compradas por Jeremias, não eram de boa qualidade, somente uma fração delas germinaram, enquanto as que havia ganhado de Sr. Felício, todas germinaram.

Passado um mês que Jeremias havia ido comprar as sementes, Dona Odete havia confeccionado mais de vinte cestas, conversando com o marido decidiram que iriam até o empório de Sr. Conceição, pagariam as sementes, e aproveitariam para saber

notícias de Dona Alice, esposa de Sr. Miguel, que depois de tanto tempo, deveria estar em casa totalmente recuperada.

Ao chegarem à fazenda, foram direto à casa de Sr. Miguel, nenhum cachorro viera recepcioná-los, a casa estava fechada, tudo em silêncio e desolado, Jeremias e Odete tiveram péssimo pressentimento, foram até o empório de Sr. Conceição. Depois de cumprimentá-lo, perguntaram sobre Sr. Miguel e a esposa. Sr. Conceição começou narrar o acontecido:

— Quando Sr. Miguel deliberou socorrer a esposa, particularmente achei que seria muito tarde, como não tinha condições foi adiando. Recorreu a mim, lhe emprestei a quantia que necessitava, arrumou um transporte, e a levou até o hospital, em São Bento do Una, dois dias deitada sobre um colchão, em uma carroça, tracionada por dois burros, chegando lá foi internada, mas Dona Alice não respondeu ao tratamento, dois dias depois veio a óbito. E lá mesma foi sepultada. Daí uma semana, Sr. Miguel apareceu aqui de volta, sem a esposa e sem dinheiro. Disse que não tinha como pagar a quantia emprestada, que iria voltar para onde es-

tavam os parentes. Para que não ficasse com o prejuízo, entregou-me tudo que possuía, que em verdade não valia quase nada, as coisas da casa, vinte galinhas, cinco porcos, e seu roçado de feijão e mandioca, dizendo que da casa, levaria apenas algumas roupas, e não voltaria mais. As galinhas e os porcos já vendi, as coisas da casa e o roçado ninguém os interessa comprar.

Sr. Conceição continuou a narrativa: – Agora não sei que fazer com essas coisas, acaso vocês não gostariam levar as coisas que estão na casa, para desocupá-la? Não cobraria nada por elas, porque é isso o que elas valem.

Jeremias perguntou: – E o roçado de feijão e mandioca, o que pretende fazer?

— Vou mandar abrir as cercas, para o gado comer, para dizer a verdade, nem fui lá para ver como está, se existe mesmo um mandiocal.

— Poderia ir até lá ver esse roçado, talvez exista alguma coisa que se possa colher no futuro, é só pedir para alguém nos acompanhar.

— Esperem aqui, vou chamar Samuel, para ir com vocês até lá. Eu não posso ir, devido ao empório.

Logo Sr. Conceição chegou acompanhado de um menino negro, disse: – Esse é Samuel, ele vai com vocês até o roçado de Sr. Miguel.

Dona Odete não tinha atinado, qual era ainda a intenção do marido, seu interesse em conhecer esse roçado, apesar do cansaço resolveu ir com eles. O roçado de Sr. Miguel era uma boa quadra de terras, uma parte ocupada pelo mandiocal em formação, três partes pelo feijão ainda bem novo, caso desse uma ou duas boas chuvas, poderia vir produzir algumas sacas. Dona Odete o questionou perguntando: – Qual seu interesse nessa roça, se moramos a léguas daqui?

— Estou pensando vir morar aqui, o que você acha?

— Acho que Sr. Conceição não vai consentir.

— É o que também acho, não custa nada tentar. Vou fazer uma proposta a ele.

— E nossa casa?

— Aqui teríamos mais que lá.

Chegando de volta, Sr. Conceição chamou Samuel, deu a ele um pedaço de rapadura, ele saiu sorridente comendo o pedaço do doce. Jeremias e

Odete aproximaram do balcão do empório, esperou que atendesse a um freguês, assim que desocupou, Jeremias perguntou:

— Que negócio o Senhor faria, se eu e Odete, viéssemos ocupar o lugar de Sr. Miguel, moraríamos na casa e cuidaríamos do roçado?

— Como está a plantação de mandioca e de feijão, de seu roçado?

— Está bem cuidada, dependendo de algumas chuvas, caso chover, acredito que compensará o trabalho de continuar cuidando dela.

— Vocês não gostariam antes, conhecer a casa, e os apetrechos que ele deixou, as portas devem estar destrancadas, vão lá verifiquem tudo, enquanto isso vou fazer uns cálculos, para saber o negócio que posso fazer, lembrando que nada cobrarei pelas coisas que estão na casa.

— Está bem, vamos até a casa, e logo estaremos de volta.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 07/12/2025.





As Regras de Sr. Conceição

CHEGANDO À CASA MODESTA, cercada de árvores frondosas, forçaram a porta da frente, perceberam que estava trancada, foram até ao fundo, a porta estava apenas encostada, entraram, na cozinha existia um fogão à lenha, uma mesa simples com quatro cadeiras, e uma prateleira de madeira, com alguns utensílios de cozinha. No quarto que pertencia ao casal, uma cama de casal com colchão, e um guarda-roupas velho. No outro quarto, uma cama de solteiro com colchão, e na sala apenas uma mesa e quatro cadeiras, em mais bem

estado de conservação, isso era tudo que existia na casa. No quintal, a cisterna com água, corda, balde e carretilha, um paiol pequeno feito de madeira, mais ao fundo um chiqueiro para porcos, feito com paus fincados, e um pequeno galinheiro.

Na avaliação de Sr. Conceição, todas aquelas coisas não valiam nada, mas para quem não tinham nada como eles, significavam muito. Dona Odete, disse ao marido que havia gostado de tudo. Agora somente precisavam saber, o preço que Sr. Conceição cobraria. Retornaram ao empório e o encontraram desocupado. Sr. Conceição havia rabiscado em um papel, alguns números, olhando para eles disse:

— Fiz uns cálculos, para meu prejuízo não ser maior, vou cobrar uma quinta parte, o mesmo que cobraria de Sr. Miguel, caso ele não tivesse se mudado, como havíamos combinado, e mais uma quinta parte, como pagamento pelo dinheiro que lhe emprestei, de tudo que o roçado vier produzir, em outras palavras, quarenta por cento do feijão, mais quarenta por cento da farinha, que o mandiocal produzir. Vocês sabem fazer a farinha?

— Sabemos sim, responderam os dois.

— Depois de feita a farinha, retiro meus quarenta por cento, e posso comprar de vocês, a parte da farinha que pretenderem vender. Caso não se interessarem, como disse, podem levar para vocês as coisas da casa, depois vou mandar soltar o gado no roçado.

Jeremias perguntou: — Depois que realizarmos a colheita do feijão e da mandioca, se quisermos continuar morando aqui, quanto nos cobrará na próxima safra?

— O mesmo que cobro de todos os outros colonos, uma quinta parte da produção, têm a liberdade de criarem galinhas e porcos para o consumo, assim como fazia Sr. Miguel.

Jeremias olhou para esposa, e entendeu sua opinião, então respondeu: — Nós aceitamos vossa proposta, quando podemos mudar?

— Quando vocês quiserem, é melhor que tranquilizem a casa, para que ninguém mexa em nada, ao todo aqui, nesse sistema que falei, trabalham mais seis famílias. Outras duas são assalariados, trabalham zelando dos animais, do gado, das cabras, dos

porcos e das galinhas. Zelam dos pastos e das cercas. Eu cuido somente de meu comércio. Quando se mudarem seremos dez famílias morando aqui. Cada uma cuidando de suas coisas, e de suas vidas, não interferindo na dos outros, é possível se viver em paz. No meu comércio não vendo fiado, às vezes troco minhas mercadorias, com galinhas, porcos, e até cestas. Mas nunca vendo fiado, esse é meu modo de trabalhar, todos têm a liberdade de comprarem onde quiserem. Outra coisa que não faço, nem gosto fazer, emprestar dinheiro. Emprestei para Sr. Miguel, por se tratar de um caso de doença, sabia que teria problemas para receber.

Jeremias disse: – Então vamos voltar para casa, pegamos o que conseguimos trazer, e voltamos para arrumar tudo, e cuidar da roça, o feijão está precisando ser capinado, em poucos dias estará tudo limpo.

Ato contínuo Jeremias e Odete se despediram do comerciante, já era começo da tarde, certamente só chegariam à casa à noite. Dessa vez a única coisa que levavam eram as cabaças com água. Os dois estavam felizes, apesar de terem que abando-

nar a cabana que construíram, as mandiocas e as plantas que começavam germinar, no roçado que fizeram na várzea. Mas poriam fim naquela vida de isolamento, distante de tudo, sem ter com quem conversar.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 07/12/2025.





Oportunidade de Mudar

DE POSSE DAS POUCAS COISAS que possuíam, basicamente o que trouxeram quando fugiram da comunidade de Coronel Salustiano, Jeremias e Odete abandonaram o reduto que os abrigaram durante quatro meses, e se puseram a caminho da fazenda de Sr. Conceição, não pretendiam mais ali retornar, era uma caminhada muito longa e sofrida, pisando e se ferindo em espinhos, pelos matos do caminho, sob o sol escaldante. Agora teriam uma cama com colchão para dormir, uma mesa para sentar e fazer as

refeições. E principalmente pessoas para conversar, trocar ideias. Nesses quatro meses, os dois haviam tomado apenas dois litros de cachaça, entenderam que poderiam muito bem viver sem a bebida. Ou, como disse Sr. Conceição, bastava tomar um pequeno gole antes do jantar, isso não os comprometiam. Jeremias pensava consigo mesmo, não gostaria que tivesse sido assim, se beneficiarem com a má sorte de Sr. Miguel Arcanjo, um homem que mal conhecia, que infelizmente teve sua vida arruinada com a doença, e depois a morte da esposa, uma mulher que ele não tivera oportunidade de conhecer. Mas a vida das pessoas, é assim, ninguém sabe o que o futuro nos reserva, afinal todos morreremos um dia, e nada daqui levaremos. Enquanto ele ia caminhando pensando essas coisas, sem perceber ia se distanciando da esposa, ela esforçava mais não conseguia acompanhá-lo, então com seus pensamentos de mulher insegura, também pensava: “Não sei porque Jeremias está com tanta pressa hoje, parece que está querendo livrar-se de mim”.

Então deliberou seguir sua marcha normalmente, ele que sumisse se quisesse, de repente assustou-se,

Jeremias estava sentado à sombra de uma moita a esperando. Ele perguntou a ela:— O que você acha de almoçarmos, e descansar um pouco?

— Vamos encontrar uma sombra melhor.

Caminharam mais um pouco, logo avistaram uma árvore frondosa, sentaram-se e almoçaram, depois do almoço Jeremias disse a ela: – Estive pensando, de agora em diante, não vamos mais beber cachaça, Deus está dando uma oportunidade para mudarmos de vida. Sr. Conceição é muito diferente do Coronel Salustiano, pareceu-me ser um homem justo, que gosta das coisas certas, se agirmos corretamente com ele, acredito que vai nos ajudar.

Dona Odete compartilhava da mesma opinião do marido, disse: – Está na hora de provar para nós mesmos, que também somos capazes, começarmos ter nossos filhos, formar uma família de verdade, e quem sabe um dia poder ir visitar nossas famílias, provar a eles que estavam errados, quando disseram que éramos dois cachaceiros, completamente sem futuro.

Jeremias disse: – Sabe que por muito tempo pensei que seríamos assim, mas agora sinto que nos-

sa vida pode mudar, a gente se deve juntar a pessoas honestas, que não pensam somente em aproveitar do trabalho da gente, e não dar nada em troca.

Não obstante a pobreza daquela região, agreste do sertão pernambucano, onde as secas prolongadas, castigavam sem piedade o trabalhador sertanejo, encontrar um patrão honesto, que tivesse respeito e consideração com seus empregados, era uma raridade, diante de tantos males tratos e humilhações, o trabalhador perde totalmente a satisfação de viver, a vontade de trabalhar, e acaba se entregando aos vícios. Como poderemos testemunhar no decorrer de nossa história, Sr. Conceição era um patrão mais humano, não tinha o hábito de expropriar, ou aproveitar sua posição, para explorar de forma ilícita, seus empregados. Por essa razão, devolvia ao casal Jeremias e Odete, a esperança que era possível, dar um sentido digno as suas vidas.

No começo da tarde, Jeremias e Odete chegaram à casa, juntos começaram a limpeza. Ao longo período que Dona Alice esteve acamada, Sr. Miguel ficara desorientado, como perdido, sem saber se cuidava da esposa, da casa ou da roça, e acabava

não cuidando direito de nada, até os porcos e as galinhas eram esquecidos, sem comida e água nos cochos. A doença é um flagelo que destrutura qualquer família. Principalmente quando não dispõem de recursos para procurar socorro.

No dia seguinte Jeremias se levantou cedo, de posse da cabaça de água, da enxada e lima, fora para o roçado, deixando Odete com o restante da arrumação da casa, dizendo que voltaria para almoçar. Algumas senhoras que moravam próximas, vendo movimentação na casa, vieram com os filhos pequenos, para conhecer a nova vizinha, uma trouxe meia dúzia de ovos, outra um calhamaço de verdura, a esposa de Sr. Jerônimo, que era vaqueiro e carreiro, um vasilhame com leite fresco de cabra, talvez pensando que o casal tivesse filhos pequenos. Todas querendo conhecer, fazer amizade, agradecer e ajudar.

Quando Jeremias chegou para almoçar, já era começo da tarde, encontrou tudo muito limpo e arejado, o almoço quente sobre o fogão, e os presentes das vizinhas, sobre a mesa. Comentaram que aquela comunidade, era bem diferente do lugar onde moraram anteriormente, as pessoas pareciam

ser mais amigas umas das outras, então eles teriam que ser assim, como eles. Jeremias almoçou, descansou um pouco, quando saiu no terreiro para voltar ao trabalho, percebeu nuvens escuras, se formando sobre a linha do horizonte do lado oeste, voltou e disse a esposa:

— Acho que não vou voltar para o roçado, estou achando que vai chover.

Dona Odete, ficou olhando para ele, e pensou “Esse cabra está com preguiça”, saiu no terreiro analisou os quatros pontos cardiais, e encontrou do lado oeste bem longínquo, uma formação de nuvens, voltou e disse ao marido: – Talvez chova à noite ou na madrugada.

Jeremias não disse nada, colocou seu chapéu coco na cabeça, contrariado foi para o roçado.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 09/12/2025.



Novos Vizinhos

AS PREVISÕES DE JEREMIAS NÃO estavam tão corretas, tanto que capinou até o entardecer, mas a tarde se fez mais fechada, quando retornava para casa, ia pensando: “Estou achando que Odete estava certa, quando disse que choveria à noite, ou na madrugada, essa mulher é mais esperta do que pensava”. Chegou em casa, foi cuidar de seus afazeres, mas não comentou nada com a mulher, sobre a possibilidade de chuvas. Depois do jantar, a noite se fez escura mais rápida, Dona Odete abriu a janela que dava para o lado

Oeste, viu que estava relampeando bem distante, disse ao marido:

— Não é que você estava certo, parece que vai chover, está relampeando desse lado, onde o sol se escondeu.

Jeremias se levantou da cadeira, foi até a janela, esperou alguns minutos, viu um relâmpago avermelhado, na linha do horizonte, então disse:

— Acho que você é quem estava certa, a chuva deve chegar somente pela madrugada, vamos nos deitar e esperar por ela.

Desde que se mudaram, Jeremias e Odete compartilhavam a cama de casal, que tinha um confortável colchão, recheado com capim, comparada à cama de embiras, era um verdadeiro paraíso, nem percebiam a noite passar. O sertanejo pobre, quando não tem uma cama com colchão para dormir, costuma fazer camas de embiras ou de varas, ou dormir em redes, que não são nada confortáveis, ou dormir sobre o chão, que além de ser desconfortável, corre-se o risco de ser picado por um inseto ou bicho peçonhentos.

Jeremias acordou na madrugada, foi até a mesma janela, os relâmpagos e as nuvens estavam mais

altas, soprava uma brisa fresca, assim que se deitou, começou ouvir pingos de chuva sobre o telhado, que foram aumentando lentamente. Logo a chuva caiu generosa, como uma dádiva dos céus, para aquele povo sofrido. Jeremias e Odete se levantaram, para ver e ouvir a chuva pela janela, iluminada pelos relâmpagos, que caía abundante e benfazeja, molhando o mundo literalmente. E assim permaneceu até amanhecer o dia. As pessoas e o sertão amanheceram felizes, Jeremias foi até o empório de Sr. Conceição, queria compartilhar a alegria que estava sentindo, lá encontrou companheiros que ainda não conhecia, uns moradores ali mesmo da fazenda, outros de propriedades mais retiradas. O comentário era o mesmo e unânime, aquela chuva não poderia ter vindo, em momento mais propício, todos tinham pequenas lavouras de feijão e milho, entre outros. Isso significava, se desse mais uma chuva, no decorrer de alguns dias, todos colheriam feijão e milho para os gastos do ano.

Sr. Conceição exercia uma espécie de liderança, sobre aqueles homens simples, devido sua idade, que deveria ter mais de cinquenta anos, sua

condição de comerciante e proprietário rural, mas principalmente pela forma como tratava as pessoas, todos igualmente, com respeito, dignidade e consideração.

Atrás dissemos que o homem, como ser racional prescinde de liberdade, acrescentaríamos também, de viver em sociedade, sempre temos algo a aprender e a ensinar às pessoas. Poderíamos dizer que Jeremias e Odete, estavam mais felizes agora, morando ali, na companhia daquelas pessoas, que eram pobres e simples, assim como eles. Muito diferente de quando moravam sozinhos, isolados no meio do nada, foi por essa razão que sentiram necessidade mudarem-se.

Assim como Jeremias resolveu dar seu passeio matinal, até o empório, Odete havia combinado com a vizinha Dona Elsa, esposa do vaqueiro, que gostaria conhecer a esposa de Sr. Conceição, que segundo Dona Elsa, era uma pessoa boa e simples, mas não costumava ir as casas dos vizinhos, assim como o marido. Como aquele era um dia feliz para todos, devido à chuva da madrugada, Odete foi até à casa da vizinha, e lá foram as duas até a casa principal.

Era uma casa grande, mas muito simples, localizada aos fundos do empório, o quintal de terra batida, com algumas árvores, e algumas flores próximas à casa. Dona Elsa bateu palmas na porta da frente, apareceu Dona Tereza, cumprimentando as duas, em seguida convidando que entrassem, a chuva era um evento tão importante, que era assunto até para as mulheres, que assim como seus maridos também estavam felizes.

Poderíamos dizer que Dona Tereza, tinha a mesma idade do marido, em torno de cinquenta anos, muito alegre e simpática, conduziu as duas até uma extensa varanda no fundo da casa, pediu que se sentassem, ofereceu a elas, se gostariam tomar um cafezinho, ambas agradeceram, disseram que já haviam tomado. Dona Tereza quis saber se Dona Odete, tinha filhos, ela sorriu, e respondeu:

— Ainda não Senhora, talvez para o próximo ano, esse é meu desejo e de meu marido, já faz quase três anos que estamos juntos. E a Senhora tem filhos?

— Temos um casal, Otacílio tem trinta anos, é advogado, é casado e tem dois filhos, mora e trabalha em Recife, sua esposa, minha nora chama-se

Isaura, cuida da casa e dos filhos. Nossa filha, que se chama Ana Maria é professora, também é casada, tem duas meninas, seu marido chama-se Jaime, moram e trabalham em Juazeiro do Norte, seu marido é oficial de justiça.

— Eles vêm sempre passear aqui, para visitá-los?

— Estamos esperando que venham agora no final do ano, mas é difícil para eles virem nos visitar, devido ao trabalho, as crianças, e a distância. Em verdade muito pouco convivemos com nossos filhos, foram estudar fora quando eram ainda crianças, e não mais voltaram para morar com a gente.

Dona Elsa intercedeu dizendo: – Mas é assim mesmo, saí da casa de meus pais aos dezesseis anos, agora tenho vinte e cinco, só fomos visitá-los uma vez, isso a mais de cinco anos.

Dona Odete disse: – Desde que saí de casa, nunca mais voltei, assim como meu marido. Essa é outra coisa que desejamos realizar um dia, só não sabemos quando será.

Dona Tereza experiente concluiu: – O que a gente faz aos nossos pais, recebemos de nossos fi-

lhós, e não podemos reclamar, é a situação que obriga que seja assim.

Dona Elsa reforçou, dizendo: – É verdade, cada um tem que viver a sua vida, principalmente quando se casa, e nem sempre acontece de morarmos próximos as nossas famílias, graças a Deus agora minha mãe vai se mudar, para uma fazenda que fica aqui bem próxima.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 13/12/2025.





A Premonição de Jeremias

A CHUVA DA MADRUGADA havia decretado ponto facultativo, quase ninguém foi trabalhar, fizeram ponto de reunião no empório de Sr. Conceição, alguns comemoravam tomando um gole de cachaça, todos ali tinham conhecimento que Sr. Conceição, não tolerava bêbado, o máximo que servia, era uma dose de cachaça, quando o freguês pedia uma segunda, ele se recusava, sugeria que comprasse um litro, e fosse beber longe dali, ou melhor, em sua própria casa. Ali todos conversavam amigavelmente, todos só-

brios, por essa razão nunca fora registrado nenhuma confusão, nenhuma briga que as bebedeiras provocam. Quando aproximou o horário do almoço, todos se dispersaram, cada um foi para sua casa.

Como Jeremias ainda não conhecia Dona Teresa, esposa de Sr. Conceição, Dona Odete revelou a ele suas impressões sobre ela, nesses termos:

— Achei Dona Teresa uma Senhora muito distinta, simples e atenciosa, conversa de igual para igual com a gente. Muito diferente de Dona Santinha, que gostava de maltratar e ofender os empregados. Dona Teresa é como Sr. Conceição, pessoas boas e honestas.

— Será que eles não têm filhos?

— Têm dois filhos, já são casados, moram e trabalham na cidade, o filho que é mais velho, mora na Capital Recife, a filha se casou com um cearense, é professora mora em Juazeiro do Norte, estão esperando as visitas deles, nesse final de ano, já são avós têm quatro netos. Mas ela disse que quase não vêm visitá-los, porque trabalham e moram muito longe.

No dia seguinte Jeremias se levantou cedo, depois de tomar uma xícara de café, colocou seu

chapéu na cabeça, pegou a enxada e a cabaça com água, e foi para o roçado. A chuva havia produzido um verdadeiro prodígio, os pés de feijão antes murchos e desanimados, agora viçosos, exalando vitalidade, dobrando suas folhas tenras ao sabor da brisa suave, num bailado orquestrado, um milagre que somente a chuva benfazeja é capaz de produzir. Jeremias deliberou capinar as laterais da roça, a terra estava muito molhada para capinar entre as plantas. O sol certamente logo enxugaria tudo, então capinaria no meio da plantação.

As roças da fazenda de Sr. Conceição, ocupavam uma faixa de área contínua, ao longo de um baixio de terras férteis, protegidas por cercas de arame farpado, para impedir que o gado entrasse, a área ocupada pela roça de Jeremias, localizava entre as demais, pertencentes aos outros colonos, separadas por carreadores, que serviam como caminho de acesso. Ficava retirada a mais de um quilômetro das casas, que ficavam todas próximas ao empório. Naquele dia somente Jeremias estava trabalhando. Não obstante ter recebido a roça já plantada, de certa forma descuidada pelo antigo dono, devido ao pro-

blema de saúde de sua esposa, Jeremias intencionava transformá-la na melhor, cuidaria com desvelo, e todos haveriam de comentar sua dedicação, e ser reconhecido por todos, como sendo um homem muito trabalhador. Além do reconhecimento, visava obter boa produção, e retorno financeiro, não faria todo aquele esforço para chamar a atenção, mas em consideração ao proprietário, para demonstrar sua gratidão.

Conversando com os amigos no empório de Sr. Conceição, Jeremias fazia planos de colher cinco sacas de feijão, todos ouviam sem dizer nada. Aqueles pessoas sofriam de um pessimismo crônico, com certa razão, nas três últimas safras, ninguém havia colhido um só grão de feijão, por essa razão não cuidavam devidamente de suas roças. Todos admiravam como Jeremias trabalhava, e comentavam quando ele não estava presente: “Coitado de Jeremias, vive cuidando daquela sua roça de feijão, sem saber que não vai resultar em nada”.

Passados quinze dias que havia chovido, a lavoura de feijão de Jeremias, prometia uma boa florada, mas ressentia o sol quente e a terra seca, se

não chovesse urgente, abortaria a florada e não produziria nada. Jeremias era o único que permanecia o dia todo na roça, às vezes não suportava o calor do sol, ia se esconder sob a sombra de uma árvore. Enquanto descansava, contemplava o céu despido de nuvens, então se perguntava: “Por que não chove?”, e seus olhos enchiam de lágrimas, ao ver os pés de feijão murchos, suplicando por água. Nesse dia não resistiu, caiu de joelhos e chorou sentidamente.

À tarde quando retornava para casa, antes do sol desaparecer no horizonte, percebeu que se escondeu por trás de nuvens longínquas, observou direito e teve um pressentimento, essa noite vai chover novamente. Chegando próximo a sua casa, encontrou um colono da fazenda, que se chamava Sr. Hilário, começaram conversar, então Jeremias ouviu dele:

— Sr. Jeremias a gente vê você trabalhando o dia todo, naquele roçado, todos têm vontade de lhe dizer, que não vale a pena ficar se matando sob esse sol quente, mas ninguém tem coragem, nos três últimos anos, ninguém colheu um só grão de feijão nessas roças, por falta de chuvas. Então decidi que

iria lhe dizer, para que não tenha esperanças, o ano que vem, ao invés de plantar os feijões, vou cozinhá-los para comer.

Jeremias ficou pensativo, depois disse: – Sr. Hilário eu tenho esperança de colher muito feijão esse ano. Essa noite, ou a madrugada, vai chover novamente.

— Como Sr. Jeremias, se não tem uma só nuvem no céu?

— Para Deus nada é impossível, acredito que essa madrugada vamos ter chuvas.

E a conversa terminou assim, Jeremias foi para sua casa, Sr. Hilário foi até o empório, lá encontrou outros colonos, na presença de Sr. Conceição, relatou nos mínimos detalhes a conversa que acabou de ter com Jeremias. Uns saíram para fora para expiar o céu, outros foram mais além expiar o horizonte. Depois retornaram, e fizeram uma espécie de tribunal, para avaliar a declaração de Jeremias, chegaram ao veredito: “O sol deve ter cozinhado os miolos do coitado do Jeremias, ele certamente endoidou”. Como pode dizer que vai chover essa madrugada, se não existe uma só nuvem no céu? Como já esta-

va começando escurecer, Sr. Conceição fez entender que estava na hora de fechar as portas, cada um pegou o rumo de sua casa.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 17/12/2025.





A Modéstia é Uma Virtude

A ESSAS HORAS JEREMIAS JÁ HAVIA tomado seu banho relâmpago, se servido nas panelas sobre o fogão a lenha, ao lado de Odete jantavam em silêncio, sentados a mesa na cozinha, de repente Jeremias disse a esposa: – Tenho impressão de que essa noite vai chover.

Dona Odete olhou para o marido, com incredulidade, não disse nada. Assim que terminou de jantar foi até a janela, expiou, esperou, depois voltou, e disse: – Não vi nenhum sinal de relâmpago, acho que não chove.

Jeremias se entristeceu, Dona Odete para amenizar a situação e reanimá-lo, saiu ao terreiro, analisou os quatro pontos cardiais, nenhuma nuvem no horizonte, somente miríades de estrelas cintilavam no firmamento, nem a lua estava presente, mesmo assim, voltou e retificou seu parecer, dizendo: – Talvez pela madrugada chova.

Jeremias desfez parcialmente sua cara de tristeza, enquanto Dona Odete sob a luz de uma lamparina, foi lavar os pratos em uma bacia com água, sobre o girau na área do fundo. Depois foram dormir na mesma cama, que possuía um confortável colchão recheado com capim. Jeremias acordou com o cantar dos galos dos vizinhos, deduziu que deveria ser quatro horas da manhã, não havia chovido, então ficou imaginando como faria para comprar, umas cinco galinhas e um bom galo. De repente ouviu uns pingos se chocando contra as telhas do telhado, esperou mais um pouco, os pingos tamborilaram mais forte, cutucou a esposa com o braço, ela disse: – Estou escutando, parece que vai chover.

De repente a chuva foi aumentando, já se ouvia as goteiras do telhado, mais um pouco a chuva caiu

abundante, Jeremias levantou, abriu a janela, nenhum relâmpago, nenhum trovão, somente soprava uma brisa fresca, e a chuva caía na escuridão, e das telhas jorravam água em quantidade. Jeremias lembrou do momento que estava na roça, sob a sombra da árvore, e se ajoelhou no chão, com lágrimas nos olhos. Fechou a janela, sorratamente voltou para cama sem dizer nada, mas estava novamente com lágrimas nos olhos, agradecendo a Deus, pela dádiva daquela chuva.

Aquela chuva era literalmente a salvação da lavoura, o feijão não teria nenhuma dificuldade para vingar sua florada. Quando o dia começou clarear ainda chovia mansamente, os galos da vizinhança cantavam felizes, Jeremias levantou e foi coar o café, quando Dona Odete se levantou, ele já havia tomado café, colocado o chapéu na cabeça, pronto para sair, a esposa perguntou:

— Onde está pensando ir a essas horas, se ainda está chovendo?

— Estou pensando ir até a roça, ver o feijão.

— Espere ao menos parar, se for vai se molhar todo.

Jeremias se sentou em um banco de madeira, que ficava na área dos fundos, em obediência a esposa. Quando ela retornou, ele havia desaparecido, caía apenas uma névoa fina. Eram oito horas da manhã. Dona Odete ouviu alguém chamando, saiu à porta, era o menino Samuel, que a cumprimentou e disse:

— Sr. Conceição pediu para dizer ao Sr. Jeremias, para ir até o empório.

— Jeremias foi até o roçado, assim que chegar aviso ele.

Imediatamente Samuel voltou para o empório, disse ao Sr. Conceição: – Dona Odete disse que Jeremias estava na roça, que o avisaria quando chegasse.

Havia umas oito pessoas presentes, todos ouviram o que o menino falou, depois de um silêncio, alguém disse: – Não é que esse cabra Jeremias, além de ser adivinho, é retado de trabalhador.

Outro argumentou: – Mas assim já é demais, mal a chuva parou, o homem já foi para o roçado.

Então passaram comentar, o prodígio realizado por Jeremias, ter previsto aquela chuvarada. Um

deles disse: – À noite, antes de me deitar, saí no terreiro, nenhuma nuvem no céu, somente as estrelas brilhando, pensei: Dessa vez Jeremias errou feio. Quando acordei com o barulho da chuva, então lembrei da previsão de Jeremias, pensei, esse cabra só pode ter poderes.

Depois passaram comentar, todos eram unânimes em concordar, que o feijão de sua roça era disparado o melhor de todos, que com aquela chuva a colheita estava garantida. Sr. Conceição, que ouvia as conversas perguntou: – Quantas sacas vocês acham que vai produzir o feijão de Jeremias?

Alguém respondeu: – Sr. Jeremias que é adivinho, disse que sua lavoura vai produzir cinco sacas, quem somos para duvidar?

Mentalmente Sr. Conceição fez o cálculo, e pensou: “Se confirmar essa previsão, duas sacas serão minhas e três dele”. Mas não comentou nada, sobre seus pensamentos. Quando alguém olhou para fora do armazém, avistou Jeremias que vinha quase correndo.

Chegou todo cansado, e foi dizendo: – Bom dia para todos, Sr. Conceição recebi seu recado, que

queria que viesse até aqui, aqui estou para o que o Senhor precisar.

Sr. Conceição explicou: – O pessoal queria que você dissesse, como conseguiu prever essa chuva-rada, se ontem à tarde, mesmo à noite, não existia uma só nuvem no céu?

— Não previ nada não, foi apenas uma opinião que tive, devido ao mormaço da tarde.

Outro questionou: – Mas o que foi fazer no roçado tão cedo, com esse aguaceiro?

Sorrindo disse: – Fui ver a alegria dos pés de feijão, estão tão felizes como eu.

Essas coisas não se ouviam dizer naquele sertão, dizer que uma planta estava feliz, ou infeliz, não era normal dizer, ninguém admitia que um pé de feijão poderia ter sensibilidade, somente Jeremias conseguia perceber. De repente Jeremias se lembrou e perguntou:

— Estou querendo comprar cinco galinhas e um bom galo, alguém sabe me dizer, quem teria para vender?

Sr. Hilário perguntou: – Para que quer comprar essas galinhas?

Jeremias respondeu: – Todos aqui têm galinhas em seus terreiros, gostaria também ter um galo, para me acordar todas as manhãs.

Alguém disse: – Lá em casa quem manda nas galinhas é minha mulher, mas prometo que vou pedir uma a ela, para lhe dar de presente.

Outro falou: – Lá em meu terreiro, existem muitos galos para as galinhas que temos, por isso vivem brigando, prometo que vou pegar um galo, dar a você, para acordá-lo todas as manhãs.

Dessa forma Sr. Jeremias sem nenhum esforço, conseguiu sete galinhas e um galo, para iniciar sua criação, que iria oferecer como presente a Dona Odete. Dependia agora somente, cada um cumprir o que havia prometido.

Se Jeremias estava feliz com a chuva da madrugada, com a alegria de seus pés de feijão. Depois de ter ganhado, sete galinhas e um galo de seus vizinhos, ficara ainda mais feliz.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 18/12/2025.





O Milagre da Produção

AQUELA GENTE ERA DO TIPO que prometia e cumpria. Naquele mesmo dia, Jeremias e Odete receberam em sua casa, sete galinhas e um galo. Como medida de segurança, prenderam todos em um galinheiro construído pelo Sr. Miguel, o morador anterior, até que elas se acostumassem com o novo terreiro, só então Jeremias se deu conta, que em seu terreiro estava faltando um bom cachorro, para fazer a proteção.

Dona Odete ficou muito feliz em saber, que exerceria domínio pleno sobre as galinhas e o galo, que o

marido havia ganhado, já fazia planos, que em breve teriam ovos para o consumo, pintinhos andando pelo terreiro, e mais tarde, frangos para pôr na panela.

Com a possibilidade de colheita, devido as duas chuvas sucessivas e tempestivas, que vieram nos momentos certos, os demais colonos resolveram limpar suas roças de feijão, na esperança de recuperá-la e colher alguma coisa. Não observaram, ou talvez desconhecassem o velho adágio onde Deus teria dito “Faça sua parte, que farei a minha”.

Faz-se oportuno esclarecer que não encontramos no Livro Sagrado, a Bíblia, onde Deus teria proferido frase tão verdadeira, conseguimos apurar que se trata de um ditado popular, que encerra uma profunda verdade. Que quando nos esforçamos, com amor, honestidade e desvelo, de uma forma ou de outra, sempre seremos recompensados. Como diz um outro adágio popular “A voz do povo, é a voz de Deus”.

Quanto a esse ditado popular, temos algumas restrições, nem tudo que as multidões dizem e aprovam, estejam de conformidade com as Leis, e a vontade de Deus, por ser a humanidade comprovadamente falível, como exemplos citamos a

crucificação de Jesus Cristo, as inúmeras guerras fratricidas, muitas vezes aprovadas em assembleias, por multidões, em detrimento próprio, e tantos outros equívocos, cometidos pela humanidade, ao longo das civilizações, com reflexos negativos para nossa evolução espiritual, que não coadunam em absoluto, com os propósitos de Deus.

A roça de Jeremias devidamente cuidada, a terra molhada, a população homogênea de pés de feijão, por metro linear, permitiu uma florada exuberante, e não teve dificuldades para gerar, boa quantidade de vagens recheadas em todos os pés. Sob o olhar atento de seu dono, no caso do surgimento de pragas e parasitas, a lavoura foi realizando seu ciclo na mais perfeita normalidade, até quando nenhum imprevisto mais a ameaçava, chegou o momento da colheita, todas as plantas foram cuidadosamente arrancadas, depois de secas foram amontoadas, e malhadas a golpes de varas, sobre uma lona emprestada, separada a palha, abanado e ensacado. Todo processo de colheita foi realizado por Jeremias e Odete. Ao todo foram colhidos seis volumes, que significa uma saca bem cheia. Sr. Conceição pediu ao vaqueiro que colo-

casse a dupla de bois cangueiros no carroção, e fosse na companhia de Jeremias, buscar o feijão colhido na roça. Trouxeram até o empório, os volumes foram colocados um a um sobre uma balança de mesa, e rigorosamente pesados, a soma dos seis volumes ultrapassou quatrocentos e vinte quilos, ou seja, a colheita de Jeremias superou as sete sacas. E ali mesmo no depósito do armazém ficou guardada.

Os demais colonos labutavam colhendo suas roças, andando de um lado para outro, arrancando apenas os pés que estavam prontos para serem colhidos, devido o feijão se encontrar todo desigual, além de estar muito falhado, devido não ter sido devidamente protegido das invasoras. Sr. Hilário, o mesmo que disse que no próximo ano, em vez de plantar os feijões, iria cozinhá-los para comer, justificou, dizendo a Jeremias: – A colheita de minha roça, terá que ser feita em várias etapas, existem pés de feijão florando, outros madurando, outros no ponto para ser colhidos. Mas felizmente, com as graças de Deus esse ano, todos vamos colher alguma coisa, pelo menos o necessário do consumo da família.

Jeremias não perguntou se continuaria ou não plantando feijão. Com certeza não estava falando sério, quando disse aquele absurdo. O homem da roça não pode perder a esperança, simplesmente parar de plantar, seria como estivesse desistindo de viver.

Assim como Jeremias não requisitou ninguém de fora, para ajudá-los na colheita, também não foi requisitado. Enquanto o pessoal colhia suas roças, Jeremias preparava a terra para a próxima safra, rastelando e enterrando toda vegetação morta, juntamente com a palha do feijão colhido, para transformar em material orgânico, sabia que o fogo era intensivamente utilizado pelos agricultores da região. Não obstante ser um lavrador comum, havia aprendido algumas técnicas, para conservação e proteção do solo. Sabia que estava sendo observado pelos amigos, que achavam que tudo aquilo era uma grande besteira, mas haveria de convencê-los, que teriam que mudar a maneira de explorar a terra.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 19/12/2025.





O Frágil Produtor Rural

ENQUANTO TRABALHAVA SOZINHO em sua roça, Jeremias em pensamento fazia planos, separaria o feijão para o consumo, e para o plantio, venderia o restante para Sr. Conceição, com o dinheiro compraria uma porca parideira, começaria criar porcos no chiqueiro, assim como fazia Sr. Miguel Arcanjo, e quase todos os moradores da localidade. A ideia pareceu-lhe tão boa, que saiu andando pelas roças, conversando com os colonos, para descobrir quem tinha uma porca para vender. Logo descobriu que Sr. Belarmi-

no, era o maior criador de porcos do lugar, sempre tinha porcos para vender, permitia que o comprador entrasse em seu chiqueiro, escolhesse o animal que mais atendia suas pretensões.

Imediatamente foi até sua roça, encontrou Sr. Belarmino muito desanimado, pelejando com sua colheita de feijão, que segundo ele, havia colhido até aquele momento, apenas uma lata de grãos. Quando soube que Jeremias queria comprar uma porca parideira, ficou mais animado, e disse:

— Vou esperá-lo em minha casa à tarde, então poderá escolher uma porca amojando, para começar sua criação, se quiser também vendo cabras leiteiras, para o leite de suas crianças.

— Ainda não temos crianças, mas vou conversar com minha mulher, talvez compremos também uma cabra leiteira. A tarde estarei em sua casa.

Jeremias não voltou para sua roça, foi direto para sua casa, conversou com Dona Odete, ela achou que seria uma boa ideia, comprar uma porca e uma cabra, desde que o dinheiro do feijão pagasse pelos dois. Jeremias foi até o empório de Sr. Conceição, para vender seu feijão.

Chegando lá cumprimentou o patrão, e justificou sua presença, para sua surpresa Sr. Conceição já havia feito os cálculos, e lhe explicou: – Você colheu 430 Kg de feijão, menos os quarenta por cento que combinamos, sua parte corresponde a 258 Kg, vai vender tudo, ou vai retirar uma parte para seu consumo?

— Vou retirar 30 Kg, para o consumo e para o próximo plantio.

— Pelos 228 Kg restantes, posso lhe pagar R\$ 45.600 (Quarenta e cinco mil e seiscentos Réis)

Jeremias que também havia feito suas contas, abaixou a cabeça, pensou, depois disse: – Mas o Senhor vende o feijão a R\$ 300 o quilo (trezentos réis).

— Por isso só posso lhe pagar R\$ 200 o quilo. O comerciante sobrevive da diferença entre o preço da compra e da venda. A propósito, o que pretende fazer com essa dinheirama toda?

— Comprar uma porca e uma cabra, de Sr. Belarmino.

— Ele não venderá uma porca e uma cabra, por esse valor. Mas eu lhe vendo uma leitoa e uma cabritinha em troca do feijão.

— Já combinei com Sr. Belarmino que vou ver seus animais essa tarde, caso não combinar com ele, volto falar com o Senhor. Até mais, vou almoçar e voltar para o roçado.

Desde muito tempo, até os dias atuais, o pequeno produtor rural desse país, é vítima dos atravessadores e comerciantes, são eles que determinam os valores dos produtos da roça, o produtor não tem nenhuma proteção, quando não é vítima das intempéries, acaba sendo vítima do sistema, por essa razão, consideramos a classe mais fragilizada dessa nação.

À tarde Jeremias foi até à casa de Sr. Belarmino, ficou admirado ao ver os porcos que possuía, todos gordos e saudáveis, confinados em um chiqueiro, e algumas cabras existentes em um cercado próximo à casa. Sr. Belarmino confidenciou ao Sr. Jeremias, que Sr. Conceição vivia implicando com ele, em usar mandiocas de sua roça, para tratar dos porcos. Por essa razão precisava vender algumas cabeças.

Jeremias disse: – Caso eu comprar uma porca do Senhor, vou tratá-la com mandioca de minha roça também.

Sr. Belarmino explicou: – Até umas poucas cabeças ele não se importa, acontece que cheguei ter em meu chiqueiro vinte porcos. No momento tenho treze.

Jeremias disse: – Vamos ao que interessa, quanto o amigo quer por uma porca amojando, e uma cabra de leite?

— Vamos entrar no chiqueiro, para que escolha a porca que mais lhe interessar.

Os dois entraram no chiqueiro, Jeremias interessou por uma porca de médio porte, que estava bem barriguda, próxima para criar.

Sr. Belarmino disse: – Agora vamos ao cercado das cabras.

Entraram no cercado, existiam cinco cabras e um bode, e alguns cabritinhos, todos muito magros, devido à falta de alimentos. Jeremias indicou uma cabra jovem, com seu cabritinho.

Sr. Jeremias perguntou: – Quanto o amigo vai pedir pela porca amojando, e pela cabra com seu filhote?

— Em verdade, estou precisando vender esses animais. Para o Senhor, que já o conside-

ro meu amigo, vou fazer um preço muito em conta, R\$ 20.000 pela porca, mais R\$ 15.000 pela cabra, R\$ 35.000 (trinta e cinco mil réis) pelos três, que na verdade não são três, a porca deve parir cinco ou seis leitões, no caso de parir seis, serão nove animais que possuirá em pouco tempo.

— Como estou querendo, e podendo, vou comprar os animais, meu dinheiro está com Sr. Conceição, o Senhor quer ir até lá agora para receber?

— Não, já está tarde, Sr. Conceição não vai gostar. Amanhã você vem até aqui, levamos os animais até sua casa, depois vamos até o empório e acertamos, o amigo não gostaria tomar um golinho de cachaça, antes de voltar para casa?

— Vou aceitar, mais só um golinho, para comemorar nosso primeiro negócio.

Faz-se oportuno esclarecer, que estávamos na década dos anos trinta do século passado, quando a moeda vigente era o real, mas conhecido em sua forma plural como réis, observem que existe uma certa coerência do valor do fei-

jão em relação aos animais, à época uma saca de feijão 60 Kg x R\$ 200 = R\$ 12.000, (doze mil réis) uma porca amojando R\$ 20.000, (vinte mil réis) uma cabra parida R\$ 15.000 (quinze mil réis).

Hoje uma saca de feijão 60 Kg x R\$ 6,00 = R\$ 360,00, uma porca comum amojando R\$ 500,00, uma cabra comum parida R\$ 400,00

Nota: O real, cujo plural é réis, era a moeda oficial do império português, foi a primeira moeda em circulação no Brasil a partir de 1568, mais tarde com a criação da casa da moeda no Brasil, passaram ser cunhadas no Brasil em 1695, no início em ouro e prata, o réis circulou durante todo Brasil colônia, depois durante o Brasil Império, foi abolido somente no Brasil República, no governo de Getúlio Vargas, com a criação do Cruzeiro, no dia 05 de outubro de 1942, entrando em circulação no dia 01/11/1942, com finalidade de controlar a inflação, a conversação fora feita na proporção de CR\$ 1,00 para cada R\$ 1.000 (Um cruzeiro para um mil réis), os réis não eram fracionados, enquanto o cruzeiro exis-

tia os centavos. Termos muito usados à época: O valor de R\$ 1.000 (um mil réis), era conhecido como: um mirréis. O valor de R\$ 1.000.000 (um milhão de réis) era conhecido como um conto de réis. Fonte, Google.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 20/12/2025.



O Rico Pobre

JEREMIAS CHEGOU TODO FELIZ em casa, o dinheiro do feijão, mesmo sendo vendido barato, pagaria os animais, ainda sobraría um bom trocado, isso em poucos meses que haviam se mudados. Caso tivessem continuado morando no meio do mato, não teriam conseguido praticamente nada. Agora já eram proprietários de galinhas, porcos e cabras, e algum dinheiro, coisa que a muito tempo, não possuíam. Dona Odete percebeu a euforia anormal do marido, aproximou-se dele, sentiu o cheiro da cachaça, e perguntou:

— Já esqueceu a promessa que fizemos, debaixo daquela árvore, quando estávamos mudando para esse lugar, que iríamos mudar nossa vida, e não mais colocar cachaça na boca?

— Foi Sr. Belarmino que me obrigou tomar um gole, não vai acontecer de novo, eu prometo.

Dona Odete, demonstrando contrariedade, deixou o sozinho, e entrou em seu quarto. Desde que haviam se mudado, nenhum dos dois, tinham se quer, tomado um gole de cachaça, agora com um dinheirinho no bolso, temia que o marido voltasse beber. Se isso acontecesse tudo desandaria com certeza.

Jeremias entendeu que a esposa estava com razão, deveria ter recusado o gole de cachaça, oferecido pelo Sr. Belarmino, desde que pararam com a bebida, as coisas haviam melhorado. No dia seguinte quando foi a casa de Sr. Belarmino, para ajudar trazer os animais, explicou a ele que até pouco tempo atrás, ele e a esposa tinham o hábito de beber. Quando comprovam um litro de cachaça, os dois tomavam até cair. Quando se mudaram para fazenda de Sr. Conceição, fizeram uma promessa, que

não mais beberiam, e na tarde do dia anterior havia quebrado a promessa, então sua esposa tinha percebido, e estava muito magoada com ele.

Sr. Belarmino se justificou dizendo: – Aqui em minha casa, não deixo faltar um litro de cachaça, somente eu bebo, um gole todas as tardes, não mais que isso, e tenho o costume de oferecer aos amigos, quando vêm em minha casa, ao entardecer. O amigo me desculpa, não sabia de vossa promessa, poderia ter recusado, nem todos aceitam quando ofereço.

Os animais foram conduzidos tocados, Sr. Belarmino amarrou uma corda, em uma das patas traseiras da porca, e foi orientando a direção que deveria seguir. Enquanto Jeremias puxava a cabra com uma corda, que parecia não querer se mudar do lugar em que morava, às vezes empacava e tinha de ser arrastada, até que chegaram à casa. Quando Dona Odete saiu para ver os animais, Sr. Belarmino a cumprimentou, depois disse: – A Senhora desculpa pelo acontecido ontem, fui eu que insiste para que Sr. Jeremias tomasse um gole de cachaça, somente hoje me falou sobre a promessa de não mais beber, não vai acontecer novamente.

Dona Odete parece ter aceitado as explicações, e o pedido de desculpa do vizinho, não disse nada, apenas balançou a cabeça concordando. Os dois saíram em direção ao empório. Ao chegarem cumprimentaram Sr. Conceição, antes que dissessem qualquer coisa, entregou a Jeremias o dinheiro que lhe devia. Jeremias achou estranha a atitude do comerciante, os dois se afastaram, então Jeremias pagou o que devia ao Sr. Belarmino, guardou o restante em seu bolso, se despediram, e cada um foi para sua casa.

Em verdade Sr. Conceição era um homem bom, mas extremamente egoísta, como podemos observar, tentou impedir que Jeremias negociasse com Sr. Belarmino, mesmo o pressionando para livrar-se dos porcos. Sua intenção era comprar os porcos de Sr. Belarmino, por valor abaixo do que valia, para depois vender pelo dobro do que pagou, por essa razão, Sr. Belarmino nem oferecia a ele. Não obstante Sr. Conceição ser um homem relativamente rico, sua vida era atrás daquele balcão, como se fosse empregado de si mesmo. Desde que os filhos se casaram, não teve capacida-

de de ir conhecer a casa onde moravam, conhecia os netos, por eles terem vindo com os pais até sua casa, para visitá-los. Quando Dona Teresa sua esposa, queria visitar os filhos, ia sozinha, ele recusava acompanhá-la, alegando que não poderia fechar o armazém. Assim como Sr. Conceição, existem muitos, são os ricos pobres, em outras palavras, são pessoas que nunca estarão satisfeito com o que possui ou venha possuir.

Já que estamos falando de Sr. Conceição, ninguém poderia dizer que ele fosse um homem injusto ou desonesto. Sr. Felício foi o segundo colono terminar a colheita de feijão, pelas mesmas razões dos demais, colheu apenas cinquenta e dois quilos de feijão, Sr. Conceição fez questão de receber os dez quilos que por direito lhe pertencia. E assim aconteceria com todos os outros, ele não fazia exceções, cobrava de todos indistintamente. Segundo suas declarações, se deixasse de cobrar de um, abriria um precedente para desagradar a outros, agindo assim desagradaria a todos, e o que não estivesse satisfeito, no momento que bem quisesse, poderia ir procurar lugar melhor. Como

dissemos no início Sr. Conceição era inflexível, tinha suas regras, era aceitar ou não.

Jeremias que em algum momento, chegou pensar que o patrão, tinha certo apreço pela sua pessoa, por ter obtido um bom resultado em sua lavoura de feijão, proporcionando a ele um bom lucro, na expressiva renda obtida, e no preço que lhe pagou pelo seu feijão. Pelo contrário, em nenhum momento recebeu um elogio, ou um gesto de consideração, em seu acerto de contas, não o favoreceu em nenhum momento, inclusive tentou usurpar o pouco que lhe restou, com uma proposta indecorosa, ter oferecido uma leitoa e uma cabritinha pela parte do feijão que lhe restou, e ainda ter ficado insatisfeito por ele ter negociado com Sr. Belarmino. O que levou Jeremias concluir, que os patrões serão sempre patrões, e empregado será sempre empregado.

Não obstante o clima ter favorecido, com duas ótimas chuvas na hora devida. A produção de feijão das roças da fazenda foi insignificante, a soma da produção dos outros seis colonos, alcançou somente 358 quilos, deixando Sr. Conceição muito decepcionado, levando o tomar uma atitude ainda

mais absurda, elevou o preço de seu feijão no armazém para R\$ 400 o quilo (quatrocentos réis), para desespero de seus fregueses, provocando imensa revolta em Jeremias, por que ficou sabendo, que havia oferecido R\$ 300 pelo feijão de outros colonos.

Uma coisa é certa, as pessoas revelam o que são de verdade, quando existe dinheiro envolvido, principalmente aqueles que menos necessitam.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 21/12/2025.





A Solução é Criar Porcos

MAS COMO DIZ UM VELHO adágio popular “Manda quem pode, obedece quem tem juízo”. Jeremias na condição de colono, tinha que cumprir com sua parte. Se as coisas acontecessem como imaginava, um dia haveria de deixar de ocupar essa posição, de certa forma, um tanto ingrata. Segundo alguns colonos, na colheita da mandioca as coisas eram bem mais complicadas. Porque nem todos conseguiam produzir a farinha, esses teriam que recorrerem a

pessoas de fora. Outro detalhe, como a produção era expressiva, Sr. Conceição se abastecia com os rendimentos, e infeliz daquele que recorria a ele para vender sua farinha. Por exemplo, se estivesse vendendo em seu armazém, uma medida de farinha por R\$ 100 (cem réis), o máximo que pagava ao produtor era R\$ 50, ou seja, a metade.

Jeremias que tinha o hábito de raciocinar, começou fazer seus cálculos antecipadamente. No caso dele e Dona Odete produzir 1000 medidas de farinha, que daria um trabalho monstruoso, menos quarenta por cento do patrão, sobrariam 600 medidas, vendidas pela metade do preço, teriam apenas 300 medidas. Ou seja, Sr. Conceição ficaria com setenta por cento, sem ralar um dedo, enquanto ele e Dona Odete ficariam com trinta por cento, com aquele trabalho todo, e várias raladas nas mãos. Nesse caso seria economicamente inviável colher as mandiocas e transformá-las em farinha.

Como a mandioca é uma cultura de ciclo mais longo, resistente as estiagens, não requer muitos cuidados, todos os mandiocais da fazenda

apresentavam desenvolvimento muito semelhantes. Com sua porca no chiqueiro, prestes a parir, Jeremias foi até seu mandiocal, retirou dez pés de mandioca, em sequência, na mesma linha, despencou as mandiocas colocou todas em duas sacas, calculou que cada uma pesaria 30 Kg, daria para tratar seu animal por algumas semanas. Enquanto levava a saca de mandioca para casa, sobre os ombros, ia pensando: Se pesasse as duas sacas de mandiocas, seria possível projetar, quantas toneladas de mandiocas, seu mandiocal produziria, bastaria pesar as duas sacas, dividir pôr dez, obteria a produção média por pé, multiplicaria pelos 5.000 pés de mandioca da lavoura, saberia aproximadamente quantas toneladas seu mandiocal produziria.

Foi até o empório de Sr. Conceição, pediu sua balança emprestada para pesar a saca com as mandiocas, antes de autorizar, Sr. Conceição quis saber com que finalidade queria pesar a saca com as mandiocas, ele respondeu: – Quero saber quantos quilos de mandioca, uma porca consome por dia.

Sr. Conceição ficou pensativo, depois disse:
– Está aí uma coisa que não sei responder, então vamos pesar a saca com as mandiocas.

Foram até o depósito, pesaram a saca de mandioca, pesou vinte e quatro quilos. Jeremias disse:
– Depois volto para pesar a outra saca.

Assim que Jeremias se foi, Sr. Conceição ficou pensando: “Os porcos de Sr. Belarmino já devem ter comido metade de seu mandiocal, ele não pensa que cada dez quilos de mandiocas que seus porcos comem, dois são meus, acho que está na hora de proibir esses colonos criarem porcos”.

Não demorou muito Jeremias voltou com a outra saca, pesou vinte três quilos, disse ao patrão:
– Quando minha porca comer os quarenta e sete quilos, saberei quanto comeu cada dia, então direi ao Senhor.

Sr. Conceição pensou: “Com essa informação será possível calcular, o enorme prejuízo que esses porcos, estão me dando todos os meses”.

Jeremias e Odete eram farinheiros experientes, mas sempre trabalharam em equipe, sabiam que uma tonelada de mandioca, sendo boa, rendia um

pouco mais de duzentos quilos de farinha. Jeremias fez as contas, se um pé de mandioca produz quatro quilos, cinco mil pés produzirão vinte toneladas, se fossem fazer farinha com o mandiococal todo, produziriam quatro toneladas de farinha, seria farinha para matar a fome, de muita gente, durante um bom tempo.

“Faz-se oportuno informar segundo o Google, que o consumo de farinha de mandioca per capita na região nordeste, é em torno de 5,2 Kg ao ano, podendo variar um pouco de região para região”.

Jeremias sabia que uma quantidade dessa de mandioca, seria impossível beneficiar, de maneira manual, mesmo se fosse uma boa equipe. Um carroção de boi, mesmo sendo grande não comportava duas toneladas, para beneficiar um único carroção, duas pessoas morreriam de trabalhar e não conseguiriam. Para se ter uma ideia, uma quantidade dessa de mandioca daria quase quinhentos quilos de farinha, em sua casa não tinha os equipamentos necessários para se fazer tanta

farinha. Jeremias conversou com Dona Ode-
te, decidiram que não iriam encarar essa
fabricação de farinhas. Talvez por essa razão,
todos estavam mais interessados criar porcos,
a fazer farinha.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 22/12/2025.



O Golpe da Mandioca

COMO TODOS HAVIAM TERMINADO de colher o feijão, os homens principalmente, passavam os dias nas imediações do empório conversando, sentados em bancos de madeira, sob a sombra de uma árvore. Jeremias todo faceiro, tinha motivos para estar feliz, sua porca havia criado, cinco lindos porquinhos, resolveu extravasar sua alegria com os amigos, chegou todo feliz, cumprimentou a todos, depois dirigindo a Sr. Belarmino perguntou: – Quantos leitões o Senhor disse que nasceriam?

Sr. Belarmino puxou pela memória, e disse: – Cinco ou seis, mas acho que nasceram sete.

— Nasceram cinco lindos leitões, todos parecidos uns com os outros.

— Não lhe disse que fez uma excelente compra, e a cabra está dando leite?

— Decidimos deixar o leite todo para o cabritinho, o bichinho está ficando gordinho e bonito.

Depois dirigindo aos demais colonos perguntou: – Quanta farinha vocês costumam fazer todos os anos?

— Um deles disse, lá em casa, fazemos o que damos conta fazer, no máximo dez sacas, prefiro deixar a mandioca para os porcos.

Jeremias confidenciou: – Quando conversei com Sr. Conceição em mudar para esse lugar, ele disse que o mandiocal seria para fazer farinha, pensando melhor agora, fiquei preocupado, eu e minha mulher não daríamos conta fazer farinha com todas aquelas mandiocas.

Sr. Deodato disse: – Mas ele não pode saber desse particular, todos aqui decidimos fazer a farinha que déssemos conta, como ele nunca vai até as

roças, pensa que usamos todo o mandiocal. Vejam bem, somos em sete colonos, se fizermos dez sacas cada um, ao todo serão setenta sacas, quatorze serão dele, cada um vende mais três ou quatro sacas, serão quase quarenta sacas, como todos os colonos guardam farinha para seus consumos, ninguém vai comprar farinha no armazém, ele terá farinha para vender o ano todo.

Sr. Belarmino completou: – Por isso, todos resolvemos criar porcos, não dá tanto trabalho, e é muito mais rentável. Acontece que o velho, começou implicar. Todas as vezes que vou ao armazém, pergunta quantos porcos tenho no chiqueiro, então eu respondo, ele se irrita e diz que não posso ter mais que três cabeças, devido ao consumo de mandioca, que tenho que aumentar a produção de farinha.

— Vou conversar com ele sobre esse assunto, talvez consiga fazer mudar de ideia. Depois falo a vocês, se ele concordou ou não. Os vaqueiros não dizem a verdade a ele?

Sr. Belarmino disse: – A esses todos os anos, damos duas sacas de farinha cada um, para não di-

zer nada, mas Sr. Conceição é matreiro, vai acabar descobrindo. Sinceramente, estou conseguindo sobreviver com minha família, graças aos porcos que vendo. Caso venha proibir, serei forçado, vender todos meus porcos e me mudar daqui.

Dessa forma Jeremias tomou conhecimento do esquema da mandioca, que Sr. Conceição estava desconfiado, que estava sendo praticado, mas não tinha como provar nada. Com a presença de Jeremias, esperava descobrir alguma coisa.

Haviam se passados duas semanas, que Jeremias tinha pesado as sacas de mandiocas. Foi até o empório e começou conversar com o patrão, a certa altura da conversa disse: – O Senhor está lembrado do dia que pesei as sacas de mandiocas? Acredita que minha porca não conseguiu comer nem a metade de uma saca, estou dando mandioca para as galinhas e para a cabra, antes que apodreçam, a bichinha come uma raizinha e vai se deitar.

Sr. Conceição perguntou: – Quantos quilos de mandioca, ela come por dia?

— Como eu disse, uma besteirinha, talvez meio quilo.

— Só isso?

— Pois é, arranquei aquele horror de mandioca, agora estou dando para as galinhas e para cabra, porque estão começando apodrecerem.

— Achei que um porco, comece muita mandioca.

Jeremias disse: – Eu também, ou não teria trazido tanta mandioca.

Com aqueles argumentos, Sr. Conceição não tinha como duvidar, desistiu de calcular o prejuízo que pensou que estava tendo, e parou de azucrinar Sr. Belarmino, para diminuir seus porcos.

Sr. Belarmino percebeu que depois daquela conversa, quando Jeremias disse que convenceria Sr. Conceição, ele nunca mais o importunou, ficou intrigado, foi até a casa de Jeremias, com a desculpa de ver os leitões da porca, aproveitou para dizer que Sr. Conceição não o havia incomodado mais. Jeremias recebeu a notícia com naturalidade, como se soubesse que seria assim, disse apenas:

— Sr. Conceição pode ser um homem muito inteligente, mas é um só. Nós somos em sete, se unirmos nossas inteligências, vamos controlá-lo facilmente.

Quando Sr. Belarmino estava voltando para casa, continuava ainda mais intrigado, ficou pensando consigo mesmo: “esse Jeremias é um cabra estranho, convencer Sr. Conceição sobre qualquer coisa, era deveras difícil, e a explicação que deu, não revelou nada”.

Antonio Martines Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 23/12/2025.



Controle de Produção

E A ÉPOCA DE FAZER FARINHA chegou, Sr. Conceição cedeu o vaqueiro, os bois e o carroção para trazer as mandiocas das roças, Sr. Jerônimo ficou uma semana puxando mandioca, para dar impressão que era muita mandioca. Como Jeremias não tinha os apetrechos, para fazer a farinha, ele e Dona Odete, se uniram a Sr. Hilário e sua esposa, os ajudaram fazer onze sacas de farinha, depois vieram à sua casa, trouxeram os apetrechos e os ajudaram fazer doze sacas de farinha.

Como as lavouras de mandioca eram do mesmo tamanho, todos apresentaram ao Sr. Conceição, produção de farinha muito próximas, umas das outras. Essa teria sido uma das melhores safras de farinha, totalizando quase oitenta sacas. No dia marcado, todos levaram suas produções para o depósito do armazém, onde foi feita a pesagem, e a partilha. De todos Sr. Conceição apartou para si vinte por cento, sem esquecer de retirar quarenta por cento, das doze sacas produzidas por Jeremias e Odete, nada de anormal, esse fora o previamente combinado.

Muitos ficaram insatisfeitos, quando Sr. Conceição revelou, que naquele momento não iria comprar farinha. Alegando dificuldade para armazenar, com possibilidade de comprar mais a frente, quando seus estoques diminuíssem. Cada qual pegou sua parte, e levou de volta para sua casa.

Sr. Conceição estava satisfeito, por sentir que seus colonos também estavam satisfeitos. E havia se convencido, que o fato de um ter mais porcos que o outro, não tinha influenciado no resultado da produção de farinha, em virtude de Sr. Belarmino, ser

reconhecidamente o maior criador de porcos, apresentou dez sacas de farinha, diferença insignificante aos que possuíam apenas um casal de porcos.

As satisfações dos colonos se justificavam, pelo fato de todos terem deixados em suas roças, mandioca suficiente para o consumo da família, e para tratar seus porcos até a próxima safra de mandioca.

Não obstante Sr. Conceição ser um homem nascido e criado na roça, sua família nunca se envolveu em plantar mandiocas, ou fazer farinha. Seu pai assim como ele, era fazendeiro e comerciante, e ele cresceu dentro de um armazém rural, ajudando seu pai. Quando se casou com Dona Tereza, seu pai muito bem financeiramente, lhe presenteou com essas terras, e lhe aconselhou montar um comércio, diríamos que Sr. Conceição era mais comerciante, que propriamente fazendeiro.

Por esses tempos, depois da fabricação das farinhas, Dona Odete começou ter uns sintomas estranhos, foi até a casa do vaqueiro e carreiro da fazenda Sr. Jerônimo, ouvir o parecer de sua esposa, Dona Elsa que era muito sua amiga, apesar de ter desconfiado do que se tratava, preferiu levá-la

até a casa de Dona Teresa, uma Senhora mais experiente, e instruída. Depois de relatar o que estava sentindo, Dona Teresa deu seu diagnóstico, que coincidia com o de Dona Elsa. Que o desconforto de Dona Odete, era normal, muito comum ao início de um estado de gravidez. Dona Odete ficou tão emocionada, que precisou se sentar, tomar um copo d'água, e ser abanada por Dona Elsa, até recuperar seu estado emocional. Segundo ela, estava preocupada, não saberia como Jeremias iria reagir, quando soubesse da notícia. Dona Teresa perguntou a ela, sem rodeios:

— Por acaso não é seu marido, o pai de seu filho?

— É ele sim.

— Então fique despreocupada minha filha, ele vai adorar saber que vai ser pai.

Foi o suficiente para devolver a tranquilidade a Dona Odete, que tinha à época apenas vinte e um anos. Levantou-se da cadeira, abraçou e agradeceu às duas Senhoras, Dona Elsa era mãe de dois meninos, Dona Teresa mãe de um casal de filhos, e já tinha quatro netos. Imediata-

mente Dona Odete quis voltar para casa, até se esqueceu que Jeremias estava no roçado, e só viria almoçar onze horas. Assim que terminou de preparar o almoço, ouviu a cabra berrar, era como sempre fazia, quando Jeremias chegava, trazendo para ela um feixe de capim verde.

Assim que Jeremias entrou à cozinha, ela disse:

— Descobri por que vomitei durante à noite, descobri que estou prenha.

— Quem lhe disse isso?

— Fui até a casa de Dona Elsa essa manhã, depois fomos até a casa de Dona Tereza, elas disseram, o que senti é normal no início da gravidez.

Jeremias não disse nada, deu apenas um sorriso, e foi lavar as mãos, voltou, pegou um prato, foi até o fogão, quando abriu a panela, Dona Odete saiu vomitando em direção à porta. Deixou o prato sobre o fogão e foi socorrer a esposa, e a conduziu até o quarto, ela um pouco pálida, se deitou na cama.

Jeremias ficou de pé ao lado da cama, depois disse: – Dizem que é assim mesmo durante os primeiros meses, depois desaparece, mas você precisa

se alimentar, quer que vá comprar alguma coisa diferente para comer?

— Não, no momento não quero comer nada. Vai almoçar, vou ficar deitada um pouco.

Jeremias saiu do quarto, voltou para cozinha, fez seu prato, sentou-se à mesa e começou almoçar, estava muito emocionado, um misto de alegria e preocupação com a esposa, lhe tirou completamente a fome. Pegou algumas raízes de mandioca, foi até o chiqueiro, exatamente no momento, que a porca estava amamentando seus leitões, esperou que ela terminasse, depois deu a ela as mandiocas, rapidamente comeu todas as raízes. Os cinco leitões, estavam gordos e bonitos, observou, eram dois machos e três fêmeas, voltou feliz, foi até o quarto. Dona Odete continuava deitada, ele perguntou: – Você gostaria que fosse um menino, ou uma menina?

— Sabe que não havia pensado nisso até agora. E você, o que gostaria que nascesse?

— Como é nosso primeiro filho, para mim pode ser um menino ou uma menina, vou ficar feliz do mesmo jeito.

Dona Odete observou, percebeu que seus olhos estavam umedecidos, então disse ao marido: – Não é que me deu uma vontade de comer, daquela mortadela que Sr. Conceição tem pendurada, lá no empório?

— Então vou buscar para você, logo estarei de volta.

Chegou todo feliz ao armazém, queria dar a notícia da gravidez da esposa ao Sr. Conceição, assim que se aproximou, cumprimentou-o, sem esperar, ouviu dele: – Estou sabendo que vai ser papai, parabéns Jeremias.

Jeremias ficou todo desconsertado, agradeceu e perguntou: – Como o Senhor ficou sabendo?

— Quando fui almoçar, Tereza contou-me, que Dona Odete esteve lá essa manhã com Dona Elsa, e descobriram que estava grávida. Agora vocês vão saber, o que é ter um filho.

— Acredito que seja uma coisa muito boa, agora a vida passa ter mais sentido. O Senhor não teria uma mortadela menorzinha, para levar para Odete.

Sr. Conceição começou a rir, e disse: – Vai se acostumando, é assim mesmo, entre aqui, tenho

guardada nesse caixote fechado, mortadelas de todos os tamanhos, e só escolher.

— Vou levar essa aqui, depois se ela quiser comprar mais.

Sr. Conceição a embrulhou em um papel apropriado, Jeremias pagou, e saiu todo feliz, de volta para casa. Enquanto caminhava ia pensando, acho que hoje, não vou mais voltar para o roçado, Odete pode precisar de mim.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 24/12/2025.



O Flagelo da Seca

JEREMIAS CHEGOU TODO CONTENTE com a mortadela, Dona Odete levantou-se disposta almoçar, assim que levou uma fatia da mortadela a boca, fez ânsia de vômito, e voltou para o quarto e deitou-se. Jeremias se sentou no banco da área do fundo, e ficou pensativo, resolveu ir até a casa do Sr. Jerônimo, quem sabe Dona Elsa não conhecia algum chá caseiro, para aplacar os vômitos de Dona Odete.

Chegou meio sem jeito, estava lá Dona Maurra, esposa do outro vaqueiro, que se chamava Sr.

Leôncio, explicou o que estava acontecendo com a esposa. Dona Maura disse a ele, que fizesse um chá de gengibre, desse de beber a ela, cortaria os enjoos, Jeremias coçou a cabeça e disse: – Onde vou conseguir encontrar gengibre, assim de repente?

Dona Elsa intercedeu dizendo: – Talvez Sr. Conceição tenha gengibre para vender. Caso não encontrar, dizem que limão com água, também resolve. Jeremias agradeceu as Senhoras, saiu todo afoito em direção ao empório de Sr. Conceição. Assim que chegou, Sr. Conceição perguntou: – Veio buscar mais mortadela?

— Não Senhor, agora é gengibre. O Senhor tem para vender?

Sr. Conceição sorriu como da primeira vez, e disse: – Não falei para ir se acostumando, por sorte tenho algumas raízes de gengibre, de quantas precisa?

— Uma ou duas resolvem.

Sr. Conceição foi até ao fundo, trouxe duas raízes de gengibre, e falou: – Essas não precisa pagar, eram as últimas.

Jeremias agradeceu e saiu, logo parou, pensou: “Acho bom levar uns limões, caso o gengibre não

funcionar”. Foi até um pé de limão, retirou alguns, e foi para casa.

Chegando à casa foi até o quarto, Dona Odete dormia profundamente, então deliberou esperá-la acordar. Lavou os gengibres e os limões, colocou sobre a mesa, sentou-se novamente no banco e ficou esperando. Jeremias deu uma cochilada, quando despertou, olhou para cozinha, viu a esposa sentada a mesa, almoçando tranquilamente. Foi até ela e perguntou: – Não sentiu mais nada?

— Não, só estava com fome. Para que esses limões e esses dois gengibres?

— Para no caso de sentir enjoo novamente. Dona Maura e Dona Elsa, ensinou-me fazer o chá.

— Você foi até lá?

— Fui. Dona Maura estava lá na casa dela.

— Você não vai trabalhar no roçado?

— Hoje vou ficar em casa, caso precisar, estarei aqui.

Nos dias seguintes os enjoos de Dona Odete foram diminuindo, Jeremias fez uma boa quantidade de chá de gengibre, quando o enjoo ameaçava, ela recorria ao chá, e o enjoo passava, as vizinhas de-

ram a ela todo apoio e orientação, e as coisas foram normalizando.

A vida naquela comunidade era muito pacata, as pessoas que não moravam muito distantes, vinham fazer compras no armazém de Sr. Conceição. Vez ou outra apareciam os vendedores de produtos industrializados, montados em cavalos ou burros, para suprirem os estoques do armazém. Quando chegavam na parte da tarde, geralmente se hospedavam na casa de Sr. Conceição, enquanto seus animais descansavam em piquetes, construídos para essa finalidade. No dia seguinte se levantavam bem cedo, tomava o café feito por Dona Tereza, se despediam e iam embora, as entregas eram feitas em carroças, tracionadas por duplas de burros, devido ao peso e as longas distâncias.

As vidas daquelas pessoas não seriam tão difíceis, se o clima colaborasse, já havia passado a época de plantar o feijão, o milho, a mandioca, as roças todas preparadas, mas o céu continuava limpo, nem um sinal de chuvas, com um agravante, as cisternas das casas começavam secar, nesses casos, a água para o consumo humano, e dos animais casei-

ros, tinha que ser buscada distante, em um córrego, que passava numa parte isolada da fazenda de Sr. Conceição, mas se a seca continuasse, logo ele secaria também, nesse caso, água somente em um açude privado, em uma fazenda distante. Os homens viviam andando de um lado para o outro, desorientados, olhando o céu, esperando pelas chuvas.

Não obstante a fazenda de Sr. Conceição ser bastante extensa, e ele possuir pouco gado, as pastagens eram todas nativas, que com a seca desapareciam, se a chuva não retornasse logo, começariam morrer animais, uns de fome outros de sede. A situação apesar de ser preocupante, não chegava ser ainda desesperadora. Estava fazendo um ano que Jeremias e Odete haviam se mudado, todos hão de se lembrar, que todas as roças tinham sido plantadas, esse ano nenhum pé de nada, havia nascido.

Dona Odete estava em seu quarto mês de gestação, sua barriga começava ficar saliente, Jeremias contemplava aquele cenário seco, desanimador. Como Sr. Conceição não havia comprado o excedente da farinha dos colonos, todos tinham farinha para o consumo, e todos tinham porcos, em seus

chiqueiros, ninguém ali estava passando fome, mas todos esperavam pelas chuvas, para devolver o ânimo e a esperança.

Jeremias estava sentado em um banco de madeira, sob a árvore frondosa de seu quintal, quando viu chegar cinco dos seis colonos, o cumprimentaram, perguntaram sobre a saúde de Dona Odete. Jeremias disse que estava tudo bem, os convidaram para que se sentassem. Sr. Belarmino tomou a palavra, e justificou o motivo da visita deles, nesses termos:

— Jeremias, eu e os amigos aqui presentes, estávamos conversando lá no empório de Sr. Conceição sobre essa estiagem, que parece não ter mais fim, relembramos que você previu a última chuva que tivemos por aqui, quando os feijões começavam florir, exatamente a um ano atrás, acaso o amigo não teria uma boa notícia para nos dar?

— Engraçado estava aqui sentado pensando, a um ano atrás eu e Odete já havíamos mudado, as roças já haviam sido plantadas, e depois que nos mudamos haviam dado duas boas chuvas, esse ano até agora nem um pinga. Mas se eu não tiver enganado, essa noite teremos chuva.

Sr. Felício disse admirado: – Mas já essa noite?

— Eu disse se não estiver enganado.

Sr. Basílio, obtemperou: – Então vamos esperar, esperamos que o amigo não esteja enganado.

— Vou pedir a Odete, fazer um café aos amigos.

Todos agradeceram, um deles disse: – Não precisa incomodar Dona Odete, estamos voltando para o empório, não temos nada que fazer mesmo.

Levantaram, se despediram, e se foram. O sol estava à pino, na imensidão do céu, nenhuma nuvem, nenhuma brisa soprava, apenas o mormaço de um calor insuportável, estorricando o mundo literalmente. Durante o percurso ninguém disse nada. Assim que chegaram à sombra da árvore à frente do empório, um deles perguntou: – O que vocês acharam da previsão de Jeremias, de que essa noite teremos chuvas?

Sr. Belarmino tentou amenizar a situação, dizendo: – Jeremias é uma pessoa assim como nós, como pode saber quando vai chover. Se nem as pererecas, nem as acauãs, nem os bugios, andam acertando ultimamente, ele mesmo disse não ter certeza, poderia estar enganado.

Sr. Basílio o mais velho de todos, usando de toda sua experiência disse: – Muitas coisas Deus, acertadamente não revelou ao homem, por exemplo: Se soubéssemos o dia de nossa morte. Quem poderá saber, se o filho que Dona Odete está esperando, será um menino, uma menina, ou serão dois. Existem coisas que necessitamos esperar acontecer, para saber.

Sr. Felício também experiente, e estudioso dos Evangelhos, concluiu: – Em verdade nem sabemos, porque estamos aqui nesse mundo, já que quase nada sabemos, que seja como Deus quiser que seja. Acho que Jeremias não deveria andar falando essas coisas, Deus não deu ao homem, poderes para saber o que somente o futuro revelará, pode ser até pecado.

Nisso Sr. Conceição que quase nunca saía de trás do balcão, chegou perguntando: – Sobre qual assunto vocês estavam conversando, talvez eu possa dar minha opinião?

Sr. Belarmino disse a ele: – Sobre a possibilidade de termos chuva essa noite.

Sr. Conceição deu aquele seu sorriso costumeiro, disse: – Sem nenhuma chance. Até a lua tem

prometido chuva, e ela tem se enganado. Alguém de vocês está achando que essa noite vai chover?

Sr. Hilário entregou Jeremias, disse ao patrão: – Acabamos de ouvir Jeremias dizer, que essa noite teremos chuvas.

Sr. Belarmino amenizou: – Ele disse, se não tivesse enganado.

Sr. Conceição acabou dizendo o que pensava: – Vocês têm que parar de acreditar, no que Jeremias diz, acreditem em Deus, a chuva vai vir, somente quando Deus quiser. Eu que sempre desconfiei dos homens, não iria acreditar em Jeremias. E aposto com quem quiser, que nos próximos dez dias, não teremos chuvas.

Se o pessoal tinha alguma esperança, aquelas palavras de Sr. Conceição, os convenceram da realidade, teriam que esperar para ver.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 25/12/2025.





Os Estragos do Temporal

NAQUELA TARDE DONA ODETE percebeu o marido triste, como estivesse aborrecido com alguma coisa, ela viu os colonos conversando com ele, como não disse a ela do que se tratava, não quis perguntar, talvez tenham dito alguma coisa a ele, que o fizera ficar daquele jeito, chegou até ele, perguntou: – O que os colonos disseram, que vieram em cinco falar com você, e depois que saíram parece que ficou triste e preocupado?

— Sabe que as vezes falo o que não devo.

— Todos somos assim, às vezes falamos o que não devemos, mas o que disse a eles que não devia?

— Essa noite que passou tive um sonho, ia contar a você, depois pensei, e resolvi não dizer nada. Mas agora vou contar: “Primeiro sonhei que estávamos aqui em casa, era noite e estava caindo uma tremenda chuva, com vento, raios e trovões, assim que o dia amanheceu, você foi ajudar-me plantar o feijão, lá na roça enquanto plantávamos o feijão, você me perguntou, se nosso filho seria um menino ou uma menina, eu lhe disse com toda certeza que seria uma menina, e colocaríamos nela, o nome de Bárbara, você perguntou, porque Bárbara. Eu disse, em homenagem a Santa Bárbara, que protege as pessoas, dos raios, ventos e das tempestades. Você disse: Se você quer que ela se chame Bárbara, esse será seu nome, eu gostei”

— Quando estava sentado à sombra da árvore do quintal, chegaram Sr. Belarmino, Sr. Felício, Sr. Basílio, Sr. Hilário e Sr. Branco. Faltando apenas Sr. Deodato, e os dois vaqueiros. Sentaram-se e começamos conversar, Sr. Belarmino lembrou que eu havia previsto a última chuva, que havia dado,

quando o feijão estava começando florar, a um ano atrás, perguntou, se eu não tinha uma boa notícia para dar a eles. Então lembrei-me da chuva que vi em meu sonho, sem pensar disse a eles, que essa noite teríamos chuva, depois completei “Isso se eu não estiver enganado”. Como não havia contado a você o sonho que tive, me arrependi de ter falado a eles que ia chover. A chuva que vi fora apenas em um sonho.

Dona Odete pensou, depois disse: – Deveria ter dito a eles, apenas que tinha sonhado que estava chovendo, mas para Deus tudo é possível, já passou a hora de chover, nessa época já deveria haver feijão grande nas roças. Se a chuva demorar, logo vão começar secar as cisternas. Às vezes temos que pensar antes de falar, depois que falamos nada mais podemos fazer.

Todas as noites instintivamente, Jeremias ia até a janela que dava para a direção onde o sol se escondia, e ficava olhando por alguns minutos o horizonte, na esperança de ver um relâmpago, pelo fato das duas últimas chuvas, ter vindo dessa direção. Essa noite Jeremias ficou olhando o horizonte

distante, por mais tempo, nenhum sinal de relâmpago. Não comentou nada com a esposa, logo foi se deitar, lembrou do sonho que teve, de Santa Bárbara, todas essas coisas passaram pelo seu pensamento, pediu a Ela, que pedisse a Deus para mandar chuva logo, antes que as cisternas secassem, que seria um transtorno para todos. Assim que Dona Odete veio se deitar, apagaram a lamparina e ambos dormiram.

Deveriam ser duas horas da manhã, Jeremias acordou, com a impressão de ter ouvido um trovão distante, levantou-se foi até a janela da cozinha olhou, esperou, e não viu nada, quando voltava para o quarto ouviu outro trovão, da mesma forma distante, foi até o outro quarto, abriu a janela que ficava do lado oposto, do lado do mar, como costumavam dizer, o lado que o sol nascia todos os dias. Os relâmpagos iluminavam enorme coluna de nuvens escuras, sobre a linha do horizonte, que ocupavam todo o lado leste, esperou viu um relâmpago mais forte, demorou e ouviu o trovão, semelhante aos outros, parecia dizer que estava se aproximando, foi até o quarto chamou Dona Odete, ela se levan-

tou com dificuldade reclamando, ele perguntou:

— Você ouviu os trovões?

— Você estava sonhando novamente?

— Não, venha até aqui na janela do outro quarto.

Dona Odete chegou até a janela, ficou maravilhada com o que viu, os relâmpagos se sucediam, um após o outro, de vez em quando um mais forte, depois ouvia-se o trovão, que ecoava distante. Ela disse ao marido:

— Estive pensando em Santa Bárbara, você sabia que os escravos a chamavam de Iemanjá, ou Iansã? Diziam que ela morava no fundo do mar, e protegia os navegantes dos ventos e das tempestades, e os que estavam sobre a terra, dos raios e das tempestades, o mais estranho que dessa vez, a chuva está vindo do lado do mar, do lugar onde ela mora, estou achando que Santa Bárbara, está trazendo chuva para o sertão.

Nesse momento, Jeremias sentiu uma rajada de ar gelado, percorrer todo seu corpo, fazendo arrepiar dos pés à cabeça. Devido ao escuro, Dona Odete não viu, mas Jeremias tinha lágrimas nos olhos. Voltaram para o quarto, apagaram a lamparina e se deitaram,

os trovões cada vez mais fortes, indicavam que estavam vindo naquela direção. Deveriam ser quatro horas da manhã, quando o vento chegou com tudo, assoprando com violência, arrancando as telhas das casas, os galhos das árvores, os relâmpagos iluminavam o mundo, e os trovões faziam tremer as janelas, tudo isso acompanhado de chuva, chuva intensa, provocando uma espécie de urro contínuo, a água era tanta, que o telhado frágil da casa, não conseguia vedar, molhando seu interior, em pouco tempo, tudo estava encharcado, e os dois em estado de pânico, com a sensação de que tudo seria destruído. Jeremias e Odete ajoelhados no quarto, oravam a Deus que tivesse piedade deles e de todos, porque nas outras casas, não deveria estar diferente.

Passados uns vinte longos minutos de desesperos, a avalanche de ventos, foi se afastando, deslocou-se sertão adentro, levando consigo, seu barulho amedrontador, restando somente o barulho da água da chuva, que caía pesadamente, lavando tudo. E assim se manteve até quando o sol, começou iluminar o sertão, que amanhecia encharcado, pela água da chuva torrencial.

Do momento que começou o vendaval, Jeremias e Odete se levantaram e não mais se deitaram, assim que o vento cessou, ficaram mais tranquilos, mas suas roupas e da cama, estavam todas molhadas, quando a chuva diminuiu a intensidade, trocaram as roupas e foram à cozinha, ela coou café, os dois tomaram, e ficaram olhando a chuva pela janela, esperando o dia clarear. Assim que clareou, disse a ela, que iria até o armazém, ver se estavam precisando de ajuda.

Quando chegou, encontrou o armazém com as portas abertas, algumas pessoas lá se encontravam ajudando Sr. Conceição e Dona Tereza, a enxurrada fora tão forte, que desceu em velocidade, pelo caminho que ia até a frente do armazém, entrou pelas portas da frente, levando lixo, plantas e lama, saindo pelas portas do fundo, arrastando tudo que encontrara pelo caminho, deixando em sua trajetória, um rastro de destruição. O telhado do armazém fora parcialmente destruído pelo vendaval, e a chuva caiu com toda intensidade em seu interior, encharcando tudo que havia.

O estrago que o temporal provocou ao estabelecimento de Sr. Conceição, não deixava nenhuma

dúvida, fora de grande monta, sem contar o trabalho que teriam para limpar tudo, e colocar o que havia sobrado em ordem. Jeremias se juntou aos demais, na limpeza do piso, coberto de lama. Enquanto outros lavavam os produtos que não se estragaram, colocando sobre mesas para enxugar. Assim que ficaram sabendo, todos os colonos vieram para ajudar, Sr. Conceição, orientou Sr. Jerônimo o vaqueiro, que pegasse um cavalo, e fosse localizar um Senhor, que morava em um povoado não muito distante, para vir começar consertar, todos os telhados danificados.

Quando tudo ficou mais ou menos organizado, os colonos, entre eles Jeremias, foram para suas roças plantar feijão, para aproveitarem a umidade da terra. Sobre a previsão da chuva feita por Jeremias, ninguém comentou nada. Na opinião de alguns colonos mais experientes, se toda aquela chuva fosse repartida, seria suficiente para manter a terra molhada por vários meses, quem sabe até por um ano, mas devido sua intensidade, quase toda água tinha ido embora, provocando estragos por onde passava, mas todos estavam felizes, a solução agora seria consertar os estragos causados.

O maior prejudicado fora Sr. Conceição, mas em nenhum momento, se ouviu ele reclamar ou blasfemar contra os exageros da natureza, em mais de duas décadas em atividades, nesse local, era a primeira vez que isso acontecia. Em compensação, toda aquela chuva, socorreu seu gado, que não chegou ser atingido seriamente pela estiagem, como dissemos, sua área de terras era bem extensa, e seus animais não eram muitos, o número de perdas foi insignificante.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 26/12/2025.





Menino ou Menina?

A TRÁS VIMOS QUE JEREMIAS estava arrependido, por ter considerado que havia falado o que não devia, quando profetizou aos seus amigos, que naquela noite choveria. Dessa vez quem falou o que não devia foi Dona Odete, com base no sonho de Jeremias, que lhe garantiu que ela teria uma menina, e se chamaria Bárbara. Conversando com suas amigas, com a maior naturalidade, mencionou várias vezes que teria uma filha, e se chamaria Bárbara. A maneira

como falara se revestia de certa segurança, como se tivesse certeza do que estava falando.

Dona Maura e Dona Elsa muito discretas, nada disseram a ela, mas comentaram com as outras amigas, inclusive com Dona Tereza, que Dona Odete quando se referia ao filho que teria, falava com certeza que seria uma menina, e se chamaria Bárbara. Intrigadas, e com um certo propósito, convidaram Dona Odete, para acompanhá-las em uma visita solidária, à casa de Dona Tereza, em virtude dos transtornos causado pelo temporal. Estando as quatro conversando normalmente, não demorou Dona Odete, sem perceber fez referência ao seu futuro bebê, como sendo uma menina, que se chamaria Bárbara. Imediatamente Dona Tereza percebeu, e quis saber, perguntou:

— Como você sabe que seu bebê será uma menina? Inclusive isso pode não ser bom a você, se nascer um menino.

— Eu e Jeremias temos certeza de que será uma menina, até já escolhemos seu nome, se chamará Bárbara, em homenagem a Santa Bárbara.

Dona Odete falou com tanta segurança, que Dona Tereza não quis contestá-la, poderia ficar contrariada, e até magoada, então deram esse assunto por encerrado. Uma coisa ficara bem evidente, Sr. Jeremias pactuava desse mesmo entendimento, e isso não era bom caso não se confirmasse a expectativa deles.

Um assunto aparentemente sem importância, mas repercutiu entre os moradores da localidade, o fato de prever uma chuva noturna, durante um dia ensolarado, sem uma nuvem em toda abóbada celeste, era sem dúvida, muito excepcional. Agora saber o sexo de uma criança, no ventre materno, apesar de ter cinquenta por cento de chance de acertar, com a mesma probabilidade de errar. Principalmente quando se trata de um filho, do primeiro filho, que normalmente para os pais, o sexo da criança é um detalhe subjetivo.

Um detalhe que vale a pena observar, em nenhum momento, se ouviu Jeremias dizer, que seu futuro filho, seria um menino ou uma menina. Talvez tenha aprendido a lição, quando reconheceu,

que havia falado o que não devia, no caso do último temporal.

Como disse Sr. Basílio, com toda sua experiência de vida: “Existem coisas que é necessário esperar acontecer para se saber”

E o tempo passou célere, esse ano todos zelaram devidamente de suas lavouras de feijão, se espelharam em Jeremias, que para alguns, diante dos acontecidos, não era uma pessoa comum como eles. E todos atribuíam as declarações de Dona Odete, que teria uma menina. Como sendo produto de mais uma profecia feita por Jeremias, que estava pendente de revelação.

Esse assunto fora comentado pelos colonos no empório de Sr. Conceição, algumas vezes, sempre quando Jeremias não estava presente. Sr. Conceição sempre reiterava sua opinião dizendo: “Vocês parem de acreditar, no que fala Jeremias, e nesses supostos poderes que vocês acham que ele tem, como já disse, e continuo dizendo, eu não acredito”. Estou disposto apostar com quem quiser, que Dona Odete, vai ter um menino.

Sr. Felício disse a ele: – Lembra da outra vez, que queria apostar, que não choveria nos próximos dez dias, se tivesse apostado, teria perdido. Eu não aposto, porque não tenho dinheiro, mas se tivesse apostaria que Dona Odete vai ter uma menina.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 26/12/2025.





Cada Um. Acredita no Que Quiser

EM VERDADE A POPULAÇÃO DA comunidade estava dividida, alguns acreditavam nas previsões de Sr. Jeremias, outros eram como Sr. Conceição, além de não acreditarem, criticavam os que acreditavam, o mais grave era quando o casal, não pensavam da mesma maneira. O nascimento da criança, seria decisivo, caso nascesse um menino, Sr. Jeremias certamente ficaria desacreditado. Porque o vidente para ser considerado verdadeiro, não poderia falhar.

Numa dessas discussões sobre o poder de adivinhação de Jeremias, Sr. Belarmino apresentou uma teoria interessante. Disse ele em defesa de sua tese: – Como pode passar mais de trezentos e sessenta e cinco dias, um homem se manter em completo silêncio, e de repente diz para cinco testemunhas, “essa noite teremos chuvas, isso se eu não tiver enganado”. Em um dia idêntico aos que se passaram, sem ser possível ver uma única nuvem em todo céu? Eu diria que é muito mais difícil de acertar, do que prever se uma mulher vai ganhar um menino ou uma menina, vocês não concordam?

Foi o suficiente para Sr. Conceição mudar o seu veredito, disse apenas: – Cada um tem a liberdade, e o direito de acreditar no que quiser.

Então Sr. Belarmino fortalecido, perguntou a ele: – Supomos que Dona Odete ganhe uma menina, o Senhor mudará seu pensamento em relação as faculdades de Sr. Jeremias?

Sr. Conceição respondeu: – Como eu disse, cada um acredita no que quiser, para mim não muda nada.

Talvez Sr. Felício fosse o homem mais conhecedor, dos ensinamentos bíblicos daquela pequena comunidade, disse: – Nos Evangelhos existem algumas passagens, onde Jesus se refere a cegueira espiritual do homem. Em João 9.39-41, Jesus confronta os fariseus, vendo as obras de Deus, se recusam reconhecer e querer ver a verdade. Em Mateus 13.13, Jesus fala daquele que veem e não enxergam, ouvem e não compreendem, devido a dureza de seus corações.

Como todos se calaram mediante as citações dos Evangelhos, Sr. Felício complementou: – Existe também em João 20.24-29, Tomé não estava presente, quando Jesus apareceu ressuscitado, pela primeira vez aos Seus discípulos. Quando os discípulos disseram a Tomé, ele disse, que só acreditaria se colocasse seus dedos, nos buracos que os pregos deixaram em suas mãos. Oito dias depois Jesus apareceu novamente, nessa ocasião Tomé estava presente, então Jesus pediu a ele que viesse colocar os dedos nos buracos de suas mãos. Tomé arrependeu-se profundamente de sua incredulidade. Jesus disse a

ele, que muitos creram sem ter visto. Enquanto ele precisou ver para crer.

Voltamos ao caso Jeremias, todos devem estar lembrados, no caso da primeira chuva, que ele percebeu a formação de um aglomerado de nuvens no horizonte, do lado que o sol se põe, disse a Dona Odete que iria chover, por isso não iria trabalhar, ela foi verificar, viu as nuvens e disse que era para ele ir pro roçado, que a chuva só chegaria à noite ou na madrugada, ele foi trabalhar contrariado, quando voltava à tarde do trabalho, viu alguns relâmpagos muito longe. Reconheceu que a esposa estava correta. À noite Dona Odete percebendo os relâmpagos disse que o marido estava certo, tudo indicava que na madrugada teriam chuvas.

Nesse caso não houve nenhuma adivinhação, apenas observação e dedução.

Na segunda chuva, quando voltava da roça, percebeu novamente a formação de nuvens, no mesmo ponto que da primeira vez, encontrou Sr. Hilário que lhe disse que não valia a pena trabalhar, ele disse a Sr. Hilário que naquela noite teriam chuvas.

Nesse segundo caso, mesma coisa observação e dedução.

No último caso sonhou que estava chovendo forte, com ventos e raios, depois sonhou que sua esposa teria uma filha e se chamaria Bárbara, e o conteúdo desse sonho acabou sendo revelado, da maneira que presenciamos.

Em nenhuma das quatro situações, ficou caracterizado que Jeremias tivesse feito previsões do que aconteceria. Nem nunca alguém ouviu ele dizer, que fazia previsões, inclusive negou quando fora convocado dar explicações, dissera que tinha sido apenas um palpite, que acabou acontecendo, nada mais que isso. Todo esse boato de que ele fazia previsões, fora conclusão de algumas pessoas do lugar. Contestada por outras, ficando ele neutro em toda história.

Como podemos observar. Em verdade essa safra, todos se espelharam em Jeremias, para conduzirem suas roças de feijão. E o clima não foi tão benevolente como no ano anterior, mas todos colheram feijão. Não obstante Jeremias ter obtido a maior produção, 276 quilos de feijão, a soma da

produção dos sete colonos atingiu 1.080 quilos, todos devem se lembrar que no ano anterior, foram 788 quilos, sendo que somente a lavoura de Jeremias, havia produzido 430 quilos. A justificativa: Quando o feijão estava florando, não veio aquela chuva salvadora, prejudicando a formação de parcela significativa dos grãos.

Esse ano, além de Sr. Conceição ter obtido excelente renda, 216 quilos, comprou todo feijão que os colonos disponibilizaram vender, não necessariamente para ser vendidos em seu armazém, mas boa parte foi revendida para um comerciante de São Bento do Una, mediante um bom lucro.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 27/12/2025.



O Nascimento de Bárbara

E O TEMPO HAVERIA DE transcorrer célere, quando aproximava o momento, que Dona Odete entraria em trabalho de parto. A pedido de Jeremias, Sr. Jerônimo vaqueiro da fazenda, foi buscar sua sogra, mãe de Dona Elsa, que a pouco tempo havia se mudado para uma fazenda próxima, considerada como ótima parteira, para ficar à disposição, para socorrer Dona Odete, quando começasse sentir os sintomas preliminares ao parto. Dona Pepa, como era conhecida, preferiu ficar à casa da filha, que ficava não

mais que duzentos metros, de onde moravam Jeremias e Odete.

Não demorou muitos dias, em uma madrugada, Jeremias bateu palmas à frente da casa do vaqueiro, Dona Pepa que já estava sobre aviso, acompanhada da filha Dona Elsa, foram com Jeremias, ajudar Dona Odete, dar à luz àquela criança, não só ansiosamente esperada pelos pais, mas por toda aquela pequena comunidade, por ter sido motivo de muitas discussões.

As duas entraram no quarto, analisaram Dona Odete, pediram a Jeremias que acendesse o fogo, fervesse vinte litros de água, e pediram que aguardasse lá fora, na área do fundo. Jeremias se sentou no banco de madeira, e ficou aguardando, imaginando como seria sua filhinha, depois ela dando seus primeiros passinhos, depois correndo pelo terreiro. Lembrou-se de Santa Bárbara, pediu em pensamento a Ela, que protegesse Dona Odete, depois ficou pensando, Santa Bárbara era protetora dos raios e tempestades. Concentrou-se, lembrou de Nossa Senhora do Bom Parto, pediu em pensamento, que colocasse suas mãos sobre Odete, para

que não acontecesse nada de errado, nem com ela, nem com a filha. Os galos de vez em quando, cantavam no galinheiro, os outros galos respondiam, cada qual em seu terreiro, de repente tudo silenciava, Jeremias cochilou por alguns minutos, de repente acordou com o choro de uma criança, levantou-se e ficou esperando, a criança continuava chorando. Dona Elsa apareceu na porta, disse a ele: – A criança acabou de nascer, é uma linda menina. As duas, mãe e filha, estão passando bem, espere mais um pouco, depois eu chamo para vê-las.

Jeremias não conseguiu dizer nada, estava muito feliz. Agradeceu a Deus e as Santas, por ter ajudado, e impedido que nada de errado acontecesse a esposa e a filha, de repente a criança parou de chorar. Demorou um pouco, apareceu Dona Pepa, perguntou a ele: – Você gostaria de ver, sua mulher e sua filhinha?

— Gostaria muito.

— Então entre devagarinho.

Dona Odete estava deitada na cama, amamentando a filhinha, disse a ele: – Foi só começar mamar, parou de chorar, devia estar com fome.

Jeremias aproximou-se, olhou-a de perto, depois disse: – Descanse, vou coar um café para Dona Pepa e Dona Elsa, tomar.

Esse talvez seja, um dos momentos mais emocionantes para um pai, o nascimento de seu primeiro filho, fica tão feliz, que se sente até abobalhado. Jeremias não sabia como agradecer os préstimos de Dona Pepa e de sua filha, perguntou quanto devia as duas. Dona Pepa, aconselhou:

— Sr. Jeremias, seria bom para Dona Odete, que o Senhor arrumasse uma pessoa, para fazer os serviços da casa, pelo menos durante um mês, o resguardo é muito importante para recuperação da mãe.

Ele respondeu: – Não será necessário, como no momento não tenho nada a fazer, ficarei ao seu lado o tempo todo, e farei todo trabalho da casa. Aprendi cozinhar desde jovem, a não ser que Odete peça algo que não sei fazer, nesse caso procurarei outra pessoa para fazer. As Senhoras querem que as acompanhe de volta?

Dona Elsa disse: – Obrigado Sr. Jeremias, o dia já está amanhecendo, voltamos sozinhas, mais tarde voltaremos para ver se está tudo bem. Quanto a

pagamento, não se preocupe, minha mãe nunca cobrou, por esse trabalho que realiza há muitos anos, foi um prazer ajudá-los nesse momento.

A notícia do nascimento da criança de Dona Odete e Sr. Jeremias, se espalhou rapidamente, ninguém estava preocupado saber, se havia corrido tudo bem, a curiosidade era saber o sexo do bebê, e quando todos souberam que era uma menina. Mais pessoas se convenceram, que de fato Sr. Jeremias tinha poderes, para prever as coisas. Menos Sr. Conceição, que chegou ter um leve desentendimento com sua esposa Dona Teresa, que reconheceu ter acertado, quando decidiu não contestar Dona Odete, quando disse que teria uma filhinha, e se chamaria Bárbara.

Naquela tarde Jeremias foi até o empório para comprar algumas coisas, Sr. Conceição o parabenizou pelo nascimento da filha, quis saber dele se houve de fato a previsão que a criança seria uma menina. Jeremias desconversou, nem disse sim, nem disse não, nem tão pouco falou sobre o sonho que teve naquela noite, deixando o comerciante frustrado em suas intenções.

Há algum tempo Jeremias tinha conhecimento que Sr. Conceição, tinha certa implicância com sua pessoa, uma espécie de ciúme, por que a maioria dos colonos o elogiavam, e demonstravam gostar dele. Quando em verdade ele quem era o benfeitor daquela gente, sentia que as pessoas sempre se posicionavam ao lado de Jeremias, e contra ele, uma grande ingratidão daquela gente, pensava ele.

Sr. Conceição não tinha Jeremias como inimigo, sempre lhe atendia naquilo que pedia, o tratava com respeito e submissão, o problema é que os colonos tinham mais apreço com a pessoa de Jeremias, do que com a pessoa dele, e para reverter a situação, usava tática equivocada. Tentava diminuí-lo para se elevar, as pessoas eram simples, mas não eram bobas, e percebiam.

Sabiam que enaltecer Jeremias, era a maneira mais eficiente para contrariá-lo. Porque como patrão tinham em mãos os meios, para explorá-los até nas pequenas coisas, e considerá-los inferiores, em poder e inteligência, pelo fato de serem colonos. E Jeremias era como eles, colono, humilde, e amigo

de todos. Principalmente quando disse, se eles estivessem unidos, sempre do mesmo lado, poderiam controlar os abusos do patrão.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 28/12/2025.





Nada Como, o Perdão Recíproco

NAQUELE PERÍODO DO ANO, depois que ocorria a colheita do feijão, e não havia chegado a época de fazer a farinha, os colonos não tinham trabalho para se ocuparem o dia todo, todas as tardes se reuniam no empório de Sr. Conceição, para conversar e se entreterem. Nessa tarde o assunto era o nascimento da filha de Jeremias, mais especificamente sobre a previsão acertada, feita por ele, que a criança que sua esposa estava esperando seria uma menina. Sr. Conceição depois do desentendimento que teve com a

esposa, não queria mais conversar sobre esse assunto. Como diz o velho ditado “Quem fala demais, dá bom dia ao cavalo”.

Por um momento Sr. Conceição teve a infelicidade em aproximar do grupo. Sr. Felício fez um comentário, ainda mais infeliz, quando quis lembrá-lo do que havia acontecido alguns dias atrás, disse a ele: – Não disse ao Senhor se tivesse dinheiro, apostaria que Dona Odete ia ter uma menina? Teria ganhado.

Sr. Conceição que não estava para conversas, principalmente sobre aquele assunto, não gostou nem um pouco sobre o que disse Sr. Felício, respondeu asperamente: – Vamos fazer assim Sr. Felício, comece guardar dinheiro, quem sabe um dia, terá condições de apostar comigo.

Sr. Conceição deu as costas para o grupo e entrou em seu empório. Sr. Felício muito chateado e ofendido, foi para sua casa, sentindo-se humilhado. Depois daquela cena completamente desnecessária, e constrangedora, os demais não tinham mais nada a dizer uns aos outros, também foram para suas casas.

Sr. Conceição percebendo que todos tinham ido para suas casas, fechou o empório, igualmente chateado e magoado, foi para sua casa, cujo ambiente não estava nada acolhedor. São coisas assim sem importâncias, que estraga o dia de uma pessoa. Principalmente para um sertanejo, que não aceita ser destrutado, ainda mais perante seus amigos, por considerar sua dignidade seu único bem precioso. Como dissemos, Sr. Felício era o homem mais conhecedor dos ensinamentos dos Evangelhos, chegou a sua casa profundamente magoado, entrou em seu quarto, e chorou sentidamente, refletiu sobre o acontecido, como era uma pessoa humilde, reconheceu ter sido ele mesmo o grande culpado, falou o que não devia, ouviu o que não queria.

Sr. Conceição não estava menos ressentido, sabia que tinha atingido a dignidade de Sr. Felício, pela sua condição de pobre. Tudo por um motivo banal, assim como havia se desentendido com a esposa pela manhã, que o chamou de prepotente, dono da verdade, nem veio saber quando chegou, por que havia fechado o empório mais cedo. Quando isso acontecia, por ser extremamente melindrosa, ela se isolava, ocupava o quarto de visitas, trancava a porta. Ele sabia, se quisesse

comer, teria que fazer sua própria comida. Em verdade ele é quem tinha motivos para estar ofendido. Ela não demonstrava nenhuma consideração pela sua pessoa, que vivia para o trabalho, para servir a todos, e só recebia ingratidões.

Todos esses desentendimentos, agravados pelo melindre existente em nós, que nos ofendemos, quando ouvimos de alguém, certas considerações, e até mesmo uma única palavra, poderiam ser perfeitamente evitados, como disse Dona Odete ao marido Jeremias: “Todos somos assim, às vezes falamos coisas que não devemos”, quando ele disse a ela, que falava o que não devia.

Se observarmos todos os que estão sofrendo, foi pelo motivo de ter falado o que não devia, muitas vezes nos ofendemos, quando ouvimos uma verdade sobre nós, mas devido nosso orgulho, não admitimos, por considerarmos que somos perfeitos, e estamos sempre com razão. Devemos adquirir o hábito de policiar aquilo que vamos dizer. Nossas palavras são como pedras que atiramos, uma vez arremessada não tem mais volta. Existe um outro velho ditado popular que diz: “Em boca fechada, não entra mosquito”.

Por essas e tantas outras em Mateus 18.21-22, Jesus recomendou que devemos perdoar não sete vezes, mas setenta vezes sete vezes. Ou seja, indefinidamente, para que não existam mágoas em nosso coração.

Não obstante os moradores daquela pequena comunidade, serem pessoas simples, eram quase todos, pessoas melindrosas, não tinham capacidade de discernir que, assim como somos ofendidos pelas pessoas, também ofendemos, muitas vezes sem ter essa intenção. Se perguntarem se o melindre é próprio de pessoas que têm pouca instrução, diria que não, é um sentimento inferior próprio do espírito humano, que necessita ser trabalhado, para gradativamente ir enfraquecendo. Na Oração do Pai Nosso, Mateus 6.9-13, Jesus ensina-nos orar: Deixa bem explícito que Deus vai perdoar nossas dívidas, assim como perdoamos os nossos devedores, vai perdoar nossas ofensas, assim como perdoamos aqueles que nos ofendem.

Para se ter uma ideia da grandiosidade do espírito de Sr. Felício, que quase não conseguiu dormir aquela noite. Assim que o dia amanheceu, foi até o armazém de Sr. Conceição, que até se assustou quando o viu chegar, e lhe disse:

— Sr. Conceição vim lhe pedir desculpas pelo acontecido ontem, reconheço que a culpa foi toda minha, de ter falado o que não devia, espero que o Senhor me perdoe.

Sr. Conceição se justificou, nesses termos: – Para ser sincero, hoje acordei com vergonha de mim mesmo, por lhe ter ofendido daquela maneira, ontem não foi um dia bom para mim, logo de manhã tive um desentendimento com minha esposa, devo ter descontado no Senhor o que estava sentindo, eu é que peço perdão, pelas palavras que lhe disse. O Senhor sempre foi um bom amigo, espero que continue sendo, e vamos esquecer o que aconteceu.

Os dois deram-se as mãos, deixando bem claro, que cada um reconheceu, que não havia agido corretamente, mas tudo estava bem, agora.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 28/12/2025.



Sete Cabeças, Pensam Melhor Que Uma

JEREMIAS ESTAVA SE REVELANDO um excelente dono de casa, tudo muito limpo e arejado, canjas e sopas quentes na cama para Dona Odete, chazinho de erva-doce para Bárbara, quando sentia cólicas, não cansava de ficar olhando para filha, como se quisesse dizer-lhe alguma coisa, através dos olhos e do pensamento. Dona Odete não sabia que ganhar neném, fosse tão bom. Mas já não aguentava ficar deitada na cama, queria se levantar, mas Jeremias não deixava, repetia as

palavras de Dona Pepa, “O resguardo é muito importante, para recuperação da mãe”. De vez em quando recebiam visitas, das Senhoras da comunidade. Até Dona Teresa que não tinha o hábito em fazer visitas, foi até à casa de Jeremias sozinha, visitar Dona Odete e conhecer a pequena Bárbara, sem esquecer de levar uma lembrancinha para ela. Sr. Jeremias não sabia o que fazer para agradá-la, coou um café bem caprichado, foi servi-la no quarto, enquanto conversava com Dona Odete. Dona Teresa ficou admirada com a dedicação de Jeremias, que ainda não o conhecia direito, sua impressão, que os dois formavam um lindo casal, principalmente a maneira como se tratavam.

Dona Odete perguntou a ela, se sabia as razões que os filhos não vieram visitá-los, ela ratificou a informação, que os filhos não ligavam para os pais. Jeremias estava presente, e sem perceber disse: – Esse Natal, garanto a Senhora que receberão a visita de todos eles, com seus filhos.

Dona Teresa respondeu: – Seria muito bom Sr. Jeremias, vai fazer quatro anos que não aparecem.

Estávamos no mês de outubro, faltavam pouco mais de dois meses para o Natal, os filhos nunca se

comunicavam com os pais, das vezes que vieram chegaram de surpresa. Como a paz havia retornado à casa de Sr. Conceição e Dona Teresa, displicentemente comentou com o marido: – No dia que fui visitar Dona Odete, conversando sobre nossos filhos, Sr. Jeremias garantiu-me que todos virão nos visitar nesse Natal.

— Não, vem de novo Sr. Jeremias fazendo suas profecias, e você acreditou nele?

— Disse a ele, que seria muito bom que isso acontecesse, só isso.

— Espero que não saia por aí dizendo essa besteira, como pode ele saber?

Para não se desentenderem novamente, resolveram encerrar o assunto, com o compromisso que ninguém mais soubesse, dessa declaração intrometida de Jeremias.

Esse ano Jeremias havia providenciado, todos os apetrechos necessários para fabricação da farinha, Dona Odete completamente recuperada, a muito havia reassumido o comando da casa, sem prejuízo aos cuidados à pequena Bárbara, e a amamentação exclusiva, com a participação do marido, que competia com ela na função de paparicar a bebezinha.

Quando chegou o tempo de fazer a farinha, Jeremias foi o primeiro a arrancar a mandioca, assim que terminou o trabalho, foi até o empório de Sr. Conceição, disse a ele, se pudesse pedir ao Sr. Jerônimo para transportar com o carroção até sua casa, esse ano pretendia começar primeiro, não poderia contar com a esposa, para ajudá-lo, como no ano anterior, devido a criança. Sr. Conceição disse que pediria imediatamente ao vaqueiro, então perguntou:

— E aí Sr. Jeremias, como está sua filhinha?

— Está a coisa mais linda desse mundo, seu nome é Bárbara, qualquer hora vou trazê-la aqui, para que a conheça. Quando Sr. Jerônimo for buscar a mandioca, diz a ele que vou ajudá-lo. Obrigado, agora preciso ir.

Sr. Conceição pensou perguntar a ele, como sabia que seus filhos viriam visitá-los no Natal, se nem os conheciam. Ele como pai, tinha certeza de que não viriam. Por saber que seus filhos eram uns ingratos, nenhuma notícia a quatro anos, para dizer como estavam, não precisavam vir, bastava ao menos mandar uma carta, dizendo que estava tudo bem, já seria o suficiente. Depois pensou, e achou melhor não ter dito nada.

Em uma conferência sigilosa, entre os sete colonos, sugerida por Jeremias, a alguns dias atrás, ficou determinado que elevariam a produção de farinhas, cada colono apresentaria em torno de quinze sacas, ultrapassando as cem sacas de farinha produzidas. Devido os porcos e as famílias, não consumirem as mandiocas que estavam sendo deixadas para esse fim.

No dia seguinte Sr. Jerônimo com ajuda de Jeremias, puxaram a mandioca até sua casa, à tarde para o desespero de Dona Odete, Jeremias pediu a ela, que vestisse a melhor roupinha em Bárbara, que iria levá-la ao empório para que Sr. Conceição a conhecesse. Dona Odete não queria, ele insistiu até ela consentir. Bárbara bem-vestida e cheirosa, foi levada pelo pai até o armazém. Sr. Conceição ficou encantado, quando viu Bárbara nos braços do pai, disse que só não a pegaria nos braços por ser muito novinha e delicada, mas era uma criança muito linda. Quando estava saindo para ir embora com a filha, disse a Sr. Conceição: – Puxamos a mandioca essa manhã, acredito que a produção de farinha esse ano vai ultrapassar as cem sacas.

— O ano passado foram quase oitenta sacas, você acha que esse ano vai produzir mais?

— As mandiocas pareceram mais grossas, acredito que cada colono vai produzir em torno de quinze sacas, ao todo serão mais de cem sacas.

Jeremias se foi com Bárbara nos braços, e Sr. Conceição ficou todo feliz, fazendo seus cálculos mentalmente, depois chegou a essa conclusão: “Se cada colono colher quinze sacas, menos três sacas da renda, sobrarão doze sacas para cada um, menos seis sacas para o consumo, sobrarão seis, vou comprar essa farinha, e vende-la ao mesmo comerciante que vendi o feijão, e terei um bom lucro”.

Não obstante ser uma previsão de Jeremias, essa em particular interessava a Sr. Conceição, iria torcer para que ele acertasse, mas manteria segredo, não contaria a ninguém. Então seriam duas previsões feitas por Jeremias, que permaneceriam pendentes de confirmações. A produção de cem sacas de farinha, e a visita de seus filhos. Intimamente Sr. Conceição estava torcendo para que acertasse a primeira e errasse a segunda, para que ele caísse no descrédito de Dona Teresa. Que pela maneira como falava, era mais uma que acreditava em suas profecias.

Ouvindo as conversas dos colonos disfarçadamente, havia descoberto que todos estavam otimistas, em relação a produção de farinha, uns falavam em quatorze sacas, outros dezesseis, o que confirmava as previsões de Jeremias, mas nenhum revelou diretamente a ele essa informação. Pelo fato de Jeremias ter dito na reunião que fizeram, que fariam uma surpresa que Sr. Conceição iria gostar.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 29/12/2025.





A União Faz a Força

ASSIM QUE TODOS TERMINARAM a produção de farinha, Jeremias convocou nova reunião, como a produção havia ultrapassado as cento e cinco sacas, Jeremias consultou o grupo, se no próximo ano, teria possibilidade de cada colono produzir dezoito sacas. Ninguém concordou, produzir quinze sacas já tinha sido difícil.

Sr. Basílio perguntou: – O que você está ganhando para ajudar o patrão?

— Estou pensando ajudar a nós mesmos. Como a produção desse ano, vai sobrar doze sacas de farinha para cada um, cada família consome no máximo cin-

co sacas, vão sobrar sete sacas para cada colono. Se Sr. Conceição falar em comprar toda farinha excedente, é porque vai vende-la, como fez com nosso feijão. Vai querer pagar no máximo R\$ 3000 (três mil réis) por saca, e vai vende-la por R\$ 4.000 (quatro mil réis) caso ele fizer essa proposta, vamos propor outro negócio a ele: Caso ele aceitar pagar R\$ 3.500 (três mil e quinhentos réis) por saca, prometemos que na próxima safra produziremos dezoito sacas cada um, que daria quase cento e trinta sacas.

Sr. Belarmino perguntou: – Se ele não aceitar pagar os R\$ 3.500, o que faremos?

— Ninguém vende.

Sr. Deodato perguntou: – E o que faremos com sete sacas de farinha, se vendidas a R\$ 3.000, dariam R\$ 21.000 (vinte e um mil réis) para mim significa muito dinheiro.

Jeremias disse: – Fazemos nossa contraproposta, caso ele não aceitar, pegamos nossas doze sacas de farinhas, e levaremos para nossas casas. Depois eu falarei o que faremos.

Sr. Hilário quis saber: – Por que não diz agora o que faremos depois?

— Vocês estão lembrados quando eu disse, que se nos unirmos poderemos controlar Sr. Conceição, quero saber se vocês confiam ou não em mim? Se vocês não aceitarem podem vender a ele vossas farinhas.

Sr. Felício disse: — Eu aceito, eu confio em você.

— Quem mais aceita, levante a mão.

Foram levantando a mão nessa ordem: Primeiro, Sr. Belarmino, Sr. Basílio, Sr. Branco, Sr. Deodato e Sr. Hilário.

Dizer que todos foram para suas casas despreocupados, estaria faltando com a verdade, estavam muito preocupados e inseguros. No final daquela semana, estava marcado o dia para pesagem e a partilha.

No dia marcado estavam todos os colonos presentes, com suas respectivas produções, foram sendo pesadas as farinhas de cada colono, e separada a renda de Sr. Conceição que correspondia a um quinto, ou vinte por cento. Esse ano Sr. Felício foi quem apresentou a maior produção. Terminada essa fase, Sr. Conceição tomou a palavra e disse:

— Ao contrário do ano passado, esse ano tenho interesse comprar a parte excedente de vossa produção, cada um retira a farinha que vai consumir, o

restante eu pago R\$ 2.500 a saca, vocês aceitam minha proposta?

Sr. Jeremias perguntou: – O Senhor aceita ouvir nossa contraproposta?

— Não aceito, quem quiser vender eu compro, quem não quiser pode levar sua farinha.

Jeremias fez um sinal discreto, todos foram pegando suas farinhas, para serem colocadas em um lugar à parte, para serem levadas. Sr. Conceição ficou olhando sem entender, perguntou: – Ninguém vai querer vender a farinha?

Sr. Jeremias disse: – Nessas condições não.

— Esperem, vou ouvir vossa contraproposta, podem falar.

Jeremias disse: – O Senhor paga R\$ 3.500 por saca, e nos comprometemos produzir dezoito sacas cada colono na próxima safra.

— Como produzirão toda essa farinha, sem aumentar a área plantada?

— Daremos ao Senhor garantias, que somos capazes de produzir dezoito sacas cada colono, sem aumentar a área plantada.

Sr. Conceição deu sua risadinha costumeira, e perguntou: – Que garantias vocês podem me dar?

— Autorizamos que retire da produção de cada colono, os vinte por cento de dezoito sacas. Ou seja, o colono que não produzir as dezoito sacas, vai pagar a mesma renda daquele que produzir, o Senhor entendeu? Veja bem, no ano anterior a minha chegada aqui, fiquei sabendo que foram produzidas 52 sacas, no ano passado 78 sacas, esse ano 106 sacas, dou ao Senhor toda minha produção, se não apresentarmos aqui no próximo ano, 126 sacas de farinha.

— Vamos fazer assim, eu pago R\$ 3.000 por saca, e ficamos combinado.

— Não Senhor, vai pagar pela nossa farinha R\$ 3.500, ou não lhe vendemos nada.

— Se não venderem para mim, o que vão fazer com toda essa farinha?

— O mesmo que fizemos no ano passado, quando se recusou comprar.

— Então peguem vossa farinha, e sumam daqui.

Todos olharam para Jeremias querendo trucidá-lo, sem entender por que não aceitou vender a farinha a R\$ 3.000 a saca. Cada qual foi pegando aos poucos

suas farinhas, e levando para suas casas. Em pouco tempo o depósito de Sr. Conceição, ficou desocupado pelas farinhas dos colonos. Assim que terminaram de levar a farinha, os seis foram à casa de Jeremias.

Jeremias percebeu que todos estavam nervosos e insatisfeitos, antes que dissessem qualquer coisa, chamou-os que viessem se sentar à sombra da árvore do quintal, todos o acompanharam e se sentaram nos bancos de madeira, então Jeremias disse a eles:

— Nossa farinha foi vendida para um comerciante de São Bento do Una, amanhã vão chegar duas carroças para buscá-la, Sr. Conceição vendeu a R\$ 4.000 a saca, como não tem a farinha para honrar a venda que fez, vão levar nossa farinha. Agora voltem para vossas casas, e não comente nada com ninguém.

Sr. Felício perguntou: – E depois, o que Sr. Conceição vai fazer com a gente?

— Ele é o patrão, pode fazer o que quiser, mas não vai fazer nada, por que precisa da gente, não disse a vocês se uníssemos, conseguiríamos controlá-lo.

Todos se levantaram e foram para suas casas. Seria difícil dormir aquela noite, mil dúvidas existiam, que não foram devidamente

esclarecidas. A principal: Como Jeremias tinha conhecimento de todas aquelas informações? Mas a maneira como enfrentou Sr. Conceição, era de quem sabia o que estava fazendo. E se as carroças não chegassem como ele falou? Se o comprador não quisesse levar as farinhas deles? Será que poderes teria esse cabra, que se diz chamar Jeremias, para querer proteger colonos da ganância de um patrão? Afinal quem é esse Jeremias, que chegou ali a dois anos atrás, trazendo sua mudança nas costas, prevendo coisas impossíveis, incentivando os colonos produzirem mais. Se Jeremias pegasse todo dinheiro dessa farinha, e desaparecesse? Essa história estava muito mal esclarecida, precisava ser explicada direito.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 29/12/2025.





Vitória Para os Colonos

SR. CONCEIÇÃO FECHOU O armazém e foi embora. Estava muito nervoso, Dona Teresa aproximou dele, perguntou o que havia acontecido, disse a ela: – Sabia que os colonos só fazem o que Jeremias manda?

— Como assim?

— Ofereci R\$ 3.000 pela saca de farinha, Jeremias disse que só venderiam por R\$ 3.500, como não quis pagar levaram a farinha para suas casas.

— Mas você não já havia vendido essa farinha?

— Já, e o comprador vem amanhã buscá-la.

— E agora como vai entregar a farinha, se não conseguiu comprar?

— É o que preciso descobrir.

Assim como alguns colonos, Sr. Conceição não conseguiria dormir também, o que diria ao comprador, quando chegasse com as carroças, para buscar as farinhas no dia seguinte? Pensou e só encontrou meia solução, iria entregar as vinte sacas que recebeu como renda, era tudo que tinha. Depois de resolver essa questão, iria por esse cabra Jeremias para correr.

Quando amanheceu Dona Odete procurou Jeremias e não o encontrou, logo chegaram Sr. Felício e Sr. Belarmino, procurando por ele, Dona Odete disse a eles, que quando acordou ele não estava na casa, e não sabia onde poderia estar. Os seis colonos se reuniram, e ficaram esperando que o líder aparecesse.

Jeremias se levantou bem cedo, foi esperar pelas carroças a três quilômetros da comunidade, explicou ao comprador, que em verdade era um preposto do comprador, o que havia acontecido, que Sr. Conceição se recusou pagar R\$ 3.500 a saca, a

farinha estava na posse deles, e venderiam por esse preço as cinquenta sacas. Tudo combinado, Jeremias voltou com eles, ficou onde estavam os outros colonos, enquanto as duas carroças foram até o armazém de Sr. Conceição.

Sr. Conceição tentou vender suas vinte sacas, mas o preposto se recusou comprar, disse que só levariam se fossem as cinquenta sacas, ordem de seu patrão. Quando iam voltando, passaram onde estavam os colonos, disseram que iriam levar as farinhas deles. Como traziam uma balança de mesa, passaram em cada uma das casas, pesaram sete sacas, colocaram sobre as carroças, por último passaram à casa de Jeremias, pesaram oito sacas, e efetuaram o pagamento, cada colono recebeu R\$ 24.500 (vinte quatro mil e quinhentos réis), pelas sete sacas, Jeremias recebeu R\$ 28.000 (vinte e oito mil réis), pelas suas oito sacas. Levaram de volta R\$ 25.000 (vinte cinco mil réis), exatamente o que Sr. Conceição teria ganhado, se tivesse comprado as farinhas de seus colonos, pelo valor que pediram. Antes de saírem, cobriram as sacas de farinha, das duas carroças com lonas, para proteger a carga, se despediram e desapareceram.

Antes dos colonos se dispersarem Jeremias disse a eles: – Tenho a impressão de que Sr. Conceição vai pedir que eu deixe sua fazenda. Agora chegou a hora de vocês provarem que estamos unidos. Caso ele fizer o que estou dizendo, se quiserem que eu permaneça com vocês, vão todos até ele, e dizem que também estão deixando sua fazenda.

Sr. Belarmino perguntou: – Você não conhece Sr. Conceição, ele vai expulsar nós todos daqui. Se isso acontecer, para onde vamos?

— Ele não vai fazer isso, precisa de vocês, caso expulsar nós todos, vai gerar muitos transtornos, mas eu sei um lugar de terras férteis, que não pertencem a ninguém, onde cada um poderá ter seu pedaço de terras, plantar o que quiser, e criar quantos porcos quiserem. Agora vão para vossas casas, que eu preciso cuidar de umas coisas.

Se antes aqueles colonos tinham muitas dúvidas sobre Jeremias, agora tinham ainda mais, na visão deles, Jeremias sabia tudo que estava para acontecer, e aconteceu tudo conforme ele previu que aconteceria. Agora mudarem para essa terra desconhecida, seria uma aventura que eles não estavam dispostos

se arriscarem, mas como disse Jeremias, Sr. Conceição não pediriam a eles para deixarem a fazenda. Estava ali mais uma previsão de Jeremias, que ultimamente não tinha falhado nenhuma vez.

Jeremias tomou um banho, almoçou, estava com Bárbara no colo, sentado à sombra da árvore do quintal, quando chegou o menino Samuel, cumprimentou-o, depois disse:

— Sr. Conceição pediu para o Senhor ir até o armazém dele, quer falar com o Senhor.

— Fala para ele, que já estou indo.

— Jeremias levou a filhinha até a esposa, e disse a ela que Sr. Conceição mandou chamá-lo.

Dona Odete não disse nada, pegou a pequena Bárbara e se sentou para amamentá-la. Jeremias colocou o chapéu na cabeça, saiu em direção ao armazém. Lá chegando foi direto até ele, e o cumprimentou. Sr. Conceição disse:

— Sabia que pelo que fez, poderia muito bem, pedir para sair de minha propriedade?

— Penso que não cometi nenhum crime, estava apenas defendendo nossos direitos de colonos, mas o Senhor como patrão, está em seu direito de pedir

para que eu me mude, eu como colono precisaria de uns dias, até encontrar um outro lugar.

— Estive pensando, não vou pedir para que se mude, depois que se mudou para minha propriedade, reconheço que nossa produção de feijão e farinha aumentaram, você tem incentivado os outros colonos a produzirem mais, e eles têm se espelhado em você. Mas o que aconteceu ontem, garanto que não vai mais se repetir, reconheço que cometi alguns erros.

— O Senhor cometeu o erro que todos os patrões cometem, não valorizar o trabalho de seus empregados, só pelo fato de não ter comprado nossa farinha o Senhor deixou de ganhar R\$ 25.000 (vinte e cinco mil réis), caso tivéssemos vendido nossa farinha a R\$ 3.000 a saca, teríamos perdido esse mesmo valor, e o Senhor teria ganhado R\$ 50.000 sem ter tido o trabalho de ralar uma mandioca.

— Não precisa me dizer quanto deixei de ganhar, quero que saiba que o que aconteceu não vai se repetir. Quero saber se a proposta, de produzir

dezoito sacas de farinha cada colono, nas condições prometidas, vai continuar ou não?

— Vai continuar com uma condição, queremos liberdade para vender nossa farinha, para o comprador que melhor pagar por ela.

— Terão toda liberdade, inclusive estou pensando não mais comprar, nem farinha, nem feijão de meus colonos.

— Penso que essa decisão beneficiará os colonos, podemos vender a hora que quisermos, para quem quisermos?

— Eu nunca proibi meus colonos vender seus produtos, para quem quisessem, ou obrigado ninguém comprar em meu armazém, se lhe disseram o contrário, não disseram a verdade, acontece que ninguém compra por preço acima do meu, e vende por preço abaixo do meu.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 30/12/2025.





Um Passeio Interessante

A ATITUDE DE SR. CONCEIÇÃO de não mandar Jeremias embora de suas terras, talvez tenha sido a mais acertada, para recuperar seu prestígio, ultimamente os colonos evitavam conversar com ele, principalmente depois de ter humilhado Sr. Felício, na presença dos amigos. Como já dissemos, o que prejudicava muito sua imagem, eram seu egoísmo exacerbado e sua ambição sem limites. Na safra de feijão, apesar de ser pouco o feijão, ele ganhou cinquenta por cento, só por ter comprado de seus colonos e vendido para um comer-

ciante de São Bento do Una, e não teve a capacidade de compensá-los com nada. Foi por essa razão que Jeremias, se uniu aos colonos e atrapalharam seus planos. Como disse Jeremias, Sr. Conceição precisava ser controlado, somente unidos conseguiriam.

Com todo aquele alvoroço que provocou a venda da farinha, dessa safra, o tempo passou, e quando perceberam o Natal aproximou-se. De repente sem que ninguém esperasse chegou um automóvel, passou pelo armazém, e foi até próximo à casa de Sr. Conceição. Quando Dona Teresa abriu a porta da frente da casa, viu seus filhos e seus netos descendo do automóvel, que havia sido alugado, para acabarem de chegar até a fazenda.

Dona Teresa emocionada, correu em direção aos seus filhos e netos, abraçando e festejando a chegada deles, Sr. Conceição se manteve atrás do balcão, indiferente à visita dos filhos que não via a quatro anos. Depois de levarem suas malas para dentro, o automóvel ter ido embora, alguém se lembrou de Sr. Conceição, perguntou a Dona Teresa, onde ele se encontrava, então ela disse: – Deve estar no armazém.

Só então foram até lá para vê-lo, Sr. Conceição cumprimentou os filhos, o genro, a nora, os quatro netos. O interessante, que nem mais se lembrava do nome dos netos, se era filho da filha ou do filho. E olha que era muito fácil, os meninos eram mais crescidos, eram filhos de Otacilio, e as meninas, um pouco menores, filhas de Ana Maria. Um dos netos observou a confusão feita pelo avô, perguntou a avó: – Parece que vovô, já está ficando gagá.

Todos ouviram e deram risadas, Dona Teresa disse ao neto: – É que seu avô só tem cabeça, para pensar em seus negócios, ele é assim mesmo desligado.

Do armazém voltaram para casa, Sr. Conceição continuou plantado atrás do balcão, certamente pensando, “são todos da casa mesmo, vou continuar por aqui trabalhando”. Daí um pouco viu passar o filho Otacílio acompanhado do genro, o oficial de justiça, cujo nome no momento, ele havia se esquecido. Foram dar uma volta, pela comunidade, em verdade não conheciam ninguém, poderiam até se lembrar de alguns, mas não sabiam nem seus nomes.

Tudo estava igual a quatro anos atrás, como se o tempo não houvesse passado, somente as ár-

vores mais crescidas, as casas mais envelhecidas, pararam para conversar com Sr. Belarmino, depois de se apresentarem como filho e genro de Sr. Conceição, conversaram um pouco, depois Otacílio perguntou: – E meu pai, está se relacionando melhor com os colonos, ou continua como sempre foi?

— Seu pai continua o mesmo, sua vida atrás daquele balcão, ele precisava tirar umas férias, sair com sua mãe, dar uma passeada, só pensa em trabalhar e ganhar dinheiro.

O genro que se chamava Jaime, perguntou: – E o velho tem muito dinheiro assim?

— Acredito que tenha, ele só sabe ganhar, não sabe gastar, um saco que só entra, e não sai, uma hora vai encher.

Otacílio discordou, dizendo: – Meu pai sabe ganhar dinheiro, se soubesse investir estaria rico, bem que eu poderia ajudá-lo, mas ele não confia em mim, nem em ninguém. E as roças vão indo bem?

— Esses dois últimos anos foram melhorzinhos, colhemos feijão para o consumo, chegamos até vendermos um pouco de feijão e farinha, nossa

salvação aqui são os porcos, senão não viveríamos nesse lugar.

Se despediram, e continuaram caminhando de volta, em direção a casa, o almoço deveria estar quase pronto.

Sr. Conceição fechou o armazém, estava na hora do almoço. A família estava completa, em volta da mesa grande, que ficava na varanda enorme, conjugada à cozinha, na parte do fundo da casa. Cinco homens e cinco mulheres. Enquanto almoçavam, Dona Teresa, lembrou-se do episódio, em que Jeremias havia dito a ela, que no Natal eles receberiam as visitas dos filhos e netos. Então comentou:

— Há dois anos mora aqui um Senhor, que costuma fazer previsões, Conceição não acredita, mas ele costuma acertar todas, seu nome é Sr. Jeremias, no mês de outubro fui visitar sua mulher, que havia ganhado uma menininha, estava conversando com Dona Odete, sua esposa, falando que vocês quase não vinham nos visitar. Ele estava perto ouvindo, disse “Eu garanto à Senhora, que nesse Natal, todos virão visitá-los”. Eu disse a ele, tomara que você esteja certo Sr. Jeremias. Não vê que ele acertou mais uma.

Ana Maria disse a mãe: – Depois vamos passear a sua casa, conhecer a bebezinha, e esse Senhor. O que mais ele previu?

— Várias coisas, sua esposa quando estava no quarto mês de gestação, falava para todos, com toda certeza, que iria ter uma menina, e seu nome seria Bárbara, segundo ela, previsão do marido.

Sr. Jaime comentou: – São os adivinhos, estão por todos os lados, eu não acredito nessa gente, são os falsos profetas.

Sr. Conceição falou: – O povo desse lugar é tão atrasado, que acredita em tudo, inclusive Teresa, eu sou um dos poucos que não acredito. Ele só é uma pessoa mais esperta que os outros.

Dona Isaura, a nora, que era uma pessoa muito caridosa, ligada aos ensinamentos espiritualistas, justificou: – Esses videntes existem sim Sr. Conceição, desde os tempos antigos existiram os pítons e as pitonisas, que liam a sorte, e previam o futuro, algumas pessoas nascem com esse dom, essa prática foi proibida pela Igreja, devido aos embusteiros, que enganavam as pessoas, geralmente cobravam e

extorquiam seus crédulos. Fiquei curiosa, também gostaria conhecer esse Sr. Jeremias.

Dona Teresa disse: – À tarde quando o sol não estiver tão quente, vamos até a casa deles, quero ver como está Bárbara.

Depois do almoço todos foram para seus quartos descansarem, Sr. Conceição foi reabrir seu armazém, para trabalhar, como dizia ele, em verdade não fazia praticamente nada, exceto quando chegava um freguês vindo de mais longe, então fazia uma boa compra.

Jeremias almoçou, descansou um pouco, brincou com Bárbara, como ela estava com sono, Dona Odete foi amamentá-la, assim que começou mamar, começou dormir, ele colocou seu chapéu coco, estilo nordestino, em sua cabeça, voltou para o roçado, para também dizer que estava trabalhando, porque em verdade, lá não se tinha nada a fazer. Quando o sol começou declinar e arrefecer seu calor, as três mulheres, acompanhadas das duas meninas, saíram para visitar Dona Odete, rever Bárbara, conhecer Sr. Jeremias, como queriam a filha e a nora.

Foram muito bem recebidas por Dona Odete, ficaram encantadas com Bárbara, que a princípio estranhou as visitas, mas aos poucos, começou sorrir, logo estava passando de colo a colo. Principalmente das duas meninas, como se fosse uma boneca delicada. Quando Dona Teresa disse que a filha e a nora queriam conhecer Sr. Jeremias, Dona Odete disse que logo chegaria do roçado, então Ana Maria, explicou a ela as razões, ela justificou: – Jeremias não é nenhum adivinho, ele é observador, no caso das chuvas, ele fica observando o horizonte ao entardecer, o aro de luz em volta da lua, o cantar da acauã, das pererecas, os mugidos dos bugios nas matas, essas coisas que todos dizem, que a chuva está próxima.

Dona Teresa perguntou: – Como ele descobriu que seu bebê seria uma menina, e não um menino?

— Nesse caso, foi um sonho que teve, sonhou que perguntei a ele, se nosso filho seria um menino ou uma menina, ele respondeu no sonho: “será uma menina, e seu nome será Bárbara, em homenagem a Santa Bárbara, a protetora das pessoas, dos raios e das tempestades”. Como nasceu uma menina, colocamos o nome do sonho.

Dona Isaura, a nora de Dona Teresa, perguntou: Então você e seu marido, acham que não é nenhum poder de adivinhação, o fato dele acertar essas coisas?

— Achamos que não, têm vezes que ele fala alguma coisa, depois se arrepende, acha que não devia ter falado, me diz: “Eu às vezes falo demais, falo o que não devo”.

O próprio Sr. Jeremias disse que não era adivinho, quando foi convocado dar explicações, quando disse que choveria, e acabou chovendo. Conversaram mais um pouco, como Jeremias não chegou, foram embora, Bárbara ficou chorando no colo da mãe, não queria que fossem embora.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 31/12/2025.





Natal em Comunidade

NÃO HAVIA PASSADO MUITO tempo que as visitas tinham saído, Jeremias chegou à casa, ficou sentido não estar presente, gostava de conversar com Dona Teresa. Mais sentido ficou, quando soube que a filha e a nora da patroa, gostariam conhecê-lo, então disse a esposa:

— Qualquer hora dou uma passadinha lá, para que elas me conheçam.

— Não Senhor, não quero que vá até lá sozinho. Só se me levar com você.

— Por que, elas são bonitonas?

— São bonitonas e casadas, assim como você também é casado, e tem uma filha.

— Então vamos fazer assim, uma noite dessas, vamos nos três, assim conhecemos todo mundo, está bom para você?

— Vou pensar.

À noite toda família de Sr. Conceição reunida no alpendre, na parte da frente da casa, conversando sobre os moradores da fazenda, Otacílio sugeriu aos pais, sobre a possibilidade de convidar todos os moradores, para vir almoçar com eles no dia de Natal. Sr. Conceição descartou qualquer possibilidade, alegando: – Não meu filho, já estamos em muitos aqui em casa, isso daria um enorme trabalho e uma enorme despesa.

Como Dona Teresa não se manifestou, Ana Maria saiu em defesa à ideia do irmão, dizendo ao pai: – Quanto as despesas e ao trabalho papai, não vejo nenhum problema, é só mandar matar uma novilha, e convocar algumas pessoas para ajudar. Não precisa mais que, arroz, feijão, mandioca e churrasco, alguns litros de vinho, algumas caixas de doces

para as crianças, isso não vai deixar o Senhor nem um pouco menos rico.

— E quem é rico aqui minha filha?

Jaime o genro, oficial de justiça, disse: – O único rico aqui é o Senhor. O que a Senhora acha da ideia de Otacílio, Dona Teresa?

— Eu aqui não mando em nada, o que vocês decidirem eu aceito, só não quero brigas nem discussões, o Natal precisa ser um dia de muita paz e alegria.

Os quatro netos que não eram nada ingênuos, e sabiam que tinham poder de convencimento, foram até o avô, começaram abraçá-lo, beijá-lo e pedir, deixa vovô, deixa vovô.

Para livrar-se do assédio dos netos disse: – Vou pensar, amanhã à noite darei minha resposta.

Todos bateram palmas, sentindo que Sr. Conceição dessa vez cederia.

Nessas raras ocasiões quando Dona Teresa recebia a visita dos filhos, chamava uma Senhora, filha de Sr. Basílio para ajudar, ela se chamava Francisca, como o marido faleceu, veio morar com seus dois filhos à casa dos pais, Francisca conhecia

todos os moradores da fazenda. No dia seguinte Otacilio pediu sua ajuda para fazer o levantamento do número exato das pessoas que viriam para o almoço de Natal, número de adultos, jovens e crianças. Em pouco tempo o levantamento estava concluído, fora os da família de Sr. Conceição que eram 10, seriam: 23 adultos, 8 jovens e 29 crianças, 60 pessoas, incluído nesse número, algumas pessoas que vieram visitar os parentes.

Como Sr. Conceição possuía todos os ingredientes para fazer o almoço, as despesas seriam insignificantes. Otacilio na condição de Advogado, assumiu o compromisso de convencer o pai, dos benefícios que obteria, com esse gesto de fraternização. Tinha em mãos todos os dados necessários, para realização do evento: quilos de carne, quilos de arroz, quilos de feijão, mandioca, litros de vinho, e caixas de doces e o número de participantes.

Na noite seguinte, quarta-feira, sentados novamente em cadeiras no alpendre, assim que Otacilio começou relatar os dados que tinha em mãos, Sr. Conceição entendeu que aquela questão estava perdida, interrompeu o discurso, e concordou que fizessem o

almoço para todos. No mesmo momento ficou decidido, que Dona Teresa iria acompanhada dos dois filhos, Otacílio e Ana Maria, em todas as casas fazer os convites, não permitindo que a pessoa se recusasse comparecer. Depois era convocar os ajudantes, e montar o esquema de trabalho, o Natal seria no sábado.

Na quinta-feira, Sr. Conceição mandou um recado para os dois vaqueiros Sr. Jerônimo e Sr. Leônidas, que viessem até o empório, coisa muito rara de acontecer, os dois compareceram receosos, assim que chegaram, cumprimentaram o patrão, então foram orientados que no dia seguinte pela manhã, abatessem uma novilha bem gorda, que no dia de Natal, fariam um almoço especial, e convidariam todos os moradores da fazenda. Outra coisa que nunca havia acontecido antes, os dois saíram satisfeitos, porque sentiram que o patrão estava muito feliz e gentil.

Logo viu passar Dona Teresa acompanhada, dos dois filhos e dos netos, para convidar os moradores para o almoço no dia de Natal.

Sr. Jeremias e Dona Odete, haviam decidido que naquela noite iriam à casa de Sr. Conceição para co-

nhecerem toda sua família. Sem que esperasse, viu chegar a sua casa Dona Teresa acompanhada dos filhos e dos netos. Sr. Jeremias os receberam emocionado, convidou a virem se sentar no banco da área da cozinha, Dona Teresa agradeceu, dizendo que seria uma visita bem rápida, que se sentariam nos bancos sob a árvore do quintal, ele foi chamar Dona Odette com a filha Bárbara, assim que retornaram, Dona Teresa explicou aos dois, o motivo da visita, eles ficaram felizes por terem sido convidados. Otacílio aproveitou, perguntou a Sr. Jeremias se ele poderia ir ajudá-los no preparo das carnes, no dia seguinte. Ele respondeu que iria com todo prazer.

Em pouco tempo percorreram todas as casas, à princípio todos confirmaram suas presenças, Dona Teresa reforçara dizendo que particularmente, ficaria muito descontente, se alguém deixasse de comparecer, todos os moradores tinham muito apreço pela sua pessoa, por ser ela, bem mais acessível e simpática, que seu marido, que era mais temperamental e reservado.

Naquela noite de quinta-feira, fizeram um balanço das providências programadas para aquele

dia, todos os moradores convidados, três Senhoras e quatro Senhores, convidados para ajudar nos preparativos, tudo haveria de transcorrer sem maiores problemas. Sr. Conceição surpreendeu a todos, com a seguinte proposta:

— Pelo que Otacilio calculou, a quantidade de carne necessária para o almoço, será bem pouca, para não se ter tanto trabalho, poderíamos distribuir metade da carne, com as nove famílias que moram aqui, o que vocês acham da ideia?

Dona Isaura, esposa de Otacílio era pessoa muito caridosa, como nos referimos, disse: – Isso sim seria um gesto louvável, de se comemorar o Natal. Vejam bem, eles vêm aqui no sábado, dia de Natal, comem até se fartarem, no domingo em suas casas voltam comer o mesmo de sempre, se ganharem um bom pedaço de carne, ficarão ainda mais felizes.

Sr. Conceição que tinha seu coração endurecido, como se fosse de pedra, disse a nora: – Não é por isso, comer mal estão acostumados todos os dias. O problema é cozinhar toda carne de uma novilha, além de dar uma trabalhadeira danada, pre-

cisaria matar um capado, para fazer banha, para guardar toda carne cozida.

Ninguém disse nada, mas todos entenderam os motivos da caridade de Sr. Conceição, que não era afeito dar nada de graça a ninguém. Dona Teresa imediatamente, concordou em repartir a carne, antes que o marido mudasse de ideia.

Antonio Martines Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 01/01/2026.



Os Preparativos Para o Dia de Natal

DEPOIS DE TER SIDO CONVIDADO para o almoço, e para ajudar, Jeremias foi até à casa de Sr. Jerônimo, ouviu dele que no outro dia pela manhã, iriam abater uma novilha, para o almoço que seria realizado, no dia de Natal na casa do Sr. Conceição, Sr. Jeremias perguntou, se precisariam de ajuda, como ele disse que sim, comprometeu-se ir ajudá-los pela manhã.

Na sexta-feira pela manhã, Jeremias voltou à casa de Sr. Jerônimo, depois os dois passaram à casa de Sr. Leônidas, e foram para o curral, que ficava

retirado das casas, onde o animal havia pousado fechado. Depois de terem feito todo trabalho, relativo ao abate, Sr. Jerônimo deixou Jeremias e Sr. Leônidas, retirando o couro do animal, e foi buscar o carroção com os bois, para transportar a carcaça esquartejada, até a residência de Sr. Conceição.

Os demais convidados para ajudar, foram direto à casa, Otacílio percebeu a ausência de Jeremias, perguntou sobre ele, nenhum deles soube dizer onde Sr. Jeremias estava, considerou que não viria ajudar, conforme havia prometido. Quando o carroção chegou, trazendo as quatro partes da novilha, entenderam que Jeremias estava ajudando aos vaqueiros desde cedo.

Assim que chegaram, Jeremias foi cumprimentar Otacílio e Ana Maria, que já conheciam, como também Jaime, o marido de Ana Maria, e Isaura a esposa de Otacílio, e Dona Teresa, justificou sua ausência dizendo:

— Estava ajudando Sr. Jerônimo e Sr. Leônidas, porque imaginei que aqui não teria nada a fazer, enquanto não chegasse à carne da novilha, para ser desossada. Depois de pendurados os quartos da no-

vilha, em ganchos apropriados, Otacílio explicou aos trabalhadores:

— Papai ontem à noite, sugeriu que fosse doado, metade da carne da novilha, às famílias dos moradores da fazenda, um quarto traseiro e um dianteiro, vocês podem retirar as peças, e colocá-las sobre essa mesa, depois mamãe vais fazer a partilha, de acordo com o número de pessoas de cada família. Os outros dois quartos, retirem as peças e coloquem na mesa da varanda, essas vamos fazer mantas, para o churrasco de amanhã, o que sobrar serão cozidas para serem guardadas na banha de porco. Aqui temos várias facas e um afiador, eu não vou ajudá-los porque não entendo nada disso. Podem ficar à vontade.

Todos foram lavar suas mãos, com buchas e sabão, Sr. Jerônimo que era mais experiente nessa função, deu algumas orientações, cada um pegou uma faca e deram início à desossa. Enquanto trabalhavam Dona Teresa aproximou, disse que estava sendo feito almoço para todos. Não demorou muito tempo, a primeira fase do trabalho estava concluída.

Dona Teresa acompanhada de Francisca, foram até à mesa onde haviam colocadas, as carnes que seriam distribuídas, começaram separar quantidade de carne, proporcional ao número de pessoas de cada família. Como sabemos eram nove as famílias ali residentes, sete colonos e dois vaqueiros, depois colocadas em sacas separadas, e enviadas às respectivas casas. Dessa forma, o Natal começava mais cedo em todas as casas.

Assim que Sr. Conceição chegou para almoçar, os serviços dos homens haviam praticamente terminado, todos foram convidados se servirem, nas panelas sobre o fogão à lenha, e todos almoçaram, uns sentados a mesas, outros nas cadeiras espalhadas. Pela primeira vez, aquelas pessoas tiveram acesso à cozinha da casa do patrão, depois do almoço, Otacílio agradeceu aos homens, pela colaboração prestada, e os dispensaram, cedendo espaço para as mulheres, que chegavam para concluir o trabalho.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 02/01/2026.



As Boas Intuições Devem Ser Reveladas

O ALMOÇO DE NATAL MARCADO para as onze horas, contou com a presença de todos, se houve alguma ausência, não foi percebida. Não obstante Otacílio ter disponibilizado, mais de uma dezena de litros de vinho. A presença de Sr. Conceição, inibiam aos apreciadores a se excederem, exceto os da casa, principalmente Otacílio, Ana Maria e Jaime. Depois do almoço Dona Isaura, aproximou-se de Jeremias e Dona Odete, e

puderam conversar bastante, enquanto Bárbara já aclimatada, passeava no colo das meninas, filhas de Ana Maria e outras da comunidade, para preocupação dos pais ciosos. Enquanto Sr. Conceição conversava com os colonos, sobre o veranico intempestivo, que já perdurava desde o início de novembro, alguém teve a ideia de mandar chamar Jeremias, para que desse seu parecer, quando as chuvas retornariam.

Sr. Conceição achou fora de propósito, consultar Jeremias para dar seu parecer, sobre assunto tão imprevisível, mas não disse nada. Jeremias chegou até eles, Sr. Hilário perguntou:

— Jeremias estamos todos preocupados com esse veranico, que já perdura por quase dois meses, em sua opinião, para quando teremos chuvas?

À princípio Jeremias entendeu como uma brincadeira de mal gosto, mas como estava diante de Sr. Conceição, não se eximiu em responder, disse: — Antes de terminar o ano, teremos muita chuva.

Alguém perguntou: — Mas esse ano, ou o próximo ano?

— Daqui dois ou três dias, acredito que teremos muita chuva.

Sr. Conceição, disse: – Queira Deus que você esteja certo Jeremias.

— Logo a previsão de Jeremias, que nos próximos dias teriam chuvas, circulou entre os presentes, se fizessem uma pesquisa, entre aquelas pessoas, se Jeremias iria acertar ou errar, a maioria absoluta diria que ele acertaria, os antecedentes de suas previsões, o credenciavam para que as pessoas acreditassem nele. Porém essa opinião não era unânime, existiam os incrédulos pertinazes, um deles conhecemos, pelo fato de ter declarado mais de uma vez.

Como os familiares de Sr. Conceição, só iriam embora no ano novo, teriam oportunidade de testemunhar essa previsão. Quem olhasse o céu, não enxergaria nenhum sinal que poderia chover em breve. Mas o sertanejo tem uma fé inabalável, não diria em Jeremias, mas nos poderes de Deus, que podem revelar a certas pessoas, acontecimentos reservados ao futuro. Infelizes daqueles que têm dificuldades para acreditarem, nos poderes de Deus, e nos homens.

Antes do pessoal começar ir para suas casas, Ana Maria buscou as caixas de doces e balas, e dis-

tribuiu entre as crianças, para que levassem, todos dispersaram levando em seus corações a certeza, que se patrões e empregados quisessem, podem perfeitamente viverem em harmonia, porque em verdade, uns precisam dos outros na mesma intensidade.

Quando Sr. Jeremias e Dona Odete chegaram em casa, Dona Odete chamou a atenção do marido dizendo a ele, que continuava falando o que não devia. Jeremias se justificou:

— Me chamaram onde estava Sr. Conceição, perguntaram-me quando iria chover, na hora pensei em não responder, depois sem atinar eu disse “antes do final do ano teremos muitas chuvas”, penso que fui sugestionado dizer, não saberia como, eu não conseguiria omitir, acabei dizendo.

— Depois não vai ficar emburrado, arrependido.

— Não ficarei, seja como Deus quiser que seja.

Na segunda-feira à tarde, o céu pareceu envolto por uma espécie de bruma suave, o sol aparecia enfraquecido por trás, meio avermelhado, nenhuma brisa, apenas um calor insuportável. À noite Jeremias postou-se na janela da cozinha, expiando a

linha do horizonte, do lado que o sol se escondeu, e lá ficou matutando no acontecido, no dia de Natal, na casa de Sr. Conceição, de repente teve impressão de ter visto um relâmpago, continuou espreitando até quando teve certeza, que eram relâmpagos muito distantes. Não disse nada a Dona Odete, que já havia ido se deitar com Bárbara.

Na madrugada ouviu um trovão como emergindo das profundezas, levantou-se voltou à janela da cozinha, os relâmpagos mais fortes se sucediam um após o outro, de vez em quando um trovão distante, voltou para cama, as cinco horas da manhã a chuva chegou timidamente, foi aumentando gradativamente, sem vento, sem muito barulho, devolvendo vida ao sertão.

Sr. Conceição levantou-se assim que começou chover, abriu a janela do quarto, olhando a chuva, lembrou-se das palavras de Dona Isaura, sua nora, quando disse: “Esses videntes existem sim Sr. Conceição, desde os tempos antigos existiram os pítons e as pitonisas, que liam a sorte, e previam o futuro, algumas pessoas nascem com esse dom”.

O dia amanheceu chovendo, Sr. Conceição tomou seu café da manhã, pegou um guarda-chuvas, e foi para o armazém, abriu as portas, sentou-se em seu banquinho atrás do balcão, ficou contemplando a chuva fina que caía lá fora, de repente viu entrar Sr. Felício, com um saco de estopa sobre a cabeça. Como já dissemos, Sr. Felício era a pessoa que mais conhecia os ensinamentos dos Evangelhos, naquela comunidade. Começou conversar com Sr. Conceição, que comentou a previsão acertada de Jeremias, que teriam chuvas ainda naquele ano, que particularmente não acreditava, que isso seria possível. Então ouviu de Sr. Felício:

— Quando Jesus Cristo esteve na Terra, entre os homens, deixou para humanidade um universo de ensinamentos, que os homens não têm preocupação em conhecer, ou conhecem e não praticam, esses ensinamentos estão na Bíblia, em o Novo Testamento, foram escritos por quatro de Seus Apóstolos, Marcos, Lucas, Mateus e João. No Evangelho de Mateus 7.1-5 e 6. Aconselhou aos homens dizendo: “Não julgueis para que não sejais julgados”, em verdade os homens julgam as pessoas

de acordo com o que são e o que pensam, que nem sempre corresponde à verdade.

— O Senhor acredita que essas previsões feitas por Jeremias, são possíveis e verdadeiras?

— Eu não sei, por isso não posso julgar. Em Mateus 12.7 e 8, diz: “Até os cabelos de vossas cabeças estão todos contados”. Isso significa que Deus conhece cada um de nós, melhor que nós mesmos nos conhecemos. Deus deu a cada um de nós dons, que às vezes desconhecemos, por não procurarmos em nós esses recursos, cada pessoa nasce com seu dom, e deve descobrir e fazer bom uso dele. Um detalhe que me chama a atenção nessas previsões de Sr. Jeremias, se é um dom dele prever essas coisas, ele faz da maneira correta, em Mateus 10.8-11 diz: “Dai de graça, o que de graça recebestes”.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 03/01/2026.





Conversas em Família

S E ANTES JEREMIAS JÁ POSSUÍA certa credibilidade, depois dessa previsão feita no dia de Natal, diante praticamente, da comunidade toda, e depois viera se confirmar. Sr. Conceição que até então, não admitia tal possibilidade, mediante as revelações Bíblicas feita por Sr. Felício, que ele também desconhecia, achou melhor daquele momento adiante, abster-se de fazer qualquer comentário desabonador, sobre as pessoas, por entender que era muito ignorante, sobre muitos aspectos, e quando não conhecemos, ou não

entendemos, a melhor coisa que fazemos, e nos abstermos de fazer comentários sem fundamento.

Otacílio, Dona Isaura, Ana Maria e Jaime, eram pessoas bem instruídas. Aquela noite conversando em família, no alpendre da casa de Sr. Conceição, todos eram unânimes em concordar, que Jeremias não era um embusteiro, tanto que só fez a revelação, porque foi solicitado fazer. Fez com toda naturalidade, sem ter tempo para pensar, como se já tivesse em mente a resposta.

Dona Isaura como dissemos tinha um certo conhecimento espiritualista, ratificou seu pensamento sobre essas particularidades das pessoas, dizendo: – Apesar de todos os homens, serem iguais perante Deus, nenhum é igual ao outro, isso significa que cada um de nós estamos em diferentes estágios evolutivos, uns são mais esclarecidos que outros, mas não significa que sejam mais evoluídos espiritualmente, por essa razão temos de aceitar, e respeitar as pessoas como elas são. Temos sempre a aprender com aqueles que estão a nossa dianteira, e temos sempre a ensinar aqueles que estão a nossa retaguarda, é dessa forma que a sociedade se tornará mais civilizada, pacífica e justa.

Sr. Conceição fez uma confissão surpreendente, dizendo: – Hoje conversando com Sr. Felício, cheguei à conclusão, que sou uma pessoa muito ignorante, sobre muitos aspectos, Sr. Felício é um homem pobre e simples, mas possui enorme conhecimento dos ensinamentos bíblicos, que em minha opinião faz dele uma pessoa sábia. Disse-me, se pautarmos nossos atos, de conformidade com esses ensinamentos, seremos pessoas melhores, mais justas e felizes.

Dona Teresa perguntou ao marido: – Será que Sr. Felício sabe ler e escrever?

O marido respondeu: – Sr. Felício é um dos poucos moradores aqui da fazenda, que sabe ler e escrever, assim que se mudou, veio até mim e perguntou, se poderia pregar a Palavra de Deus aos moradores. Concordei, até sugeri construir uma capela, explicou-me que apesar de ter nascido católico, tornara-se evangélico, convidaria as pessoas irem à sua casa, caso aceitassem, bastava construir um pequeno salão. Como todos os moradores se recusaram por serem católicos, ninguém quis participar, então desistiu. Mas duas ou três vezes por semana, sua família reúne, e estudam os Evangelhos, lá em sua casa.

Dona Teresa perguntou admirada: – Por que não me disse antes essas coisas?

— Quando nos convidou participar, disse a ele que também éramos católicos.

Dona Isaura mais entendida nessas questões, opinou: – A religião Sr. Conceição, não é importante, todas as pessoas, independente de religião, deveriam conhecer e praticar, os ensinamentos de Jesus, as religiões foram criadas pelos homens. A palavra de Deus, é a mesma para todos, foram reveladas, para orientar toda humanidade.

Dona Teresa perguntou à nora: – Mas que eu saiba, você e Otacílio são também católicos?

— Há muito tempo deixamos de frequentar a Igreja, preferi eu mesma estudar as coisas de Deus, e me sinto muito bem assim. Otacílio não frequenta a Igreja, e nem estuda, assim como a maioria das pessoas, só lembram de Deus, nas aflições.

Todos hão de se lembrar que na previsão de Jeremias, que naquele final de ano teriam muita chuva, antes de irem se deitar, Sr. Conceição saiu ao terreiro, olhou o céu, todo iluminado de estrelas, pensou consigo mesmo, o importante é que a

terra está molhada. Na madrugada, ouviu o vento sacudindo os galhos das árvores, sem perceber voltou a dormir, acordou com a chuva sobre o telhado. Levantou-se foi até à janela, o vento havia cessado, nenhum relâmpago, somente a chuva caía mansa molhando tudo. Naquela região dificilmente ocorriam duas chuvas sucessivas, em tão pouco espaço de tempo. Lembrou-se que Jeremias tinha falado, que naquele final de ano teriam muita chuva, então fez um compromisso consigo mesmo, de não mais criticar, nem duvidar de Jeremias.

No primeiro dia do ano, todos ficaram em suas casas. Os filhos de Sr. Conceição, já haviam combinado previamente, com o dono do automóvel, para que viesse buscá-los na segunda-feira, depois do ano novo. Iriam até essa cidade próxima, chamada Cachoeirinhas, onde tomariam um transporte coletivo, para voltarem até suas cidades. Naquele final de semana, arrumaram todas as malas, para começarem fazer a viagem de volta.

Não obstante Sr. Conceição continuar sendo a mesma pessoa, como sempre foi, aquele fora um final de ano muito especial, pela primeira vez, por

iniciativa dos filhos, permitiu convidar todos os moradores de sua fazenda, compartilharem de um almoço de Natal em sua casa, e isso de certa forma, promoveu significativa reaproximação, entre ele e os colonos, depois de um ano tumultuado, devido o episódio da venda da safra de farinhas.

Antonio Martines Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 05/01/2026.



Epílogo

ALGUNS COLONOS acompanhados de suas famílias, foram até à casa de Sr. Conceição, na segunda-feira pela manhã, despedirem de seus filhos, em sinal de gratidão, entre eles Sr. Jeremias, Dona Odete e a pequena Bárbara. Sr. Conceição absteve de abrir seu armazém, para ficar ao lado de seus filhos, do genro, da nora, e dos quatro netos, enquanto o automóvel não chegava. Antes de partirem, Otacílio emocionado, disse que envidariam todos os esforços, para de agora em diante, virem todos os finais de ano

visitar os pais, e repetirem a confraternização, à exemplo do que aconteceu agora.

Assim que o automóvel partiu, ficou uma espécie de silêncio e vazio, Dona Teresa com lágrimas nos olhos, e Sr. Conceição consternado, foram para seus afazeres, cada um a sua maneira, avaliando o quanto se perde, viver distante dos filhos e dos netos.

Naquela mesma tarde, Dona Teresa conversando com o marido, disse que conversaria com Sr. Felício, depois visitaria todas as casas dos moradores, explicando o que Dona Isaura disse a respeito de religião e dos ensinamentos da Bíblia, convenceria a todos, ou parte deles, a exemplo deles, começarem participar dos cultos realizados na casa de Sr. Felício. Que o marido havia se comprometido construir um salão, para a realização desses cultos, em local que achassem mais apropriado, talvez ao lado do empório.

Sr. Conceição não só apoiou a ideia da esposa, como comprometeu-se ir com ela realizar essas visitas.

O primeiro a ser consultado foi o Sr. Felício, que ficou muito feliz com a possibilidade, dizendo que esse seria o maior sonho, que desejaria realizar

nessa vida, e se juntou ao casal, para percorrer todas as casas. E o resultado não poderia ter sido melhor, diante dos argumentos de Dona Teresa, baseado no que dissera a nora, Dona Isaura, todos compreenderam a necessidade de conhecerem os ensinamentos de Jesus, principalmente os jovens e as crianças, que teriam pela frente, ainda muito tempo. Diante da aceitação expressiva, Sr. Conceição disponibilizou todo o material, para que os próprios moradores construíssem esse espaço, para realização dos cultos, para que todos aprendessem orar a Deus.

Liderados por Jeremias e Sr. Belarmino, em menos de um mês o salão espaçoso, havia sido construído, e uma porção de bancos de madeira, onde todos pudessem se acomodar, e a data do primeiro culto foi marcada. Quase todos compareceram, para maioria, apesar se considerarem católicos, muito pouco, ou quase nada conheciam dos Evangelhos. Em seu primeiro culto, Sr. Felício começou discorrendo sobre: Mateus 4.4, que diz “Que não só de pão vive o homem, mas de toda palavra que sai de boca de Deus”. Que os homens vivem preocupados com as necessidades

do corpo, e se esquecem das necessidades da alma ou do espírito.

Depois discorreu sobre os escritos de Marcos 2.17 e Lucas 5.31-32. Quando Jesus disse: “Os sãos não precisam de médicos, e sim os doentes”. Começou explicando, que quando Jesus disse essas palavras, estava se referindo não às doenças do corpo, mas sim, às doenças das almas, e na humanidade toda, quão poucos homens possuem suas almas purificadas, ou seja, todos somos pecadores, temos nossas almas mais ou menos doentes, comprometidas em erros, maldades, ódios e invejas, portanto todos indistintamente necessitamos de médicos, que em seu entendimento, seriam os ensinamentos de Jesus, que falava em nome Deus, para através deles amenizar nossos sofrimentos, e orientarmos o que devemos fazer, para que deixássemos de praticar, tudo aquilo que venha comprometer a saúde de nossas almas.

Como faltavam mais de dez minutos, para expirar o tempo de uma hora, previsto para a duração do culto. Sr. Felício perguntou se alguém gostaria dizer alguma coisa, sobre alguma experiência, onde

percebera a presença de Deus em sua vida? Jeremias levantou o braço.

— Pois não Sr. Jeremias, pode dizer:

Sr. Jeremias um tanto acanhado disse: – Eu e minha esposa, tínhamos o hábito de beber além da conta, em determinado momento percebemos se continuássemos, não teríamos nenhum futuro, então pedimos forças a Deus, para resistirmos as tentações da bebida, depois que mudamos para essa fazenda, temos cumprido nossa promessa, hoje temos nossa filha, muitos amigos, sentimos que nossa vida melhorou em todos os sentidos.

Sr. Conceição também quis falar: – Até pouco tempo atrás, julgava ser uma pessoa, que de fato não era, quando Sr. Felício me explicou alguns ensinamentos do Evangelho, reconheci minha ignorância, e quanto era pequeno perante as coisas de Deus, estou com mais de cinquenta e três anos, quero nesse tempo que me resta, conhecer o máximo que puder, os ensinamentos de Jesus, e procurar ser uma pessoa melhor, depois desse culto que acabamos de assistir, avalio o quanto deixamos de aprender, nesses oito anos que Sr. Felício mora aqui com a gente.

Sr. Felício emocionado disse: – Somente Deus sabe a felicidade que estou sentindo, em poder revelar os ensinamentos de Jesus, para vocês, essa era minha intenção quando mudamos para essa fazenda, mas como tudo acontece ao tempo devido, peço a Deus, que me dê mais alguns anos, para ajudá-los compreender, tudo aquilo que fez de mim, uma pessoa melhor e mais feliz.

Dona Teresa muito emocionada, falou: – Acredito que esse final de ano foi muito especial, para todos nós, a presença de nossos filhos, a confraternização de Natal, as previsões acertadas de Sr. Jeremias, levou-nos conversar assuntos muito importantes, minha nora Isaura, pessoa muito esclarecida, ajudou-nos compreender coisas que desconhecíamos, que os ensinamentos de Jesus, e os poderes de Deus, são os mesmos para todas as pessoas, independente de religião.

Sr. Felício convocou a todos fazerem a Oração que Jesus nos ensinou, que encontramos em Mateus 6.9-13, a Oração do Pai Nosso, depois

deu por encerrado o primeiro culto, onde se encontravam reunidos, irmãos ávidos dos conhecimentos de Deus.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 06/01/2026.

Fim





UM CABRA CHAMADO **JEREMIAS**

São Sebastião Pontal - MG